

Marlei Teresinha Santos de Moraes

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: O SENTIDO DAS  
IMAGENS E OS OLHARES QUE SENTEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, sob a orientação da Dra. Graciela Rene Ormezzano.

Passo Fundo

2007

Agradeço a Deus por ter me dado fé, saúde e desejo para realizar a minha pesquisa. A minha família que me deu amor, tempo, compreensão, eu amo vocês. Agradeço aos meus amigos que me acompanharam em todos os passos de minha caminhada. A Universidade de Passo Fundo pela oportunidade de participar do programa de mestrado e poder viabilizar minha pesquisa. Agradeço a escola “adolescente” que me abrigou, Centro de Ensino Médio Integrado UPF. A minha sempre diretora pelo apoio, pelo carinho, pelo incentivo e pelos livros. Agradeço a minha primeira inspiradora nesta temática, prof.<sup>a</sup> Carmen Lobato, também, pelos livros. Aos meus queridos alunos, orientandos e sujeitos da minha pesquisa, pela disponibilidade, pela colaboração e, sobretudo, pela oportunidade de aprendizagem que me proporcionaram. Agradeço a minha querida orientadora prof.<sup>a</sup> Dra. Graciela Rene Ormezzano, que com seu saber sensível me guiou, apoiou-me, deu-me espaço de autoria para que eu pudesse voar. A prof.<sup>a</sup> Dra. Tânia Fredo pela forma carinhosa pela qual contribuiu para qualificar o meu trabalho. Por fim, a prof.<sup>a</sup> Dra. Dulce Helena Penna Soares que esteve o tempo todo presente, em minhas leituras e também nas contribuições para a qualificação.

## RESUMO

Este trabalho investiga o que significa para os adolescentes sua participação em oficinas de orientação profissional. Durante os encontros, provocou-se as expressões adolescentes para entender o significado da proposta metodológica de orientação profissional. A oficina foi distribuída em onze encontros, com dinâmicas de sensibilização, exploração, autoconhecimento, jogos, produções textuais e produções plásticas. Participaram da oficina nove alunos concluintes de uma escola de ensino médio, tendo como critério de participação, fundamentalmente, a vontade e a disponibilidade dos mesmos, ficando composto por seis meninas e três meninos. Os alunos, por meio de material escolhido, expressaram por textos iconográficos o que significou para eles a participação nestas atividades de orientação profissional. A interpretação dos textos deu-se com base na leitura transtextual singular, segundo Ormezzano (2001). Com a leitura das imagens constatou-se que a participação na oficina de orientação profissional significou para esse grupo de alunos um espaço de escuta às suas perguntas. Nos momentos de reflexão sobre si e sobre as profissões, os adolescentes foram se descobrindo e construindo a identidade ocupacional.

Palavras-chave: significado, adolescentes, oficina, orientação profissional, imagem.

## ABSTRACT

This work was done to investigate what the meaning was for teenagers in participating of professional orientation workshops. During the meetings, teenager's expressions were provoked to understand the meaning of the methodological professional orientation proposal. The workshop was divided into eleven meetings, with dynamics of sensibilization, exploring, self knowledge, games, textual productions and art productions. Nine senior students of a high school participated in the workshops, having as a fundamental participation criteria, their will and their availability, being composed of six girls and three boys. The students through chosen material, expressed through iconographic texts what the participation in these activities of professional orientation meant to them. The interpretation of the text was given based on the singular transtextual reading, according to Ormezzano (2001). With the understanding of the images, we found out that the participation of the professional orientation workshops for this group of students was a listening space to their questions. In the moments of self reflexion and reflexion of the professions, the teenagers were discovering and building their occupational identity.

Key Words: meaning, teenagers, professional orientation workshop, image

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	10
1.1 Adolescência: a fase da lagarta .....	10
1.2 O adolescente e o processo de escolha: a fase do casulo .....	28
1.3 Imaginando com os adolescentes: o que o olho vê o coração sente .....	49
2 RECURSOS METODOLÓGICOS .....	56
2.1 Campo de ação .....	57
2.2 A oficina e os instrumentos: descobrindo a saída do casulo .....	58
2.3 Descrição das oficinas .....	58
2.3.1 Primeiro encontro: o que estou fazendo aqui? .....	58
2.3.2 Segundo encontro: como estou me sentindo?.....	58
2.3.3 Terceiro encontro: minha família .....	59
2.3.4 Quarto encontro: do que gosto?.....	60
2.3.5 Quinto encontro: o que eu sei fazer?.....	61
2.3.6 Sexto encontro: preciso escolher .....	62
2.3.7 Sétimo encontro: o que vou ser?.....	63
2.3.8 Oitavo encontro: com a mão na massa .....	63

2.3.9 Nono encontro: juntando as peças .....	64
2.3.10 Décimo encontro: a despedida .....	65
2.3.11 Encontro de avaliação.....	66
3 SURGE A BORBOLETA .....	67
3.1 Compreensão das informações .....	67
3.2 Figura 1: Elétrica Flor .....	69
3.3 Figura 2: Lagoa Azul .....	75
3.4 Figura 3: O Grande Viajante .....	79
3.5 Figura 4: Brisa Branca .....	84
3.6 Figura 5: Pescador de Ilusões .....	88
3.7 Figura 6: Arco-íris .....	93
3.8 Figura 7: Borboleta .....	98
3.9 Figura 8: Cachorro Justo .....	102
3.10 Figura 9: Coruja .....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	110
REFERÊNCIAS .....	113
APÊNDICE .....	117

## INTRODUÇÃO

Escolher uma profissão é escolher um projeto de vida. Quando optei por trabalhar com educação, em 1990, penso que não foi por acaso, pois desde aquela época tinha o desejo de estudar conteúdos relacionados ao desenvolvimento humano e suas aprendizagens.

Iniciei minha vida acadêmica cursando Pedagogia: Séries Iniciais, curso no qual tive oportunidade de trabalhar com alfabetização e acompanhar as descobertas das crianças na construção de seu conhecimento. Durante meu processo profissional, vivenciei experiências com educação infantil, nas quais aprendi muito com os pequenos sobre a forma como podemos ver a vida como ela é, e apreciar, tudo o que há de belo naquilo que parece bem simples aos olhos dos adultos.

Em 1994, escolhi fazer especialização em Orientação Educacional por ser uma área que tinha interesse em aprender. Ao concluir o curso já iniciei minha atuação e, de forma desafiadora, comecei a trabalhar com adolescentes. Contudo, na prática, percebi o quanto precisava estudar mais para conhecer esta fase e poder contribuir para o seu desenvolvimento, por se tratar de um período muitas vezes visto como difícil, conturbado, perturbador e até evitado por alguns profissionais, por não se sentirem capacitados para tal tarefa. Num primeiro momento, senti-me também assustada por não conhecer muito sobre a temática, o que me fez continuar procurando em leituras, cursos, palestras, subsídios que me proporcionassem mais segurança sobre o assunto.

Em 1996, fiz mais uma escolha relacionada a questões de aprendizagem ao cursar a especialização em psicopedagogia. Minhas perguntas continuavam a ecoar em minhas produções escritas e práticas, no sentido de aprender mais para poder crescer como profissional e me realizar pessoalmente. O trabalho de orientação profissional aos

adolescentes para o qual me sentia desafiada, instigava-me cada vez mais e eu fazia de suas dúvidas minhas inquietações, pois, de certa forma, revivia meus próprios sonhos e desejos em relação às minhas perguntas.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, vislumbrei a possibilidade de pesquisar sobre a orientação profissional, uma vez que já estava realizando este trabalho na escola. Então, percebi a oportunidade de responder a uma questão que me inquietava: Como o meu trabalho poderia influenciar nas escolhas dos adolescentes? O que significaria para esses adolescentes participarem de encontros em forma de oficinas de orientação profissional, os quais eu desenvolvia?

Considerando o trabalho que venho realizando junto aos adolescentes que se encontram num momento decisivo de seus projetos de vida em relação à escolha de sua profissão, vejo como algo de suma importância, a realização de uma investigação junto a esses no sentido de tentar compreender esse processo de busca constante de autoconceito para a construção de sua identidade vocacional. Observo que os adolescentes enfrentam uma fase de dinâmicas transformações, sejam orgânicas, sejam emocionais ou relacionais; ao mesmo tempo, precisam tomar decisões, fazer escolhas em todos esses âmbitos, e a escolha profissional se vê influenciada por todos esses aspectos.

Toda escolha pode implicar sentimentos de angústia, de dúvida, insegurança e perda. O adolescente, que é desejoso de certezas e respostas imediatas, depara-se com essa etapa conturbada, na qual muitos olhares buscam neles uma resposta. Mas será que a resposta esperada é a que eles conseguem dar neste momento? Então, os jovens buscam olhares que possam olhar com eles para esse futuro que desejam, mas que temem, em razão do que desconhecem. Ao olhar, escutar e pensar com o adolescente sobre sua problemática, é possível proporcionar-lhe espaços para que possa pensar sobre si mesmo, indagar-se sobre suas subjetividades e elaborar suas próprias respostas.

A presente pesquisa teve como proposta investigar o significado das expressões adolescente durante sua participação nas oficinas de orientação profissional e sistematizar uma proposta de orientação que possa dar conta da construção decisória da identidade profissional. Para isso, foram ministradas oficinas de orientação profissional com atividades dinâmicas que oportunizaram aos adolescentes um autoconhecimento para que pudessem entender sua identidade vocacional. O aporte teórico subsidiou a prática nas oficinas, envolvendo o entendimento da fase em que se encontram os sujeitos da pesquisa e a compreensão das informações coletadas durante o desenvolvimento do processo.



As escolhas pressupõem conflitos. Em razão da minha experiência como orientadora educacional, posso afirmar que a orientação profissional pode contribuir auxiliando os adolescentes a construírem suas identidades profissionais. Com base nisso, o problema que se apresenta é: Qual é o significado para adolescentes da sua participação nas oficinas de orientação profissional? Uma proposta metodológica de orientação profissional em forma de oficina, que oportunize espaços de reflexão sobre si, sobre as profissões e o mercado de trabalho, poderá promover a descoberta da identidade vocacional?

Para isso, os jovens responderam à pergunta sobre o que significou para eles participar das oficinas por meio de textos iconográficos, para cuja compreensão foi utilizada a leitura transtextual singular, proposta por Ormezzano (2001). A expressão dos jovens no trabalho deu-se pelas figuras escolhidas por eles, considerando a estreita relação que estabelecem com as imagens. O mundo contemporâneo, inundado de imagens virtuais e reais, também traz novas significações das formas de expressão dos adolescentes. Assim, perceber seus significados por meio de imagens permite utilizar a linguagem visual expressada pelos adolescentes para compreender seu processo educativo na escolha profissional. Desse modo, o trabalho se inclui na linha de pesquisa Processos Educativos e Linguagem, considerando a oficina de orientação profissional como parte de um processo educativo e a leitura das imagens produzidas por eles, como linguagem.

O primeiro capítulo é formado pela fundamentação teórica e trata de falar sobre a adolescência, sua caracterização, seus dilemas e seus desafios com base nos autores: Calligaris(2000), Osório(1992), Outeiral (2001), Pereira(2005), entre outros. O processo decisivo na escolha da profissão é o aspecto mais explorado. Considerando o tema da pesquisa, para nortear tanto o entendimento deste aspecto quanto à prática na oficina, foram retomadas algumas teorias da orientação profissional. Para tal, utilizou-se vários autores, podendo-se destacar entre eles Bohoslavsky (1977), Giacágia (2003), Pimenta (1990), Lucchiari (1993) e Soares (1987) e (2002). Na tentativa de entender o significado para os adolescentes de sua participação nas oficinas, foi utilizado o estudo da teoria do imaginário, fundamentalmente em Durand (2002) e Chevalier e Gheerbrant (2006).

No segundo capítulo constam os recursos metodológicos, no qual são descritos o campo de ação e participantes, a oficina e os instrumentos. O terceiro capítulo trata do processo de compreensão das informações com base na LTSI, proposta por Ormezzano.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O suporte teórico deste trabalho compreende, necessariamente, três aspectos fundamentais. Inicialmente, faz-se uma revisão de literatura acerca da adolescência; em seguida, uma aproximação às teorias da orientação profissional, considerando que o trabalho propõe uma metodologia de orientação profissional. Finalmente, realiza-se um estudo bibliográfico a respeito das teorias do imaginário, as quais iluminarão a compreensão e interpretação dos textos iconográficos produzidos pelos sujeitos.

### 1.1 Adolescência: a fase da lagarta

Adolescência é a fase de transição entre a infância e a vida adulta, o momento em que se faz a pergunta: Quem são eles? Quem são os outros? Momento em que o jovem faz identificações com as figuras parentais e necessita distanciar-se delas para poder encontrar-se, negando muitas vezes tudo o que possa vir a torná-lo semelhante. Precisa separar-se para poder unir suas partes e construir seu todo.

Adolescente, sujeito e objeto desta pesquisa, é alguém que passa por uma fase evolutiva considerada como um momento crucial do desenvolvimento humano, que marca desde a aquisição corporal definitiva à estruturação final de sua personalidade, com mudanças significativas do ponto de vista biopsicossocial.

Segundo Calligaris (2000), o adolescente pode ser definido como alguém que teve tempo de assimilar os valores mais banais compartilhados na comunidade (sucesso financeiro/ social/ amoroso/ sexual) e, ainda, aquele cujo corpo chegou à maturação

necessária para que possa realizar com eficácia as tarefas apontadas por esses valores e, finalmente, a quem é dada uma moratória. Esses indivíduos são instruídos pela escola, pelos pais, pela mídia para que adotem os ideais da comunidade.

De acordo com Pereira (2005), a palavra “adolescência” deriva do substantivo *adollacentia*, que significa “crescer” ou “crescer em direção à maturidade”. Na psicologia do desenvolvimento, adolescência é um constructo teórico referente a um processo, não um estado, caracterizado pelas mudanças psicológicas que ocorrem num período de transição entre a infância e a idade adulta:

É uma época de definição da personalidade, na qual o modelo de perfeição dos pais é desconstruído. Neste processo o idealismo infantil dirigido aos pais vai se diluindo e estes deixam de ser pessoas perfeitas para serem aceitos como seres humanos com defeitos e qualidades. (PEREIRA, 2005, p. 95)

Osório também faz uma definição deste período:

A adolescência – entende-se aqui o termo, conforme sugerimos, é o conjunto de transformações psicológicas que acompanham o fenômeno biológico da puberdade – é a resultante de um paralelogramo de forças, onde os fatores intrapsíquicos e sócio-culturais constituem os vetores que o compõem. (OSÓRIO, 1992, p.21)

Bueno (1996) define adolescência como: “s.f: o período da vida entre a puberdade e a vida adulta (dos 14 aos 18 anos, aproximadamente); juventude.” (BUENO, 1996, p. 24). Já o termo “adolescência” é conceituado como: “v.int: Atingir a adolescência: crescer, desenvolver-se” (BUENO, 1996, p.24).

O adolescente vivencia as transformações passando por dilemas: o existencial, pelo confronto com as expectativas do meio familiar, as demandas da sociedade e seus próprios desejos; o vocacional, porque precisa construir sua identidade driblando as interferências que o pressionam e, ao mesmo tempo, o constroem, e o dilema sexual, pelo qual novamente se depara com a crise de valores da família e com a necessidade de assegurar uma relação afetiva estável. Embora todos os dilemas mencionados sejam importantes na formação da personalidade do adolescente, neste trabalho será direcionado o foco para os que são determinantes para o processo de escolha profissional: o existencial e o vocacional.

As palavras de ordem do mundo contemporâneo, conforme Weinberg (2001 p.11), são: “Seja jovem, seja feliz, seja magro, seja bem informado, seja alguém de sucesso!”. Ser tudo isso ao mesmo tempo impõe responsabilidades difíceis de serem cumpridas, pois não é fácil responder a todas as expectativas do mundo. Se tal tarefa pode ser um “fardo” para os adultos, pode ser ainda mais árdua para os adolescentes, que, além dessas expectativas, ainda têm de superar os seus dilemas.

Os jovens vivem no mundo das imagens, das informações rápidas e, muitas vezes, descartáveis. Adolescentes são formados e, por que não, formatados e configurados para acompanhar essas mudanças das quais também fazem parte. Outeiral ilustra que

[...] após várias gerações onde os paradigmas e os valores permaneciam estáveis, temos, hoje, uma sociedade em mudança, com rápidas transformações, numa alteração por vezes frenética ou maníaca, em que a incerteza e a dúvida são evidentes nas famílias e nas escolas. (OUTEIRAL, 2001, p. 24)

É nesse contexto que o jovem vai construindo sua subjetividade para poder encontrar-se com seus desejos; vai formando sua identidade, fazendo suas escolhas. Essas transformações em sua vida vão também transformando a vida em seu entorno; assim, ele é ator e autor deste cenário do qual faz parte. Conforme Sprinthall:

O modo como a família encara as situações e problemas específicos da própria adolescência é também um aspecto importante. A transição da infância para a vida adulta acarreta alguns desafios especiais. A rapidez com que ocorrem as transformações primárias – a nível físico, cognitivo e social coloca exigências à família, as quais por vezes são sentidas intensamente pelos adolescentes. (2003, p.295).

Nesse período ocorre um turbilhão de mudanças. Os adolescentes desejam separar-se dos pais, mas, ao mesmo tempo, temem perder os pais da infância, do colo, do conforto, do cuidado. Seus pais, da mesma forma, passam por sentimentos ambivalentes: precisam deixá-los crescer, mas temem perder o filho infantil que estava sempre por perto, podiam acompanhar, cuidar, proteger. Ao deixá-los ir, temem por sua segurança, pois conhecem os perigos que eles enfrentarão:

Para os adolescentes, viver tem sido uma excursão na selva, só que os guias queimam mapas e deixam os jovens quando muito com a bússola. Esperam que os guiados descubram novos caminhos que supõe delirantemente que serão melhores que os velhos traçados. Os jovens não ficam a sós, ficam solitários, o que é diferente, desacompanhados de maiores referências, sem recursos aos mapas, e ainda com a tarefa de carregar junto os amnésicos guias que parecem não querer lembrar-se das pedras em que já tropeçaram. (CORSO, 2000, p.125)

Os pais, com a pretensão de continuar protegendo-os, insistem em desenhar o mapa do caminho pelo qual eles terão de passar. Os jovens tomam este mapa (roteiro) muitas vezes para não alongar a despedida, mas, assim que conseguem se distanciar, guardam o “desenho” numa gaveta de seus “quartos-corpos” desorganizados e desarrumados, contando que, mesmo que queiram retomá-lo, não o encontrarão. Ao mesmo tempo, isso os deixa mais seguros, pois, se procurarem bem, poderão encontrá-lo. Pereira (2005) também faz uma referência a esta dificuldade de encontrar o caminho certo e superar as separações. Conforme o autor:

O ajustamento dos jovens á separação afetiva de sua família pode implicar momentos dolorosos para ambos os lados. Inevitavelmente haverá sensações ocasionais de perda e de saudade, um período de luto em que todos terão como tarefa elaborar a dor da perda de um passado, de uma época anterior “quando todos estavam juntos”. (PEREIRA, 2005, p. 97)

Neste momento, tanto o adolescente quanto sua família enfrentam dificuldades. Os jovens buscam ativamente autonomia e independência, desejam ter o controle sobre suas decisões defendendo tudo aquilo que lhes pertence, inclusive sua maneira de pensar. Nesse processo, os ideais de pais são colocados em xeque, pois deixam de ser pessoas perfeitas para começarem a ser aceitos como humanos com defeitos e qualidades. Segundo Almeida:

A adolescência constitui, pela lógica própria de seu processo de identificação, um momento-chave que coloca em questão algumas “certezas” da idade adulta, propiciando o retorno do sujeito-adulto sobre sua própria história, o que explicaria as dificuldades e, sobretudo, as resistências do educador na sua tarefa de transmissão cultural e educativa, ou as do psicanalista, quando toma um adolescente em análise. A crise da adolescência remete pois, o adulto, às suas verdadeiras questões e ao reencontro forçado com sua infância perdida. (ALMEIDA, 2000, p.58)

A referência dos adultos leva a que os adolescentes sintam-se amados e protegidos. Os pais têm o papel de insistir em passar valores, crenças e posturas, embora pareça, às vezes, que eles não estão escutando. Pais que desistem perante a falta de ouvidos de seus filhos estão desistindo de seus filhos.

A identidade adolescente forma-se a partir das relações que ele estabelece com as pessoas importantes de suas vidas. Logo, a ausência dessas pessoas muitas vezes deixa os jovens sem referência, com o que pode surgir o perigo das identificações com seus pares, que muitas vezes fizeram escolhas inadequadas. Soares ilustra bem essa fase:

Este jovem, neste momento, está em fase de transição. De um lado seus interesses de criança de outro, o mundo dos adultos. Seu comportamento muitas vezes reflete que ele ainda é uma criança, outras vezes mostra-o decidido e cheio de razão como se fosse um adulto. (SOARES, 1987, p. 10)

Os adolescentes transformam-se e, concomitantemente, provocam transformações que acabam por retornar a eles. Dessa forma, quando se fala das dificuldades que muitos adultos enfrentam para entendê-los, pode-se compreender o porquê. Segundo Gutierrez (2003), o adolescente está num tempo de constituição subjetiva que coloca em xeque o mundo adulto, até então apresentado como o lugar das realizações plenas, no qual a satisfação poderia ser alcançada.

Os adultos, ao tentarem entender o adolescente em toda sua subjetividade, muitas vezes não conseguem separar os seus desejos e acabam por criar demandas próprias; assim, contagiados pelas expectativas da contemporaneidade, exigem algo que o adolescente ainda não está pronto para dar, até porque os adultos não conseguem ter clareza do que desejam dele, como bem ilustra Pereira:

Na sociedade contemporânea, devido as mudanças tecnológicas, sociais, morais e políticas extremamente rápidas que tem ocorrido nas últimas décadas, são muitas as dificuldade quanto ao que se deva esperar dos adolescentes e de como persuadi-los a satisfazer estas expectativas. Nunca, na história conhecida da humanidade, houve uma quantidade tão grande de informações em circulação. (2005, p.98)

Conforme Calligaris (2000), os adolescentes nascidos nesta família moderna, além de todos os seus dilemas e desafios para tentarem se entender, precisam entender, acompanhar e atender às demandas desta família, que é a sua família, e conflituam com diversos sentimentos: “Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldade de crescer no quadro complicado da família moderna.” (CALLIGARIS, 2000, p.8). Ainda, diante expectativas adultas, os adolescentes, desde crianças, aprendem que o sucesso é o caminho para a felicidade.

Ao longo de mais ou menos 12 anos, as crianças, por assim dizer, se integram em nossa cultura e, entre outras coisas, elas aprendem que há dois campos nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: às relações amorosas/sexuais e o poder (ou melhor, a potência) no campo produtivo, financeiro e social. (CALLIGARIS, 2000, p. 14)

Desde cedo o adolescente aprende o que os adultos estão lhe pedindo em troca da felicidade prometida, ou seja, que se destaque, que seja alguém de sucesso para que seja feliz. Esse mandato por si só já seria o suficiente para instalar uma crise diante desta demanda, que prejudica o momento em que deveria utilizar-se de toda sua energia no esforço de tentar encontrar a si mesmo, como refere Pereira (2005, p.9): “No sentido original de Erikson, a crise de identidade acontece quando um jovem percebe um conflito entre os materiais sociais que pode empregar em sua vida e seu desejo ou aptidão para usá-los.”

Ainda de acordo com Pereira (2005), o ser humano em pleno crescimento formula regras ou normas que relacionem sua própria imagem com a imagem da vida ao seu redor, definindo, assim, as relações entre o sentimento de si mesmo e o sentido do mundo social que o rodeia. É isso que cria o sentimento de individualidade do adolescente.

A adolescência, por ser um encontro consigo mesmo, é um momento de introspecção, no qual o jovem precisa olhar para todos os lados e tentar se encontrar; é um misto de insegurança, ansiedade, medos e desejos que deve ir se organizando e estruturando; é momento de poder estar só para poder ficar junto. Hoyer (2000) afirma que a adolescência é momento de solidão estrutural necessário, pois, no momento em que o nada faz sua entrada, o sujeito é convocado a criar sua saída, isso não sem angústia; o jovem tem de se haver com o que dispõe para se estruturar. É um momento de crise em que

ele precisa construir sua identidade, revisar seus ideais de figuras parentais e seus valores, como refere Perdomo:

A adolescência é um momento crítico em vários sentidos. Trata-se da remodelagem da própria identidade, da contestação e revisão das figuras parentais idealizadas, da necessidade de distanciar-se para constituir outro tipo de vínculo com elas. É um momento de questionamento dos valores, de enfrentamento de gerações, de procura de escolhas e de novas identificações. (2001, p.140).

Sendo o desenvolvimento humano um processo evolutivo em direção à maturidade, Pereira (2005) entende que é um processo descontínuo, de transição, de interação entre o organismo e o ambiente onde está inserido o sujeito em desenvolvimento. Nessa interação, tanto o sujeito influi quanto é influenciado, num movimento simultâneo, como se fosse um espiral; assim, o que ocorre não é simplesmente uma resposta aos estímulos externos que determinam o desenvolvimento em direção à maturidade, “[...] mas sim que o organismo é o ator, e está ativo” (PEREIRA, 2005, p.5) nessa transformação.

Esse sujeito em desenvolvimento, em constante transformação, desde seu corpo que se modifica até seus sentimentos em relação a tudo o que está acontecendo com ele, vai construindo essa imagem de si a partir do olhar do outro. Segundo Gutierrez:

Na adolescência o jovem deve transformar essa imagem de si mesmo, pois é chamado a responder de outro lugar em função da transformação do olhar do Outro diante das modificações pubertárias. Os jovens expressam claramente essa passagem e esse questionamento sobre o próprio lugar diante da demanda do adulto quando reclamam dizendo: “Para algumas coisas sou adulto e para outras sou criança?” Falta apenas completar: “O que vocês querem de mim?” (2003, p.71)

Diante das modificações de seu corpo, o adolescente entra em conflito, retoma seu corpo infantil no colo do adolescente e precisa abandoná-lo em troca de outro, diferente, que agora terá de reconhecer como seu. Isso implica toda uma ressignificação, pois um novo significado deverá ser construído nesta passagem. Conforme Lopes:



Com o adolecer, frente as modificações no Real do corpo, o sujeito é lançado em uma incoerência entre o sentido de outrora e um corpo que se lhe apresenta como um Outro corpo. Diante do que um novo sentido terá de ser inventado pelo sujeito ao preço de uma perda do sentido anteriormente cristalizado em um *Ideal de eu*, representando uma outra passagem ao estado de significante. Uma passagem da criança ao adulto, sempre por ressignificar. (2000, p 175)

Enquanto o corpo ainda se apresenta como um desconhecido, o adolescente sente-se ainda muito inseguro em relação à imagem que tem de si; assim, é natural que, por vezes, procure tentar esconder-se para se proteger deste constrangimento. De acordo com Gutierrez:

É intensa a preocupação com o próprio corpo demonstrada pelo púbere. O corpo apresenta-se como um desconhecido, que interroga e interpela o sujeito. É comum uma tentativa inicial de ocultar essas mudanças por meio das roupas largas freqüentemente usadas pelos adolescentes, mantendo certa indiferenciação sexual. (2003, p. 71)

Os jovens, ao passarem por esta fase, vivenciam momentos de tensão e ansiedade, pois precisam de tempo para se integrar às mudanças físicas, psíquicas e sociais que experimentam. Como ilustra Pereira (2005), os adolescentes devem aprender a lidar com este novo corpo e com as novas sensações que estão experimentando neste ajuste da sua auto-imagem, na busca progressiva da consciência de si próprios, e, ainda, devem ajustar esta imagem ao lugar que agora ocuparão socialmente.

O adolescente experimenta vivências diversas na tentativa de sentir-se pertencente a um grupo; às vezes, até se ajusta temporariamente a padrões aos quais não defende como sua bandeira, mas precisa transitar por esses lugares para encontrar o seu. Assim refere Erikson:

A adolescência abriga um certo senso de existência, ainda que fugaz, e também um interesse, às vezes, apaixonado por todos os tipos de valores ideológico-religiosos políticos, intelectuais- incluindo, às vezes, uma ideologia de ajustamento aos padrões de ajustamento e sucesso da época. (ERIKSON, 1998, p.64)

Na primeira infância, a criança tinha seus pais como referência segura do que podia ser seguido, pois se espelhava na forma como eles a olhavam. Agora, crescida, cresce também o mundo a seu redor, e ela precisa olhar mais longe para ver como está sendo olhada. Conforme Gutierrez (2003), não se trata apenas de um ajuste da imagem, mas de uma modificação desta imagem a partir do valor que é atribuído pelo social a este corpo adolescente.

Segundo Lopes (2000), adolecer é um tempo de passagem quando as modificações impostas pelo corpo exigem que, pelo processo de maturação, as identificações se resignifiquem:

Os processos identificatórios da infância, são, na adolescência, postos em questão e o que até então parecia fixado em uma identidade sob os signos que lançam o sujeito a estar do lado do menino ou do lado da menina – cores, personagens infantis, brincadeiras, etc... – requer uma outra significação. (LOPES, 2000, p. 171)

Assis Brasil refere que o conflito que se instala na adolescência deve-se justamente a estar sendo convocado a se apresentar como um sujeito em sua singularidade e, ao mesmo tempo, deve se inserir na comunidade já organizada, com a demanda do prazer como única forma de realização. A questão posta é: “Como separar-se e alienar-se? Como submeter-se ao outro, sem nele se perder?” (ASSIS BRASIL, 2000, p.105).

Esta fase em que o adolescente precisa separar-se é constituída de muitos sentimentos ambivalentes. O jovem deseja ser independente, mas, ao mesmo tempo, tem medo da responsabilidade que isso pode acarretar. Zagury (2002) afirma que é um momento de muita fragilidade emocional e de freqüentes demonstrações de instabilidade sob a forma de uma aparente superioridade frente ao adulto ou por uma total dependência. Esses anos são difíceis para os jovens, pois não é fácil viver e conviver com tanta contradição.

Pereira (2005) assinala que o conceito de crise de identidade, formulado por Erikson, é muito importante para a compreensão do adolescente, no entanto convém ressaltar que esta crise não inicia nem termina na adolescência, visto que acompanha o ser humano por toda a vida, desde o nascimento até a morte. No entanto, na adolescência, a principal tarefa seria a de resolução desta crise, o que constituiria o encaminhamento da estruturação da personalidade. É sobre isso que trata Sprinthal:

Pelo fato de a adolescência representar uma tão importante descontinuidade no processo de crescimento, Erikson considerou um de seus pontos críticos, ou seja, a resolução da crise de identidade pessoal, como a principal tarefa deste estágio. O conceito que possuímos do eu – a forma como nos vemos a nós mesmos e o modo como somos vistos pelos outros – constitui a base da nossa personalidade adulta. Se esse alicerce for firme e forte, dele resultará uma sólida identidade pessoal. (2003, p.199).

Segundo Freire (2000), a entrada na adolescência é um despertar do sono narcísico da criança, no qual a satisfação das necessidades girava em torno de si e os pais ideais sustentavam este lugar. Agora, com a queda da idealização destes pais, também a promessa de felicidade já não se faz tão presente. Assim: “A adolescência é a própria prova de fogo onde o sujeito deve se deparar com a atualidade inquietante de ausência do gozo tão esperado”(FREIRE, 2000, p.160).

Calligaris (2000) afirma que se pode entender como essa fase do desenvolvimento pode ser tão recheada de fragilidade de auto-estima, de depressão, insegurança, diante da promessa de felicidade feita na infância pelos pais e da constatação de que esta não será cumprida à risca. A insegurança torna-se um traço forte na adolescência, o que origina parte das dificuldades de relacionamento com os adultos e também com seus pares.

Os pais querem que ele seja autônomo, mas lhe recusam essa autonomia; segundo Calligaris (2000), querem que eles persigam o sucesso social e amoroso, mas lhe pedem para postergar esses esforços para se “preparar” melhor. Os adultos impõem uma moratória e, ao mesmo tempo, desejam a independência na busca dos ideais adolescentes: “Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles querem deixar.”(CALLIGARIS, 2000, p. 74)

De acordo com Zagury (2002), na adolescência o conjunto principal de valores do jovem, o arcabouço da sua personalidade, já está definido, e o que vivenciaram durante a infância agora influenciará em seu comportamento. Muito embora o grupo exerça influência, os ensinamentos, as sementes que os pais plantaram, com bastante probabilidade, irão frutificar. Mesmo que nessa fase eles achem extremamente cansativo ouvir os pais, se experienciaram uma primeira infância com diálogo, por certo, estarão acostumados a esse tipo de papo. Assim:

Os jovens começam a perceber que os valores e a forma de vida de sua família não são os únicos e são capazes de perceber não só que há lugar para valores, crenças e formas diferentes de se fazer as coisas, mas também que a maneira de ser de outros pais pode até ser melhor que de seus próprios. Eles agora são capazes de realizar julgamentos, podendo até concluir que, embora seus pais não tenham todas as respostas, tem opiniões e idéias – conseguidas algumas vezes por meio de penosas experiências – que ainda podem ser úteis, e são pelo menos válidas. (ZAGURY, 2002, p.97)

Calligaris (2000) afirma que o grupo adolescente surge justamente porque estes escolheram não mais esperar pelo reconhecimento postergado dos adultos. A constituição do grupo adolescente é, do ponto de vista dos adultos, uma transgressão. O grupo fortalece o adolescente para enfrentar os dilemas que perpassam esta etapa de suas vidas; por isso, costumam se mostrar fortes e destemidos quando se encontram em “bandos”. Essa coragem pode colocá-los, por vezes, em risco, conforme Melman:

O adolescente vai sistematicamente fazer todos os desafios para pôr em causa todos os limites; é por isso mesmo que efetivamente se acha espontaneamente engajado em condutas perigosas para manutenção de sua vida, pois que ele põe todos os limites em risco. (2000, p.25).

De acordo com Pereira (2005), a perspectiva de assumir responsabilidades é, algumas vezes, assustadora. Nesta hora, os adolescentes sentem falta da segurança que lhes proporcionava a certeza de que a mãe e o pai, de alguma maneira, “põem as coisas nos lugares certos” (PEREIRA, 2005, p.97). Eles buscam a estabilidade da casa dos pais para se sentirem seguros, pois sentem-na como o “cantinho quente” para onde podem voltar sempre que desejarem. Por outro lado, o jeito de ser dos adolescentes é uma incógnita para os pais, que também sofrem neste período, conforme Zagury:

É importante ressaltar o quanto essa fase é, também para os pais, complicada e difícil. Porque só o fato de saber que o adolescente é contraditório, inseguro, às vezes agressivo, às vezes carente, não torna mais fácil o dia-a-dia de quem com eles convive. (2002, p.28)

Nesse processo de ir e vir, os pais também podem passar por uma crise de identidade, por estarem, na grande maioria, na meia-idade e, de alguma forma, também

repensando suas vidas, suas escolhas. O período da adolescência dos filhos pode constituir momento de reavaliação em relação aos projetos de vida dos pais. Essas reavaliações dos pais, cercadas também de inseguranças, por sua vez, influenciam diretamente na transição pela qual passam os adolescentes, como ilustra Sprinthal:

As influências da família no desenvolvimento do adolescente têm início muito antes da adolescência; porém, são particularmente importantes durante a segunda década da vida. Além disso, as relações familiares são influenciadas pelas transformações dos adolescentes, podendo por sua vez facilitar ou dificultar as transições por que eles passam durante esta fase. (2003, p.135)

Zagury (2002) esclarece que cortar o cordão umbilical é uma tarefa duplamente árdua, pois, de um lado, tem-se de aprender a viver com aquele “estranho ser”, reaprender a conhecê-lo e a entendê-lo e, ainda, aprender a conviver com a forma como agora ele os vê. Portanto, ser pai de adolescente significa suportar que em alguns momentos se deve “retirar o time de campo”, evitando bater de frente, ao mesmo tempo em que se precisa estar presente e disponível para atendê-lo em suas necessidades, suas angústias, suas dúvidas. Sprinthal (2003) reforça esta idéia:

A adolescência marca também o fim da idéia de que os pais possuem características emocionais e pessoais que não interferem nos seus papéis como progenitores. As crianças mais novas pensam, freqüentemente, que os pais sabem quase tudo e que são suficientemente poderosos e competentes para lidar com qualquer situação. Os adolescentes, por seu lado, têm tendência a reconhecer- ou a ter consciência- de que isto é falso. (2003, p. 314)

Sabe-se que adolescência, como diz Calligaris (2000), é a interpretação de sonhos adultos produzida por uma moratória que força o adolescente a descobrir o que os adultos querem dele. Segundo o autor, moratória significa o tempo que os adultos estão dispostos a dar para os adolescentes ficarem prontos a desempenhar os papéis que se espera deles:

Ao contrário, a maturação, que, para ele, é evidente, invasiva, e destrutiva do que fazia sua graça de criança, é recusada, suspensa, negada. Talvez haja maturação, lhe dizem, mas ainda não é maturidade. Por consequência, ele não é mais nada, nem criança amada, nem adulto reconhecido. (CALLIGARIS, 2000, p.24)

Conforme Bueno (1996, p. 440), moratória significa: “s.f. Aumento de prazo concedido pelo credor ao devedor para pagamento de uma dívida”. Dessa forma, os adultos estariam dispostos a conceder este tempo de espera, entendendo que, assim, seus filhos poderiam estar mais prontos para responder a contento a seus mandatos familiares, que também, por extensão, passam a ser uma demanda social.

Assim como existe uma expectativa por parte dos pais, a sociedade espera algo dos jovens. Nota-se, como registra Maluf (2006), que eles precisam da compreensão dos pais e dos educadores, os quais devem estimulá-los e integrá-los na vida que os aguarda e no ambiente social que os cerca. Ainda segundo a autora, os adolescentes desejam a aprovação dos adultos e preocupam-se com o que eles pensam a seu respeito, embora muitas vezes tentem provar exatamente o contrário.

Os adolescentes buscam referência, pois sentem medo diante do desconhecido, porém olham ao seu entorno e, ao invés de respostas, encontram mais dúvidas. Segundo Calligaris, o jovem enxerga, de um lado, crianças que perderam sua especificidade estética, que estão cada vez menos se vestindo como crianças, camufladas de adolescentes; de outro, vê “homens adultos” fantasiados do mesmo jeito. Portanto: “A estética da adolescência atravessa assim todas as idades é o ideal coletivo de qualquer cultura que idealiza liberdade independência insubordinação. É ideal e global para todas as idades e o ideal para si mesmo.” (CALLIGARIS, 2000, p.73).

Dessa forma, Calligaris (2000) percebe que, para os jovens, crescer e se tornar adulto deixa de ser uma promoção, pois estariam saindo de um lugar que passou a ser ideal de todos. Os adolescentes buscam referência nos adultos, aguardam um olhar, uma palavra que lhes digam para crescer, mas ganham em troca um olhar que admira justamente o “casulo” que eles querem deixar.

Pereira (2005) relata que, nas sociedades modernas, o rito que marca a passagem para adolescência foi substituído pela graduação escolar, que leva ao aumento do reconhecimento social, com definições legais de papéis, direitos, privilégios e responsabilidades. Conseqüentemente, os adolescentes acabam tendo um papel muito pouco definido: não são mais crianças, mas ainda não são totalmente adultos.

A crise evidencia-se novamente porque, ainda de acordo com Calligaris (2000, p.69, “o adolescente não é só um ideal comparativo, como as criancinhas. Ele é um ideal possivelmente identificatório. Os adultos podem querer ser adolescentes”. Talvez seja esse o motivo pelo qual o fenômeno da adolescência está se estendendo. O ideal é permanecer nela por mais tempo, uma vez que está sendo a idade desejada tanto do ponto de vista dos adultos como do das crianças. Será que neste momento não se instala um processo identificatório ao contrário? Tal processo não contribuiria para confundir os adolescentes em busca de referência para crescerem?

No dizer de Corso:

O que aconteceu é que de certa maneira não se sai mais da adolescência. A vida segue, envelhecemos e nos tornamos adultos, mas o ideal não é mais a maturidade, o ideal é ser adolescente. Nossa geração acostumou-se a olhar para frente em busca do ideal, o bom é o novo, a superação é a regra, tudo é perecível. (2000, p.122)

Ainda segundo Corso (2000), pais e filhos estão igualmente perdidos quanto ao que vale, ou para onde vão. De acordo com Corso, a flexibilidade parental seria mais uma consequência desta falta de rumo dos pais, o que aumenta o conflito adolescente em relação a que valores devem orientar suas vidas em direção ao crescimento. Parolin complementa:

O mito da adolescência parece ter tomado um grande vulto social. Se por um lado temos um número significativo de adultos que se referem aos adolescentes como “aborrescentes” e querem distância deles, por outro temos adultos que consideram uma conquista o acesso ao referido grupo. Não é raro nos depararmos com adultos “ficando com e como adolescentes”, imitando seu modo de vestir, seu vocabulário e, inclusive, freqüentando lugares próprios dessa faixa etária. (2001, p.115)

Pereira (2005) afirma que na sociedade atual não há um critério único pelo qual o jovem seja reconhecido como adulto. Os aspectos considerados são a independência financeira dos pais, o término dos estudos e o casamento. O adiamento desses aspectos para idades mais avançadas seria a causa do alongamento do período da adolescência. Sendo esta fase um ideal do adulto, não seria ele quem promove este adiamento? O autor

ressalta: “Agora, podemos perguntar se a adolescência não surgiu justamente porque os adultos modernos precisaram dela como ideal.” (PEREIRA, 2005, p.59).

Essa idealização da adolescência lança moda, cria estilos, dita regras de comportamentos, encantando a todos por sua maneira de ver o mundo. Os jovens sentem-se olhados nessa idealização como se lhes fosse tirada sua singularidade, sentem necessidade de se agrupar para se fazerem fortes diante desses olhares.

Calligaris (2000) salienta que os adolescentes reúnem-se em grupos, que podem ser mais ou menos fechados, para mostrar ao mundo sua identidade, diferenciando-se do mundo dos adultos. Os grupos têm em comum preferências culturais, comportamentais e de *look*, como vestimenta, cabelo, maquiagem. Cada grupo impõe uma tendência de consumo facilmente detectada. Essa imagem escolhida para formar a identidade do grupo, que surge como expressão de rebeldia, acaba se tornando uma imagem idealizada, atraindo novos membros e transformando-se em estilo do qual tiram proveito os empresários da adolescência. As expressões interessam ao mercado pela influência que exercem na consolidação de modas que acabam transformando os modelos de consumo dos próprios adultos. Conforme Pereira:

É interessante notar que esses grupos mudam com extrema rapidez. A uma constante invenção de novos estilos. Como se o adolescente tentasse correr mais rápido do que a comercialização, que quer descrevê-lo para melhor idealizá-lo e vender seu estilo. Como se ele fugisse da assídua recuperação de sua rebeldia pelos adultos, famintos de modelos estéticos de juventude, liberdade e rebeldia. (2005, p.60):

Como refere Parolin (2001), as transformações globais tornam os costumes e as ciências descartáveis. As famílias exigem dessas crianças crescidas, em meio a tudo isso, determinados comportamentos que nem mesmo elas conseguem passar como modelos identificatórios. Assim, diante de tantas interrogações sobre o mundo, os adolescentes precisam fazer suas escolhas, contando com o que dispõem de referências na construção dos seus desejos e de seus sonhos para o futuro.

Desse modo, os jovens precisam responder a demandas diferentes: aos pais, ao grupo social e ao discurso de que podem, quem sabe, encontrar a felicidade sonhada, agora no exercício de uma profissão. O jovem deve pensar sobre sua profissão, como diz Outeiral (2001), num momento em que a vida profissional dos adultos é questionada diante das



mudanças no mercado de trabalho. Sua vida familiar e afetiva requer atenção e cuidados. A sociedade exige do adolescente, ao mesmo tempo, adaptação, flexibilidade, decisão e, como se ainda não bastasse, sucesso em suas escolhas.

Maluf (2006) explica que o adolescente tem em sua mente vários questionamentos, os quais alimentados pelas suas referências familiares e sociais e acrescenta:

A mente do adolescente é povoada de idéias novas e mal organizadas sobre os fatos da vida. Ao mesmo tempo em que tem curiosidade, tem dúvidas sobre competentes explicações de pais e educadores. Possui um desejo imenso de aprofundar-se inteiramente em certas realidades que lhe são ocultadas. (MALUF, 2006, p.92)

Os adolescentes não pensam, apenas, de um modo especulativo no que se refere a objetos e situações a sua volta; pensam, agora, sobre seu próprio pensamento e sobre o pensamento das outras pessoas e talvez se arrisquem a tomar algumas decisões, baseadas nos valores adquiridos e questionados com o passar dos anos. Segundo Pereira:

[...] valores que se mantiveram inalterados e inquestionáveis durante toda infância são agora submetidos a mais minuciosa crítica; objetivos que não eram sequer cogitados tornam-se agora possibilidades reais. Isso ocorre simultaneamente ao desenvolvimento de uma nova estrutura cognitiva. Os adolescentes constroem uma lógica formal que, como se sabe, lhes permite considerar a qualidade hipotética de muitas destas questões. (2005, p. 132)

Durante o processo de escolha, vários papéis podem ser testados sem que se cobre do adolescente a responsabilidade de compromissos, como ocorreria no caso dos adultos. Ainda segundo Pereira (2005), o adolescente examina uma situação-problema, imagina todas as relações possíveis que poderiam ser colocadas em questão e, somente depois de combinar procedimentos de experimentação e de análise lógica, verifica quais dessas relações possíveis são realmente verdadeiras. Por isso, o adolescente questiona tanto e coloca, durante o tempo todo, em xeque o que os outros pensam.

Pereira (2005) ilustra que o adolescente pode pensar sobre o próprio pensamento, o que possibilita que reflita a respeito de si mesmo, de seus pensamentos, idéias e preocupações. Pode, portanto, olhar para dentro de si mesmo e avaliar suas características

peçoais, suas preferências, suas habilidades, suas possibilidades diante das escolhas realizadas.

Essa habilidade é fundamental, caso o adolescente deva pensar de maneira sistemática sobre o futuro. O desenvolvimento do pensamento do adolescente lhe permite construir situações ideais, diversas da realidade. Ele é capaz de imaginar conseqüências futuras de ações que devem empreender agora, possibilitando uma espécie planejamento a longo prazo. (PEREIRA, 2005, p.46)

Os adultos que acompanham esse adolescente nesse processo angustiante, mas, ao mesmo tempo, desafiador, devem, em primeiro lugar, estar disponíveis para se colocar como alguém que não possui as respostas, mas que está ali “para o que der e vier”, como se costuma dizer. No momento em que se colocam ao lado dos jovens, exercitam a empatia, conectando-se e revivendo também suas angústias. Almeida refere:

Além do mais, a tarefa a ser cumprida pelo educador exige, daquele que a exerce, que ele leve a sério o sintoma adolescência, reconhecendo-se a si próprio nos impasses que o adolescente vivencia e, deste modo, se reconciliando, conforme desejo expresso por Freud, com a sua própria infância. (2000, p.62)

De acordo com Assis Brasil (2000), há um sofrimento em jogo que vem expresso na queixa “eu não estou preparado para ocupar essa posição”. Vale lembrar que, na verdade, esta queixa não é necessariamente exclusiva da adolescência, pois nunca se está preparado, uma vez que este “estar preparado” pode dar uma idéia de conformidade, de perfeita adequação, o que se sabe ser impossível no que diz respeito aos recursos simbólicos de que dispõem os adolescentes para lidar com o real. Corso complementa:

A postergação do início da vida adulta, o tão comentado prolongamento da adolescência, traduz-se em procrastinação de tomada de decisões. Da realização de escolhas. O adolescente trintão arrepia na hora de formalizar uma relação amorosa, entra em pânico á idéia de paternidade namora a troca de profissão e gosta de pensar que está recém começando. É em suma um inibido. (CORSO, 2000, p.122)

O processo de escolha profissional do jovem é definitivo para a construção de seus projetos de vida, visto que, como ele não sabe lidar completamente com suas emoções, ao organizar-se no que diz respeito à atividade ocupacional, pode começar a organizar a sua vida adulta. Escolher no que irá trabalhar determina também quem ele irá ser, até porque a promessa de felicidade só será plenamente alcançada com o “sucesso profissional”. No entendimento de Pereira:

Na opinião de Levinson os jovens entram nesse período com um sonho em relação ao futuro pessoal, freqüentemente um sonho relacionado ao trabalho. Ele acredita que esse sonho é importante para o desenvolvimento, como um elemento orientador nos estágios posteriores. (2005, p.139)

Os adolescentes, essas crianças crescidas que pensam no futuro, são admirados e presos ao presente por quem vive a fase posterior à adolescência. Como almejar os sonhos estando-se preso a um presente? As mudanças do mundo, as velocidades na comunicação, a agilidade com que as coisas trocam de lugar, os valores sucumbindo em meio a tudo isso são mais um obstáculo que o adolescente precisa vencer. Porém, além de se localizar no seu tempo e espaço, ou seja, neste mundo veloz, é preciso também que ele localize seu espaço em sua família para poder descobrir quem é e o que quer ser. A família, por sua vez, procura seu tempo e espaço com cada vez menos tempo e mais espaço de distanciamento entre um familiar e outro.

Se a adolescência é momento de crise, também deve ser momento de desestabilização das respostas prontas; momento para pensar, refletir, aproveitar a flexibilidade do mundo atual para poder expressar seus próprios pensamentos, para a formulação de perguntas. Contudo, para dar conta dessa demanda, família e escola devem construir espaço de escuta com seus adolescentes. Ser adulto significa reconhecimento e amor garantido, pela realização profissional e pelas relações familiares que constroem durante sua vida. O jovem precisa escolher para poder desfrutar desses sonhos, ser amado, reconhecido e, por que não, adulto.

O comentário mais famoso de Sigmund Freud, acerca da identidade adulta, defendeu a idéia de que uma pessoa bem ajustada apresenta duas necessidades fundamentais: amar e trabalhar. Escolher um papel profissional na vida adulta e conseguir desempenhá-lo com sucesso são duas das alterações que os adultos esperam por parte dos adolescentes. (SPRINTHAL, 2003, p. 343)

## 1.2 O adolescente e o processo de escolha: a fase do casulo

O jovem, ao se aproximar do final do ensino médio, está num tempo em que ainda tenta descobrir-se como um sujeito diferente de quando era criança e em busca de seu eu adolescente, em crise de identidade; mesmo assim, o adolescente precisa dar conta do conflito vocacional que vai nortear suas escolhas na organização de seu projeto de vida profissional. Segundo Mello:

O jovem precisa conhecer o mundo do trabalho aberto á sua frente, e conhecer-se a si mesmo como desenhista de sua trajetória de vida, escritor de sua própria história, e protagonista de seu enredo existencial. Seu autoconceito ou autovisão sobre o que é e o que pretende ser como pessoa humana será seu guia principal no processo de escolha vocacional. (2002, p.15)

Muitos são os aspectos que influenciam esse jovem no processo decisório. Ele precisa do outro para poder se olhar, e ao olhar para dentro de si terá a árdua tarefa de separar os seus desejos que aparecem, muitas vezes recheados das demandas dos outros.

Conforme Lucchiari (1993), o momento de escolha coincide com a fase em que o jovem está se descobrindo, definindo sua identidade, buscando conhecer melhor seu gostos, seus interesses e suas motivações. Nesse momento se confronta também com as expectativas e desejos da família. O que o deixa confuso é a tarefa de diferenciar esses desejos, separando alguns, descartando outros e, ainda, apropriando-se daqueles com os quais se identifica. Com o peso que se apresenta ao jovem nessa decisão, às vezes se torna muito difícil a equação desta problemática, uma vez que ele tem de dar conta de um resultado positivo em diversos aspectos, como ilustra Frischenbruder:

No entanto, o exercício profissional não tem somente o dever de manter o indivíduo do ponto de vista econômico. A profissão deve poder garantir ao sujeito a possibilidade de realizar alguma atividade da qual seja possível extrair algum tipo de prazer. (2005, p.107)

A escolha profissional aparece no discurso dos adolescentes e também dos adultos como a possibilitadora da conquista da autonomia e da realização pessoal, o que a idealiza como responsável pela obtenção da felicidade. Soares esclarece a respeito:

Escolher faz parte da vida de qualquer pessoa. Desde que nascemos estamos sempre escolhendo: o que queremos comer ou não, qual roupa iremos vestir. Então, se já estamos acostumados a escolher, por que quando se trata de escolher um trabalho, um “fazer” profissional, sentimos tanta dificuldades? (2002, p.19)

Ainda para Soares (2002), quando o jovem chega à idade adulta subentende-se que a crise na busca de identidade já tenha sido resolvida, assim como a vida afetiva, a sexualidade, e que esteja apto para escolher também sua profissão. Se escolher é algo inerente ao ser humano, por que, então, encontra dificuldade para escolher nesse momento? A dificuldade reside no compromisso que o jovem tem de acertar na escolha e, ainda, pela idealização dos adultos sobre essa decisão, como se a escolha significasse uma certeza da realização profissional e pessoal.

Esclarece Mello (2002, p.43): “A equação da vocação é uma questão interna. O grau de complexidade cresce muito quando essa nebulosa realidade interna é confrontada com uma misteriosa realidade externa.” A realidade externa seria o mundo das profissões, dos empregos, do mercado etc., que estariam se apresentando para esse jovem. O adolescente está em busca de si e ainda precisa dar conta desse mundo externo, que até para os adultos é difícil de ser assimilado, em virtude de tantas transformações.

O adolescente tem sede de conhecimento; são tantas as perguntas que se faz sobre a vida, sobre o amor, sobre esses novos pais, que se mostram, agora, sem a máscara da perfeição idealizada na infância e, como se não bastasse, precisa resolver, de imediato, o dilema vocacional.

Giacaglia (2003) afirma que o ideal seria que todos pudessem escolher sua profissão racionalmente, que dispusessem de amadurecimento suficiente e de informações sobre si, sobre o mundo do trabalho e sobre os cursos. Segundo a autora, isso seria tranquilo e perfeito. No entanto, sabe-se que não é tão fácil assim, visto que amadurecimento exige tempo e autoconhecimento e as informações requerem ações específicas para serem obtidas. Toda a parte emocional está envolvida nesse processo de escolha, o que pressupõe um investimento muito maior do jovem que escolhe e ainda

precisa dar conta da sua realidade. Escolher implica conhecer, entender e perceber o que isso tudo significa. Segundo Soares:

Escolher o que se quer no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas. (2002, p.24)

As expectativas dos adolescentes são também formadas pelas expectativas dos outros que o acompanham nessa hora e que esperam dele uma escolha que possa garantir sua felicidade. Ainda conforme Soares (2002), essa dimensão da felicidade em relação ao futuro traz para o jovem um peso muito grande, pois vem carregada de afetos, de medos, de angústias e de dúvidas em relação à escolha que será feita.

Sabe-se que o trabalho é parte fundamental na vida do sujeito e que a construção de um projeto de vida passa, necessariamente, pela escolha da profissão. Registra Mello (2002, p.12) que “o trabalho pode ser apenas um recurso de sobrevivência, mas pode ser também a parte mais significativa da vida interior de um ser humano, de realização de um projeto existencial.”

A escolha da profissão, feita com base no autoconhecimento, quando a pessoa consegue se olhar e descobrir as coisas que gosta de fazer, resulta mais facilmente na realização pessoal, assim como influi diretamente no sucesso profissional. O sujeito que trabalha para seu sustento também pode sentir prazer em suas atividades ocupacionais. No momento de escolha, conforme Pereira: “O adolescente deve avaliar aquilo que ele se tornou e ponderar aquilo que ele gostaria de se tornar; deve ser capaz de estimar, com base em sua experiência passada, aonde deve ir para atingir seus objetivos.” (2005, p.83)

Nesse momento, o jovem precisa avaliar e reavaliar a trajetória vivida e refletir intensamente sobre seus sentimentos em relação a essa história, da qual ele é o protagonista; ao mesmo tempo, é quem está escrevendo grande parte dela. A responsabilidade lhe pesa, considerando ser essa uma das decisões mais importantes de sua vida, como refere Soares:

O momento de escolha é um presente que irá definir um futuro a partir das referências passadas da pessoa, integradas nesse momento presente. O presente é passageiro, é um instante, porque ele sempre estará realizando um futuro que já foi planejado anteriormente. O presente logo passa a ser passado, pois ele já foi vivido pela pessoa. (2002, p.46)

O adolescente está passando por um período de reconhecimento de sua identidade; ainda não está totalmente definido para ele o que ele é e, talvez, nunca esteja totalmente, pois é fato que se está sempre em busca de conhecer-se melhor. Mesmo não tendo certeza de seu futuro, o jovem sabe que o futuro se faz presente quando ele realiza algo que sonhou e que é algo com o qual deve sonhar.

Em 1977, Bohoslavsky já dizia que para um adolescente definir o futuro há mais implicações do que simplesmente decidir o que fazer ou quem gostaria de ser, mas, sim, o que não gostaria de fazer ou ser. Conforme o autor, o adolescente que escolhe está passando por grandes mudanças nessa etapa do desenvolvimento, o que exige grande parte de sua energia. Fica difícil, portanto, em meio a tantas dúvidas em relação a si mesmo, que ele possa tomar essa decisão tão importante em sua vida: “Parece estranho que um sujeito afetado, tanto por tal volume de mobilidade interna, como por sua relação com os demais, possa realizar todas estas tarefas.” (BOHOSLAVSKY, 1977, p.55)

O autor comenta que chega a surpreender que, em meio a uma crise tão intensa, o adolescente consiga escolher uma profissão, pois tem de dar conta de tantas outras definições, como sua identidade, sua sexualidade, suas ideologias, e descobrir sua identidade vocacional. Soares (2002) registra que Bohoslavsky diferencia a identidade vocacional da identidade profissional: a primeira expressa as variáveis afetivo-motivacional, ao passo que a segunda mostra o produto da ação do contexto sobre a primeira. Segundo a autora:

A identidade vocacional estaria determinada pelos conflitos inconscientes e sua possível elaboração pelo sujeito. Responde geralmente às seguintes questões: por que, para que e como uma pessoa chega a escolher determinada profissão? A identidade profissional está determinada pelos aspectos socioeconômicos e políticos de um país, isto é, pela ideologia que permeia todas essas relações. Em geral responde às seguintes questões: quando?, Onde?, com que?. A maneira de quem? (SOARES, 2002, p.31).

Segue Soares informando que se pode observar o quanto a identidade profissional é definida pelo social e o quanto ela pode reforçar ou negar as características da identidade vocacional, em virtude da constante integração que existe entre os fatores internos do sujeito e os fatores externos, que se influenciam mutuamente, um interferindo no outro.

São muitos os fatores que contribuem para a formação da identidade adolescente, assim como também são muitos que participam da construção da identidade vocacional do adolescente, como a família, a escola e a sociedade. Giacaglia (2003) ilustra essa questão quando diz que a maioria das famílias não consegue sozinha orientar seus filhos nessa fase tão conturbada; então, a família espera esta ajuda da escola.

A escola deveria ensinar os alunos, em primeiro lugar como parte de sua formação geral e, em segundo, como preparação indireta para a futura escolha profissional – um conhecimento do mundo do trabalho, não necessariamente como algo à parte e desvinculado das disciplinas escolares, mas como parte integrante do conteúdo delas, como ocorre na vida. (GIACAGLIA, 2003, p.XVIII).

A escolha profissional pressupõe espaço e tempo de reflexão; logo, o jovem tem de parar para pensar sobre quem é e sobre quem gostaria de se tornar. Nesse momento, muitas vezes a escola parece afastada do cotidiano desse aluno e mais preocupada com os conteúdos que deve cumprir, não dando conta da importância de seu papel formador desse jovem. Às vezes, mais do que informações, esses adolescentes precisam dessa escola que os escute em suas dúvidas existenciais. De acordo com Lucchiari (1993, p.85): “A escola deveria ser o lugar onde os alunos tivessem a oportunidade de desenvolver suas potencialidades pelo oferecimento de condições apropriadas ao crescimento psicológico ( cognitivo e afetivo) e social.”

Observa-se que as escolas estão preocupadas exageradamente com os aspectos cognitivos, oferecendo poucas atividades para que o aluno possa criar e gerar conhecimento a partir da sua vivência, das coisas que realmente o estão preocupando, na busca da solução para suas necessidades, que são “[...] o conhecimento de si mesmos, a vontade de autodefinir-se, compreender quem são, quem não são e que gostariam de ser” (LUCCHIARI, 1993, p. 85).

A escola não possui as respostas para as perguntas dos jovens, mas pode oportunizar espaço, em meio a tantos conteúdos programáticos, para que eles possam se



perguntar. Será que a escolha da profissão não deveria fazer parte dos conteúdos, sendo uma definição tão importante que decidirá o projeto de futuro dos jovens? Segundo Soares:

O projeto é ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade, é também no momento que funde, num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro desejado. (2002, p.76)

Segue Soares assinalando que em nossa sociedade a pessoa é valorizada pela posição que ocupa, a qual se configura em razão do *status* profissional adquirido. Portanto, a escolha da profissão é também escolha do lugar que se deseja ocupar no meio social. Ainda, deseja-se ser aceito e valorizado; por isso, precisa-se ter muita atenção e cuidado já que a escolha assume um papel muito significativo na vida dos jovens. Conforme Mello:

A auto-imagem e o sentimento pessoal de identidade são um amálgama de percepções internas e externas. Resultam da internalização dessas percepções, feitas de modo subjetivo, peculiar ao indivíduo, sempre com forte carga de emoções e sentimentos derivados da realização ou frustração de desejos. (2002, p.125)

Nesse período de questionamentos internos tão profundos os jovens precisam de ajuda, e cabe também à escola oferecer os subsídios para fundamentar suas reflexões. Dessa forma, a tarefa do orientador profissional será a de indagar, informar, esclarecer e ajudar o sujeito na sua reflexão em busca de sua identidade ocupacional.

De acordo com Soares (2002), a expressão “orientação profissional” inclui duas dimensões: a vocacional e a ocupacional. “orientação profissional” é o termo utilizado preferencialmente pela autora, e também a expressão mais utilizada no Brasil. Desse modo, pretendo utilizar neste trabalho o termo “orientação profissional” e também optar, por vezes, pela expressão de “facilitação da escolha”. Segundo Soares, “facilitação da escolha” consiste em fornecer elementos que contribuam para uma escolha profissional: “Auxiliar a pensar, conscientizar dos fatores que interferem na escolha, isso é possível de ser feito.” (SOARES, 2002, p.121)

Segundo Lucchiari (1993, p.12):

Facilitar a escolha significa participar auxiliando a pensar, coordenando o processo para que as dificuldades de cada um possam ser formuladas e trabalhadas. Coordenar o processo porque, como profissionais, estamos habilitados para isso.

A tarefa do orientador auxilia-o a compreender sua situação específica em seus aspectos pessoais, familiares e sociais. Com base nesta compreensão, ele poderá pensar em seu projeto de vida profissional. Lisboa explica:

A visão mais comum da orientação profissional, no contexto brasileiro, é o de ajuda na escolha de uma profissão ou carreira, com vistas à satisfação individual, procurando conciliar os desejos pessoais com a realidade do mundo do trabalho. O enfoque principal, portanto, é centrado no indivíduo que escolhe. (2000, p.43)

A questão proposta também pela autora é que, de fato, existe uma dúvida em relação a até que ponto esse indivíduo pode escolher, considerando o contexto social em que está inserido. Cabe, então, ao orientador, auxiliar na compreensão desse contexto, considerando cuidadosamente as possibilidades, analisando as viabilidades e mostrando as realidades para que a escolha possa ser concretizada.

Bock (2002) relata que houve um tempo na história da humanidade em que os seres humanos não precisavam pensar muito para decidir sobre o que fazer para alcançar sua sobrevivência; bastava se organizarem para a coleta dos alimentos, inicialmente e, mais tarde, para a caça. Não havia distinção entre as funções, a não ser as determinadas pelo gênero e pelas especificidades orgânicas.

O autor assinala que, dessa forma, considerando o vigor físico e a agilidade masculina, a tarefa de caçar era dada aos homens, ao passo que as mulheres cuidavam dos filhos e, dependendo do estágio civilizatório, cabia-lhes também a função da agricultura. Enfim, a forma como se dava a luta pela sobrevivência não dependia de escolha. As condições eram preestabelecidas de acordo com a forma como a sociedade se organizava em cada época. Ainda de acordo com Bock (2002), nessa época o trabalho não tinha ainda em vista o mercado, que apenas iniciara seu desenvolvimento. O trabalho, nesse modo de

produção, visava somente ao sustento das pessoas, já existindo hierarquia, visto que os nobres promoviam proteção e segurança em troca de provisão de sustento material pelos vassallos, que produziam alimentos, bens e utensílios.

Os sujeitos desta história, até então, não falavam em escolher uma ocupação, a qual era passada através das gerações sem a possibilidade de mobilidade social, como se fossem mandatos familiares, ou seja, nasceu em determinada classe social vai desempenhar tal função, ocupação. Nessa época, o trabalho não tinha ainda em vista o mercado, que apenas iniciara seu desenvolvimento. As teorias e as práticas na área da orientação profissional ainda não tinham seu lugar nem seu tempo. Somente mais adiante, quando da Revolução Industrial, introduziu-se a divisão técnica do trabalho. Neste momento fez-se necessária uma seleção para as funções técnicas e, então, surgiu a orientação profissional.

Mais uma vez, entretanto, os sujeitos da história eram sujeitados às demandas da produtividade do mercado e prevalecia a idéia do homem certo no lugar certo, para produzir certo e gerar o lucro esperado, na medida certa. No relato de Sparta (2003, p.2):

Nas décadas de 1920 e 1930, a Psicologia Diferencial e a Psicometria passaram a influenciar fortemente a prática da Orientação Profissional, o que se deu devido ao grande desenvolvimento dos testes de inteligência, aptidões, habilidades, interesses e personalidade durante as Primeira e segunda Guerras Mundiais.

A orientação profissional passou a assumir um enfoque totalmente diretivo: o orientador tinha como principal objetivo fazer diagnóstico do orientando e indicar-lhe as profissões e as ocupações apropriadas. Segundo Lisboa:

A Orientação Vocacional (OV), historicamente vinculada ao desempenho do trabalho humano como fim e constituída como campo de atuação nessa área, firmou-se no Brasil a partir de 1924 pelo trabalho de Seleção e Orientação dos alunos matriculados no curso de mecânica, no Liceu de Artes e Ofícios, por responsabilidade do prof. Roberto Mange. (2000, p.12)

A autora refere que, considerando o desenvolvimento dos aspectos sociais que envolvem o nosso tempo e a nossa história, percebe-se o desenvolvimento da prática da orientação vocacional de forma muito lenta.

Pimenta (1990) relata que, na década de 1920, houve no Brasil a primeira tentativa de implantar o serviço de orientação educacional, instituída por lei. Segundo a autora, o serviço invadiu arbitrariamente as escolas, mascarando todo o autoritarismo político que imperava naquela época. Tinha como principal função fazer a ponte escola-família-comunidade, sem ter lugar, naquele momento, o mundo real do aluno como sujeito histórico do processo educacional. O que preponderava era a necessidade de conscientizá-lo a se adaptar, ajustando seus comportamentos às expectativas de um padrão ideológico de normalidade.

Assim, conforme a autora, os jovens sedentos de escuta para suas perguntas existenciais precisam responder às demandas de terceiros que têm interesse na ordem, sendo a escola instância de ajustes. A orientação educacional, carente de referencial teórico para entender este jovem, não se dá conta do quanto poderia ser um espaço de construção deste sujeito e transplanta de modelos americanos e europeus suporte para sua prática, justificando, então, sua atuação orientadora para com este aluno incapaz de optar adequadamente por cursos e ou ocupações. (PIMENTA, 1990)

Segundo Pimenta (1990), os instrumentos básicos do orientador eram os testes de aptidão importados, com os quais o orientador deveria selecionar e encaminhar para treinamento os egressos da escola que aspiravam por cursos universitários ou procuravam trabalho. Esse momento histórico no Brasil foi marcado por constantes agitações, que refletiam a insatisfação generalizada com a situação econômica do país, visto que a política econômica assentava-se na produção e no comércio do café, ou seja, o grupo que detinha o poder estava ligado às atividades agrárias e às exportações, que lhes possibilitavam altos rendimentos. (PIMENTA, 1990)

Ainda de acordo com a autora, as classes dirigentes recebiam o descontentamento da população e, zelosas por manterem seu *status*, perguntavam-se: Afinal, o que falta a este povo? A resposta mais conveniente para este grupo era que a educação poderia acalmar os anseios deste povo descontente com a desigualdade de condições já existentes naquele tempo histórico. Se olharmos para toda a história do Brasil e, por que não, da humanidade, podemos ler sempre nas linhas e nas entrelinhas as marcas da desigualdade de oportunidades, de condições de sobrevivência, de escolhas. (PIMENTA, 1990)

A orientação educacional, para Pimenta (1990), influenciada pelo referencial teórico substancialmente da psicologia, cumpriria o papel de reforçar a ideologia das aptidões naturais, ou seja, a cada um o seu lugar, de acordo com suas capacidades, o seu esforço. Assim, a orientação educacional é responsável por desenvolver no indivíduo as

aptidões que ele possui naturalmente, independentemente de sua condição de classe. Sparta refere (2003) que a orientação profissional nasceu como uma prática cujo objetivo era diretamente ligado ao aumento da eficiência industrial, apontando as indicações certas para cada indivíduo.

De que vocação se falava nessa época? De que orientação educacional dava conta essa fase da história? Parece que ainda não evoluiu a história da educação no que se refere ao papel do orientador profissional, preponderando, mais uma vez, outros interesses que não necessariamente o interesse dos sujeitos em busca de sua vocação, em busca de delinear seus projetos de vida, escolhendo sua profissão a partir do que realmente gostavam de realizar.

Ainda segundo Sparta (2003), os indivíduos eram vistos como diferentes, no sentido de que nasciam com diferentes aptidões e, por esforço próprio, desenvolviam-se para mais ou para menos, como se não fizessem parte de um contexto histórico que os constitui desta ou daquela forma, de acordo com as necessidades de alguns. Segue a autora (2003) relatando que, para que o orientador educacional se capacitasse para entender esse indivíduo “ajustável”, atendendo a suas “aptidões individuais”, a formação do profissional teve carga substancial na psicologia como referencial teórico. Para ver e entender a educação, era necessário que o orientador educacional internalizasse a ideologia das aptidões naturais sem considerar o problema das classes sociais; para poder conduzir este indivíduo a acreditar na possibilidade de ascender socialmente por seu próprio esforço; caso não conseguisse, seria também pela falta de seu esforço individual nesta sociedade “harmoniosa e justa”. Para isso, era necessário que o orientador educacional acreditasse que os indivíduos poderiam escolher livremente em relação aos estudos e ao projeto profissional, para que conseguisse passar essa concepção aos seus orientandos, afinando, assim, sua prática com as teorias que a fundamentavam, tornando-se porta-voz do projeto educacional e das ideologias subjacentes.

De acordo com Pimenta (1990), em 1968 a lei 5.564 já normatizava o exercício da profissão tendo como base a sua formação ainda em disciplinas psicológicas. A orientação educacional, como diz Pimenta (1990), em suas origens limitava-se à seleção e orientação profissional; em 1971, ampliou sua ação, contribuindo para “o desenvolvimento integral”. Nas duas funções, porém, continua a função de ajustamento, ou seja, ajusta os adolescentes pobres às suas “possibilidades”, descobrindo sua vocação para atender ao mercado industrial da época.

Segundo o artigo 1º LDB, 5692/71, “será instituída obrigatoriamente a Orientação Educacional incluindo aconselhamento vocacional em cooperação com aos professores, a família e a comunidade” (BRASIL, 1971). Assim, a orientação educacional, em seu papel de orientador de vocações, deve nortear seu trabalho considerando este indivíduo em seu contexto, envolvendo para isso seus professores, sua família, enfim, sua comunidade. Nesse sentido, pode-se pensar no papel do orientador como um facilitador que vai mediar e intermediar as relações deste sujeito, de forma a instrumentalizá-lo para que descubra sua verdadeira vocação.

Em que medida isso se dá na prática? Não se pode afirmar, uma vez que o contexto deste aluno está recheado de entrelinhas invisíveis que interferem nesta escolha. Houve um tempo em que não se escolhia, apenas se adequava ao determinismo hereditário, orgânico, social, mas a pergunta podia ser repetida também na década de 1970: Existe, de fato, escolha? Ou o mercado determina novamente o caminho?

O trabalho deve prover o sustento e a realização, mas quem educa os jovens para que sejam capazes de decidir sobre o mundo do trabalho? A lei instituiu o orientador educacional para essa tarefa educativa e ainda sugere que ele o faça em cooperação com seus professores e sua família. Para tal função, este especialista deve ter uma formação embasada em princípios mais amplos, que tratem de responder a todos os aspectos relevantes para o entendimento desses sujeitos em fase de escolhas, e não poderá nortear seu trabalho apenas pelo psicologismo predominante em sua formação.

Questões sociais e econômicas desenham a realidade vivida nas escolas onde estes especialistas recebem a profícua tarefa de orientar. Esta leitura deve ser feita por eles na construção de seu processo educativo. Durante a vigência da LDB 5692/71 (BRASIL, 1971), nosso país vivia a acentuação da penetração do capital estrangeiro, que veio com o objetivo de financiar a tão desejada industrialização, tirando-nos da situação de sociedade arcaica para nos promover à condição de sociedade moderna. A eficácia deste modelo desenvolvimentista caberia à educação, que deveria criar modelos que contribuíssem para a maior produtividade da força de trabalho, ou seja, educar a mão-de-obra preparando-a de acordo com as necessidades, agora, da indústria.

Para atender à demanda nacional, a lei tem como meta a qualificação para o trabalho, habilitando os jovens já no segundo grau para escolherem sua ocupação. Para isso, o orientador educacional deveria iniciar o trabalho de sondagem de aptidões desde o primeiro grau; por isso a obrigatoriedade do serviço de orientação educacional em todas as escolas. Entretanto, de que forma a orientação profissional poderia orientar seus alunos em

relação ao mercado de trabalho se em sua formação não era contemplado um referencial teórico em relação à organização da sociedade, às relações de trabalho, ao desemprego nas sociedades capitalistas? Na verdade, limitava-se a informar os alunos sobre o que o mercado oferecia, sem levantar questionamentos e sem incitá-los à reflexão sobre esta organização social, ou seja, o orientador adapta-se à lei também sem questionar.

Felizmente, de acordo com Pimenta (1990), esse tempo de “dormência” diante da situação foi interrompido. Os orientadores educacionais não demoraram muito a se perguntar sobre a sua real função e buscaram referencial teórico que lhes permitisse responder, pelo menos em parte, a suas perguntas. Surgiram nessa época enxurradas de influências teóricas: teses de mestrado sobre formação profissional, desenvolvimento vocacional, sondagem de aptidões, aconselhamento vocacional, conferências, cursos, supervisão; autores norte-americanos são reverenciados e seus livros traduzidos, tornando-se verdadeiras “bíblis” para os orientadores.

Pimenta refere ainda que, no final da década de 1970, os próprios orientadores educacionais começaram a criticar essa situação e aproximaram-se de outros educadores no sentido de tentarem encontrar novos caminhos. Eles realizam esta reflexão por meio de jornadas, organizando-se em categorias e iniciando-se como pesquisadores da sua própria linha de ação, aproximando a sua prática à demanda real de seus orientandos.

A profissão, que foi criada para servir ao sistema sem refletir sobre este, em dado momento conservou este papel que preparava sujeitos ajustados à sociedade, impedindo conflitos e atuando de forma preventiva. No entanto, como profissional de educação, vê-se no papel de educar, o que significa muito mais do que ajuste e adaptações. Educar implica trabalho reflexivo sobre sua prática. Para orientar sobre o mundo do trabalho, deve-se refletir sobre ele e fazê-lo com base na reflexão acerca do seu trabalho e do trabalho de outros trabalhadores. Se a questão do trabalho é tarefa sua, alguns orientadores identificam contradições entre seu discurso e sua prática e caminham para a superação dessa contradição, resgatando a importância do trabalho na transformação da sociedade.

Pimenta (1990) relata que, nesse contexto, os orientadores começam a compreender que apenas uma minoria tem a possibilidade de escolher, sendo a maioria escolhida, selecionada. Dessa forma, o orientador competente seria aquele que pode definir seu papel político-pedagógico na escola, compreendendo criticamente a relação da escola com a sociedade e trazendo esta reflexão para dentro da escola, para que seus alunos possam também compreendê-la, não apenas se conformar a ela.

Segue Pimenta (1990) relatando que a LDB de 1971 fixa as diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo grau e tem como objetivo geral proporcionar a formação do educando desenvolvendo suas potencialidades, priorizando sua auto-realização, sua qualificação para o trabalho e o exercício consciente da cidadania. Este sujeito com potencialidades, com direitos, é um sujeito que deve ir muito além da simples adaptação ao mercado de trabalho ou da preparação de uma mão-de-obra competente para a produção de um país industrializado. A orientação educacional já lê esta lei também conforme a perspectiva deste sujeito cidadão, que, conscientemente, pode pensar sobre sua condição de não poder escolher e de, muitas vezes, ser escolhido para o lugar certo e determinado por questões mais de ordem econômica e social do que pessoais e vocacionais.

Mais de uma década e meia mais tarde, a Constituição Federal de 1988 preveria em seu artigo 205 que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 2003, p.207)

Novamente a lei é o modelo do ideal imaginário de todas as instâncias da sociedade, de professores, orientadores, alunos, todos desejosos de que a educação possa ser e dar direito a todos, assim como oportunizar o direito ao desenvolvimento, independentemente da classe social em que se encontre, para que todos possam ser preparados para o exercício da cidadania.

A educação como produtora de cidadãos conscientes, reflexivos e transformadores seria o ideal para qualquer educador, tanto mais para os especialistas em educação. Instituídos para adaptar esses cidadãos, os professores vislumbram agora a possibilidade de participar da construção de cidadãos que também possam ser transformadores dessa realidade. Mais alguns anos se passaram e, seguindo a história das políticas públicas, chegou-se à LDB 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Conforme o artigo primeiro da lei, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

A orientação educacional tem sua trajetória histórica; é instituída por uma política pública que deseja manter o sistema, porém seu papel também é construído ao longo do processo e evolui paralelamente ao mesmo. Para poder suportar sua obrigatoriedade, o orientador deverá se fortalecer em suas funções formadora e transformadora. Se educação



é dever da escola e da família, é mais que dever do orientador; é função e fonte de estímulo educativo que pode ajudar a desenvolver sujeitos pensantes sobre este mesmo sistema que os criou. Afirma Lisboa:

Não é cabível, no mundo de hoje, trabalharmos em Orientação Profissional sem que seja considerada a questão da conscientização de jovens e adultos, a partir da sensibilização para o que ocorre efetivamente na sociedade em suas várias dimensões: econômica, política, social, educacional, e assim por diante. (2000, p. 19)

Hoje, no mundo pós-industrial, do conhecimento, da informação, global, ou genericamente denominado “pós-moderno”, essa tendência também se manifesta no mercado de trabalho com novíssimas tecnologias, que desenham esse novo cenário e configuram da mesma forma a necessidade de trazer esta reflexão para com os jovens, em busca de sua identidade, do seu papel na família, na sociedade, nos relacionamentos e, ainda, sua identidade profissional.

Se o mundo é dinâmico, o mundo do trabalho também circula em ritmo acelerado. Há que se trazer este mundo até o adolescente para que ele possa pensar sobre ele e sobre sua inserção nele, mas sem perder de vista suas singularidades e subjetividades de sujeito cidadão, pensante e capaz de se desenvolver com competência para decidir sobre seu caminho, não somente para traçar caminhos preestabelecidos por políticas públicas ou por qualquer outro fator que possa influenciá-lo cegamente.

O orientador educacional, dentro dessa dinâmica, constrói sua ação educativa a cada ação num cenário de pesquisa constante, de forma a conseguir acompanhar essa dinamicidade. Não se lida com formas objetivadas, mas com sentimentos, pensamentos, idéias formadas e conformadas nas relações afetivas que se constroem ao longo da existência humana. Esclarece Soares:

O fenômeno da globalização tem trazido mudanças em todos os níveis da vida humana: econômicas, políticas, sociais, e sobretudo psicológicas. Ainda não sabemos as conseqüências desse fenômeno, e sua rapidez nos impede de acompanhar o seu movimento. O mundo tem passado por diversas crises e se adaptado a elas, mas parece estar acontecendo num ritmo tão acelerado que nos assusta. (2002, p. 113)

É nesse contexto que vivem os jovens, em busca de orientação em suas escolhas, afinal, a decisão da profissão a ser seguida significa a forma como vão desenhar sua existência neste mundo que já está posto. São seres humanos em busca de si mesmos, construindo seus caminhos para o futuro que os aguarda.

O trabalho da orientação educacional deve pensar e compreender o ser humano de seus educandos propiciando-lhes, pela reflexão, ir além do que é explicado e explicável e, assim, ajudando-os na busca de seus significados. Agora não é somente a biologia ou a religião que dão respostas aos sujeitos; são os próprios sujeitos que buscam suas respostas e anseiam por construir seus caminhos.

Ao acreditar no jovem como produtor de conhecimentos, saberes e autorias, acredita-se também que ele é construtor de sua escolha, num processo de formação do autoconceito a partir das identificações significativas que estabelece em seus meios familiar e escolar. Conforme Soares (1987, p. 20): “Acreditar no homem como sujeito de sua própria vida, isto é, como ser capaz de realizar o seu projeto de vida, de determinar sua história pessoal dentro de uma história social é a nossa postura de trabalho.”

Continua a autora assinalando que o homem deve ser visto como sujeito de sua própria vida, não como objeto, e deve ser capaz de atuar nas diversas situações que se apresentem, desde a aceitação à tentativa de mudança. Nessa perspectiva, pode-se considerar o trabalho de orientação profissional como sendo um espaço de autoria para o desenvolvimento vocacional dos jovens. Nesse espaço eles podem construir sua escolha, elaborando a ansiedade em relação ao processo decisório, na interação com seus pares que se encontram em situação semelhante e, sobretudo, na busca da compreensão de seu autoconceito. Por meio dos encontros, podem expressar o seu jeito de ser, estabelecendo relações com sua identidade ocupacional.

Os jovens olham para o mundo dos adultos e enxergam adultos profissionais em busca também de suas realizações. O exercício de uma profissão não representa para esses adolescentes somente a manutenção do ponto de vista econômico, mas, sim, a idéia de que podem realizar alguma atividade da qual também possam extrair algum prazer, para, quem sabe, substituir as “perdas” e os prazeres que, por ora, parece que os abandonaram. Mello explica:

O conflito na escolha vocacional envolve ainda outra circunstância, também causadora de tensão e ansiedade. Trata-se da questão de como lidar com a perda, a separação dos objetos possuídos até então. Ou de objetos desejáveis, pois a conquista de algo escolhido (mas desconhecido, incerto e misterioso - a futura profissão) implica o abandono de outras coisas, pessoas e possibilidades. (2002, p.110)

A orientação profissional tem a função importante de dar a esses jovens espaço de escuta das suas dores, angústias e dúvidas. A estratégia básica da orientação é dar-lhes condições para uma reflexão sobre a escolha profissional, pois uma boa escolha é feita com base na reflexão sobre o maior número de fatores determinantes. No dizer de Pereira (2005, p.21), “o orientando possui recursos para facilitar sua própria escolha profissional; às vezes, apenas não os reconhece, porque pensa suas possibilidades de escolha baseado em crenças limitantes”.

O orientador profissional poderá criar um ambiente que permita ao orientando conectar-se consigo mesmo, podendo se diferenciar e se distanciar dos aspectos influentes da família, escola, grupo de amigos. Assim, pode se encontrar com seu próprio desejo, que também é recheado por esses tantos, dos quais, num primeiro momento, precisa se distanciar para construir o seu.

Mello (2002) registra que a história da orientação profissional pode ser resumida em três fases: a primeira era direcionada à colocação no mercado de acordo com a demanda; a segunda caracterizou-se por aplicações de testes; recentemente, a orientação profissional entrou num período de crescente aperfeiçoamento e integra a abordagem psicométrica à abordagem psicodinâmica.

A abordagem psicodinâmica, para Bock (2002), busca explicar como os indivíduos constituem sua personalidade e, por isso, aproximam-se das profissões. A abordagem psicodinâmica é constituída da teoria psicanalítica, da teoria do “Eu” (*self*) e das desenvolvimentistas, tendo como principais autores Super (1975), Bohoslavsky (1971) e Pelletier (1977).

Mello (2002) assinala que Super formula a proposição de que o autoconceito, a imagem de si próprio e a identidade vocacional são traduzidos em termos ocupacionais, com a identidade parental ou com figuras substitutivas relacionadas à concepção que o jovem tem sobre os papéis a desempenhar na concretização de suas metas vocacionais. Ainda, o grau de satisfação que o indivíduo alcança no trabalho depende do grau em que tem sido capaz de realizar seu autoconceito neste trabalho. Segundo Giacaglia (2003), as

teorias do “Eu” (*self*) chamam a atenção para a importância do autoconceito na escolha vocacional.

De acordo com Mello (2002), Bohoslavsky, na abordagem clínica, enfatiza os conceitos operacionais de estratégia clínica, tática e técnicas, que conduzem à compreensão do comportamento da pessoa e à facilitação dessa compreensão por parte da própria pessoa. Nesta abordagem, a tarefa do orientador profissional é a de indagar, informar, esclarecer e ajudar na reflexão sobre o momento da escolha, formando com o orientando um binômio, uma parceria.

Para Giacaglia (2003), a proposta operatória de Pelletier é interessante do ponto de vista pedagógico, na medida em que procura desenvolver no indivíduo habilidades para a escolha.

Lucchiari complementa que a tarefa da orientação profissional tem por objetivo facilitar o momento da escolha, auxiliando o jovem a compreender os aspectos pessoais, familiares e sociais que perpassam nesta definição. “O momento da escolha é quando a gente pode olhar para trás e para frente ao mesmo tempo decidindo o caminho a seguir”. (LUCCHIARI, 1993, p.13).

O serviço de orientação profissional nas escolas pode ser um espaço de encontro e intervenção para auxiliar este jovem que escolhe. Conforme Soares: “Na escola poderá ser utilizado como base para intervenção, auxiliando o jovem a escolher sua futura profissão conscientes das possibilidades reais. Tanto pais como professores e orientadores têm um papel importante nesse momento”. (SOARES, 2002, p.14)

Para sobrevoar com meus orientandos em busca da descoberta de suas identidades profissionais, preciso partir do solo com uma boa base teórica para nortear esse vôo. Pretendo passar por várias teorias e pousar naquelas em que sentir o campo de pouso mais de acordo com meu estilo de vôo, assim como com o estilo de vôo que cada grupo vai mostrando durante o percurso.

Bock (2002) apresenta as teorias de orientação profissional em três grandes blocos: o primeiro, das teorias não psicológicas; o segundo, das teorias psicológicas; o terceiro, das teorias gerais. Conforme o autor, as teorias não psicológicas entendem que a escolha profissional do indivíduo é causada por elementos externos a ele; assim, não vislumbram qualquer papel ativo para o sujeito, descartando a possibilidade de orientabilidade, uma vez que forças externas definem, invariavelmente, a posição e a ocupação do indivíduo na sociedade. As teorias psicológicas são as que analisam os determinantes internos que conduzem os movimentos de escolha do indivíduo. Ainda segundo o autor, as teorias

gerais entendem a escolha profissional ora por aspectos psicológicos, ora por aspectos socioeconômicos; não formulam novas abordagens, mas justapõem as anteriores.

Pereira (2005) afirma que a orientação profissional é uma área do conhecimento que perpassa diversas ciências humanas; portanto, é parte da formação do orientador repensar e extrapolar os paradigmas existentes na fundamentação de seu exercício. O autor apresenta um ensaio entre duas vertentes emergentes na psicologia, a psicologia sócio-histórica e a abordagem clínica de Milton H. Erickson. Ambas comungam a idéia de que cada indivíduo é único e coerente com o contexto sócio- histórico em que está inserido e que o papel do orientador é o de criar condições pensando com o orientando.

Soares (2002) refere que muitos fatores influenciam o indivíduo no momento da escolha e que o jovem muitas vezes não tem muito claras as inter-relações que se estabelecem entre esses fatores que interferem na sua decisão. Logo, não é possível uma orientação que não traga à discussão os fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. E complementa:

O projeto é, ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade, é também o momento que funde, num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro desejado, esperado. (SOARES, 2002, p.76).

Bock (2002) refere que, quando se diz que o indivíduo escolhe e não escolhe sua profissão ao mesmo tempo, está se tratando da liberdade da escolha e que, de acordo com a classe social, ele terá mais ou menos liberdade para decidir. No entanto, o autor acredita que a superação dos obstáculos impostos pela realidade social não se dê pela mera vontade pessoal, pois pode-se lutar para mudar tais condições. Esta idéia só referenda a idéia explícita na citação direta anteriormente retirada de Soares, pois os fatores que influenciam e interferem na decisão devem ser alvo de reflexões em todo o trabalho de orientação profissional. Soares ilustra:

É impossível se pensar no homem como algo separado do seu meio social, não vê-lo como determinado historicamente e portanto determinado ideologicamente. Por outro lado, ao vermos o homem apenas como determinado estamos nos esquecendo de pensar que é o próprio homem quem faz essa história, quem escreve a sua história e de seu grupo social. (2002, p. 45)

Assim, o jovem em processo de decisão vai estar inserido na realidade social a que pertence, mas nem por isso deve olhar somente ao seu redor e se conformar com o que lhe oferece essa posição. Uma orientação profissional adequada deve estar preparada para trazer à tona essa discussão, mostrando a realidade e refletindo sobre todas as possibilidades de o adolescente fazer valer sua autoria no momento da escolha. A escolha faz parte de nossa vida desde que nascemos, pois podemos escolher a partir do que dispomos e precisamos acreditar na capacidade de também modificar esse meio para sustentar e garantir nosso direito de escolher. Conforme Soares (2002 p.39): “Ter consciência daquilo que nos determina e, a partir dessa consciência, escolher... essa é a possibilidade mais viável de se trabalhar em orientação profissional”.

Soares trata dessa liberdade com limites, da escolha com consciência dos determinantes, ou seja, o homem pode escolher dentro de um leque de opções que lhe oferece o sistema socioeconômico e a partir das influências que o determinaram. Portanto, é nesse espaço que se insere a orientação profissional. Como ilustra a autora: “Acreditar no homem como sujeito de sua própria vida, isto é, como ser capaz de realizar o seu projeto de vida, de determinar sua história pessoal dentro de uma história social, é nossa postura de trabalho.” (SOARES, 2002, p.39).

A escolha profissional perpassa situações angustiantes de negação e de aceitação, pois o jovem vai crescendo e amadurecendo em meio a esses conflitos, os quais vão construindo esse ser que tem capacidade para escolher. É um processo evolutivo na busca incessante de identificação das suas aspirações para com o mundo do trabalho. Assim, a atuação da orientação profissional faz-se necessária nesse momento para, junto com o adolescente, poder olhar para todos esses aspectos relevantes e conseguir encontrar espaço de escolha diante das condições reais nas quais está inserido.

As identificações vão se construindo à medida que o indivíduo consegue ter uma imagem adequada de si mesmo e analisar o real que o cerca para aproveitar essas condições e transformá-las de acordo com seus desejos, como explica Bohoslavsky:

Uma escolha madura é uma escolha que depende da elaboração dos conflitos e não de sua negação. É uma escolha que se baseia na possibilidade do adolescente passar de um uso defensivo das identificações a um uso instrumental delas, ao conseguir identificar-se com seus próprios gostos, interesses, aspirações, etc, e identificar o mundo exterior, as profissões, as ocupações, etc. Em síntese, uma escolha madura é uma escolha que depende da identificação consigo mesmo. (BOHOSLAVSKY, 1977, p.88)

A predominância das teorias psicológicas na fundamentação das práticas em orientação profissional justifica-se pela inegável importância do autoconhecimento na escolha profissional. Conforme Giacaglia (2003), entre as teorias psicológicas estão as do tipo traço fator e psicodinâmicas. A teoria traço fator proposta por Parsons (apud Giacaglia, 2003) está embasada em traços de personalidade, traçando o perfil psicológico de cada pessoa a fim de indicar-lhe a profissão que mais lhe convém. Esta teoria se utiliza basicamente de testes de mensuração para essas constatações. As teorias psicodinâmicas são subdivididas em psicanalíticas, de necessidades e do “Eu” (*self*). Este conjunto de teorias procura explicações não na estrutura, mas no funcionamento, na dinâmica da personalidade. Conforme Mello (2002), na perspectiva psicodinâmica, o processo vocacional é concebido como um processo evolutivo, de desenvolvimento, estruturação e implementação de uma conceituação a respeito de si próprio.

As psicanalíticas vêm na escolha profissional uma busca para a sublimação de impulsos; as escolhas, então, encontram-se relacionadas a experiências de frustração ou satisfação das necessidades de cada etapa do desenvolvimento durante a infância. Por sua vez, são classificadas como teorias das necessidades aquelas que procuram explicações para as escolhas profissionais na satisfação de desejos e de necessidades psicológicas dos indivíduos. Giacaglia (2003, p. 20) esclarece:

A principal diferença entre as teorias das necessidades e as psicanalíticas, segundo Kretch e Crutchfield (1980, v.2, p.314), consiste no fato de que os psicanalistas estariam muito concentrados no passado, nas fraquezas humanas, ignorando potencialidades e aspirações, enquanto Maslow, bem como outros teóricos, propôs uma visão otimista do homem.

A corrente psicológica que mais se coaduna com as teorias do *self* é a fenomenologia, por fundamentar-se na filosofia. O mais conhecido teórico do “Eu” (*self*), em orientação vocacional, é Super (1951). Como explicita o autor:

A interação do “Eu” com o mundo, no mundo, por meio de experiência vivida nos ensaios vocacionais, seja em trabalhos ou em brincadeiras, levaria à formação do autoconceito, que é a percepção construída, e em construção, de si mesmo. A ocupação escolhida, conseqüentemente, deve ser congruente com o autoconceito do indivíduo. (GIACAGLIA, 2003, p.23)

As teorias desenvolvimentais em orientação vocacional acentuam que o papel do desenvolvimento na escolha ocorre desde o nascimento até a adolescência, sendo uma sucessão contínua ou por estádios, de brincadeiras, de tentativas, de ensaios, de escolhas provisórias, onde são testadas, consciente ou inconscientemente pelo indivíduo, por meio de sucessivas identificações. De acordo com Giacaglia:

Segundo esta teoria, o indivíduo, durante seu desenvolvimento vocacional, passa por uma fase de escolhas fantasiosas, depois por uma fase provisória em que se seguem avaliações de interesses, capacidades e valores, nesta ordem, e depois os testes de realidade preparatórios, para o período da escolha realista. Trata-se de uma escolha bastante elaborada, principalmente no período relativo à adolescência. (2003, p. 25)

Foram muitos os teóricos que deram caráter desenvolvimental às teorias de orientação vocacional, dentre os quais os mais conhecidos foram Super, Tiedman e, mais recentemente e mais conhecido no Brasil, Pelletier e seus colaboradores.

Em sua teoria, Super incorporou parcialmente idéias das teorias do tipo traço fator, com ênfase no papel do *self* e do autoconceito. Por esse motivo, sua teoria pode ser classificada em mais de uma categoria, mas é mais conhecida como teoria do *self* e, também, como teoria desenvolvimental. Tiedman, da mesma forma, enquadra-se nas duas categorias.

Giacaglia (2003) relata que, partindo também da análise desenvolvimental, Pelletier, Bujold e Noiseux aliam e acentuam o papel da cognição ao lado da emoção, na escolha profissional, levando em consideração o meio, mas lembrando que o sujeito bem instrumentado consegue responder melhor ao que o meio lhe exige. Estes autores afirmam que a experiência simplesmente como experiência não garante que haja aprendizagem e desenvolvimento. Assim, propõem um modelo de ativação com três princípios: experiências que se devem viver; experiências que se devem tratar cognitivamente e experiências que se devem integrar lógica e psicologicamente. Este enfoque recebeu o nome de “operatório” e é marcado por estádios durante os quais o indivíduo conecta-se com seus desejos e suas possibilidades. Conforme Pelletier, Bujold e Noiseux:



Na perspectiva desenvolvimental que acaba de ser convocada, os problemas de escolha escolar ou profissional podem ser consideradas como problemas a longo prazo, cuja solução implica um certo número de tarefas. O êxito em uma dada tarefa pode, é lógico, facilitar o êxito na tarefa seguinte, o que capacita o indivíduo a passar sem demasiada dificuldade por seus diferentes estádios da vida. (PELLETIER; BUJOLD; NOISEUX, 1977, p.43)

De acordo com Pereira (2005), Erickson considera o orientando participante ativo na mudança de posicionamento perante a escolha e possui condições de encontrar a solução saudável. Assim, o orientador ericksoniano mantém uma expectativa positiva durante todo o processo porque acredita que ao longo da vida é possível fazer escolhas e, de algum modo, desenvolver o aprendizado de escolher.

Devemos aceitar a atitude do orientando frente a seu processo de escolha, pois ele age de acordo com suas crenças, valores e marco de referência. A família, a escola e a própria sociedade, como agentes pedagógicos, inculcam padrões condizentes com a cultura dominante; entretanto, existe a abertura para o indivíduo, ao apreender a realidade material, (re)significá-la ao seu modo, de acordo com os fatos psicológicos que estão presentes no momento de (re)significação. (PEREIRA, 2005, p.132)

Em meu trabalho de orientação profissional acredito que o sujeito constrói sua identidade vocacional e, para tal, proponho oficinas de orientação profissional. Para entender o significado que tem para os jovens participar de oficinas com esse objetivo, eles utilizaram os textos iconográficos produzidos por eles mesmos, os quais foram compreendidos com base na leitura transtextual singular de imagens conforme Ormezzano (2001). Antes de tentar entender as imagens dos adolescentes, há que se espiar pelas janelas do imaginário para, quem sabe, decifrar o que suas cabeças pensantes e desejanter querem nos dizer.

### 1.3 Imaginando com os adolescentes: O que o olho vê o coração sente

Os adolescentes, sujeitos da pesquisa, foram crianças que, desde seu nascimento, foram rodeadas de imagens; com seus olhinhos recém-nascidos, elas já passeavam por seus

quartinhos decorados com os desenhos escolhidos por seus pais. A linguagem das imagens traduzia a alegria de quem as esperara por meses, e sua vidinha enfeitada continua acompanhando-as enquanto crescem. As imagens em seu entorno também vão construindo sua auto-imagem.

Na primeira infância as imagens vão tomando forma de palavras e, na voz das pessoas queridas, vão se transformando em historinhas e transportando-as para o encantado mundo da imaginação. Enquanto ouvem o timbre macio da voz da mãe e a firmeza da leitura do pai, as crianças escutam as historinhas e vão crescendo junto com sua fantasia, formando suas próprias imagens e traduzindo-as em suas produções e reproduções. Cepalier (apud Païn; Jarreu, 1996) resume a condição humana em três premissas: o homem é este ser que se faz imagem, se faz das imagens e faz as imagens.

Os símbolos representam o mundo da criança, suas relações com as pessoas e com ela mesma; a sua imaginação flui desenhando objetos significativos, reais ou fantasiosos, expressando seus sentimentos, inventando e experimentando idéias, pelas quais, de formas variadas, vai deixando transparecer as suas emoções e o seu imaginário. É por meio da capacidade simbólica que a criança, por volta dos dois anos, potencializa a sua aptidão de criar.

Os adolescentes estão em busca de respostas aos seus desejos e ao lugar que querem ocupar. No estudo realizado durante o processo de orientação profissional, os adolescentes participaram de diversas atividades, nas quais puderam muitas vezes se perguntar, olhar-se. O mundo das imagens faz parte do cotidiano adolescente e, desde muito cedo, enfeita sua vida e simboliza seus sentimentos, recheando de sentido o mundo que o rodeia, como bem ilustra Berger (1996, p. 11): “A vista chega antes das palavras. A criança olha e vê antes de falar.”

Ainda segundo Berger (1996), a vista é aquilo que estabelece o lugar no mundo que nos rodeia. Podemos explicar o mundo por meio de palavras, mas, antes disso, sentimos esse mundo com nosso olhar. Suas imagens nos enviam mensagens que lemos singularmente, com base em nossas vivências e em nossos vínculos afetivos com as mesmas.

Sabe-se que a adolescência é a fase de pensar sobre o próprio pensamento. No dizer de Fernández (2001), a “fábrica” dos pensamentos não se situa nem dentro nem fora da pessoa; o ato de pensar nasce na intersubjetividade, instigada pelo desejo de se apropriar de algo que até então não lhe pertencia, e pela vontade de nos entendermos e de nos fazermos entender. O pensar alimenta-se do desejo de nos diferenciarmos o máximo possível do

outro, mas, por sua vez, de que esse outro nos aceite como seu semelhante. (FERNÁNDEZ, 2001)

Para ser reconhecido no outro e pelo outro, a imagem se faz instrumento e simboliza aquilo que o jovem está pensando e por vezes não se autoriza a traduzir em palavras. A simbologia é o idioma pelo qual ele pode ler e transmitir para além da pura percepção. A imagem sempre pode ter algo mais a dizer o que lhe dá a sensação de alívio e cria espaço no seu pensamento para o próprio pensamento surgir de forma mais clara para explicar seus sentimentos. Adolescente, espectador e autor deste mundo imagético, ele faz da imagem seu instrumento de comunicação e, por meio dela, pode simbolizar seus anseios, suas inquietações, seus desejos, e, quem sabe, expressar seus pensamentos de forma indireta para ressignificar. A imagem permite ser olhada pelo adolescente e, ao mesmo tempo, olha-o emprestando seus significados, dando novas formas aos sentimentos.

A criação de imagens mentais surge da percepção sensorial e intuitiva, quando atingimos um estado de relaxamento e interiorização e ampliamos nossa consciência, o que traz um conhecimento maior de nós mesmos, vitaliza as forças interiores, torna-nos aptos a criar e assumir nossas vontades e decisões. Na criação de imagens, a fantasia pode tornar-se real, dando novas formas aos nossos medos, nossas vergonhas e nossos desejos. (CAPRI; SARTORI, 2005, p. 163)

Mesmo nas criações mais espontâneas as imagens obedecem às leis internas do sujeito, traduzindo algo do seu imaginário. Daí a importância de tentar entendê-las, pois o símbolo é uma maneira eufemizada de mostrar aquilo irreconhecível às vezes até pelo próprio sujeito que o produz, como se a inspiração do inconsciente pudesse trazer à consciência, de forma simbolizada, conteúdos não autorizados na sua forma original.

O sujeito, ao se apropriar de uma imagem, faz dela um meio de simbolizar seus conflitos. Considerando que os obstáculos que impedem o acesso a esses meios são inconscientes e ligados aos próprios conflitos, simbolizá-los já é um caminho para a sua elaboração.

Como referem Païn e Jarreu (1996) por meio da imagem a realidade revela-se mais claramente; o olhar e o toque aproximam e afastam o sujeito de sua obra, o qual passa do pensamento que constrói a imagem à ação de diálogo com a própria imagem, contemplando, tocando, modificando e modificando-se nesse processo de descoberta de si mesmo na imagem produzida por ele. “O sujeito que toca parece o mesmo que aquele que

contempla, contudo, ele se descobre, espanta-se, é fascinado, visto que há sempre alguma coisa do outro no olhar.” (2001, p.43)

A imagem constitui sempre um ângulo de vista e resulta de um arranjo imaginário, o que faz com que os objetos, a forma como os compõem na sua obra, tenham a ver com o que deseja expressar; mesmo que não se dê conta disso enquanto a constrói, ao contemplá-la, torna-se espectador/leitor, podendo ver os conteúdos antes escondidos no seu inconsciente.

Durand (2002) afirma que a imaginação, segundo os psicanalistas, é o resultado de um conflito entre as pulsões e o seu recalçamento social e aparece como produto de um acordo entre os desejos do ambiente social e natural. Assim, a imaginação origina uma libertação, não pelas raízes libidinosas que esconde, mas pelas flores poéticas e míticas que pode revelar.

Durand, em sua primeira obra, *As estruturas antropológicas do imaginário*, propõe uma valorização da imagem e do imaginário e refere que o trajeto antropológico, como metodologia do estudo da imaginação, é a troca existente entre a subjetividade e o ambiente (apud ORMEZZANO, 2005). O processo de leitura transtextual singular de imagens baseia-se, pela compreensão das imagens, em conteúdos da semiótica, da iconologia e da antropologia. Existe uma história pessoal das imagens, escrita no interior de cada ser humano, e uma história social das imagens, que cada civilização significa. Segundo Chevalier e Gheerbrant:

Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, nossos gestos, ou nossos sonhos, quer percebamos ou não, cada um de nós utiliza os símbolos. Eles dão forma aos desejos, incitam a empreendimentos, modela comportamentos, provocam êxitos ou derrotas... Seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós. (2006, p.12).

Bachelard (2001) refere que a imagem desperta o instinto entorpecido nas profundezas do imaginário, pode-se tirar delas algo capaz de significar nossos desejos e nossas vontades. Portanto, a imaginação e a vontade estão nessa dinâmica o mais próximas possíveis, pois sempre haverá um processo de decisão na produção ou escolha de uma imagem. Buoro também ilustra esta idéia:

A imagem ocupa um espaço considerável no cotidiano do homem contemporâneo. Livros, revistas, outdoors, internet, cinema, vídeo, tevê, para citar apenas as fontes mais comuns, produzem imagens incessantemente, quase sempre à exaustão e diante de olhares de passagem. (2002, p.34)

Segundo Buoro (2002), existe uma relação dinâmica do texto com a narrativa verbal do enunciador que revela sua intenção na comunicação por meio da imagem produzida ou escolhida por ele. Sendo a arte definida como um meio de conceber o mundo visualmente, no diálogo que o narrador estabelece com seu interlocutor existe a incorporação de uma interrogação acerca da sua realidade. Assim, a presença da imagem é apropriada pelo conteúdo verbal, confirmando argumentos teóricos ou conceituais.

Berger (1996) refere que todas as imagens corporizam um modo de ver, não se tratando, portanto, de um mero ato mecânico. As marcas que se deixa numa tela ou num papel, assim como a percepção e a apreciação de uma imagem, dependem também do modo de ver, pois a visão está em constante atividade e movimento, captando as coisas à volta a partir daquilo que significa tal como se é. “As imagens foram feitas, a princípio, para evocar a aparência de algo ausente. E pouco e pouco. Tornou-se evidente que uma imagem podia sobreviver àquilo que representava.” (BERGER, 1996, p.14)

Segundo Bachelard (2001), vive-se num século da imagem; para o bem ou para o mal, está-se mais do que nunca sujeito à ação da imagem, pois ela assume valores de sinceridade e seduz o ser em sua totalidade, convergindo das impressões mais diversas que vêm de vários sentidos. Desse modo, é o ser humano que desperta a matéria das coisas, com o contato da sua mão maravilhosa, dotada dos sonhos do tato imaginante. Ainda segundo o autor, a função eufimizante da imagem está justamente na tarefa de mostrar na alegria a superação da realidade por vezes angustiante.

Durand (2004) esclarece que a imagem tem o papel decisivo de fazer aflorar mensagens do inconsciente do psiquismo, representando uma espécie de intermediário entre o não-manifesto e a tomada de consciência ativa. Por esse motivo, a imagem possui o *status* de símbolo e constitui o modelo de um pensamento indireto; assim, segundo o autor, a imagem é a chave que pode dar acesso ao aposento mais secreto e mais recalcado do inconsciente. O imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual se dá qualquer representação humana através de articulações simbólicas.

Robles (2001) afirma que os símbolos e as metáforas são a linguagem do inconsciente, oferecendo uma representação de uma situação na qual são incluídos em forma de imagem elementos que seria quase impossível descrever verbalmente.

Conforme Ormezzano (2001), um desenho diz de modo diferente o que as palavras poderiam nos dizer. Por esse motivo, não é fácil a compreensão num único sentido, mas por meio de múltiplas interpretações, tendo como ponto de partida sempre o que o autor da imagem tem a dizer sobre ela, ou sobre as razões pelas quais tenha escolhido determinada imagem desde o seu modo de ver.

De acordo com Ormezzano (2005), Durand classifica os símbolos da imaginação em categorias motivantes encontradas no psiquismo humano e nos jogos semiológicos. O autor propõe uma valorização da imagem significada sempre como símbolo composto de um significante, um significado e um sentido figurativo. Segue a autora:

O estudo das imagens visuais exige que se encaminhe a diferença entre a cópia do modelo-objeto, de acordo com a percepção manifesta através do signo, e a sua significação mental, própria para cada pessoa. Pode-se compreender o signo como o corpo (matéria) que acolhe o símbolo manifesto no sentido (espírito) de um espaço-tempo determinado (imagem). (2005, p. 87)

A autora segue diferenciando o arquétipo de símbolo: sendo o arquétipo universal, constante, é a idéia, a inspiração, ao passo que o símbolo é o substantivo, a palavra.

Durand (2002) explica a estrutura como uma forma que desempenha o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens, a que o autor denomina como “regime”. O regime diurno da imagem é o regime da antítese luz-trevas, estruturado pela dominante postural, com as implicações manuais e visuais, e as técnicas de separação, de purificação de que as armas, as flechas, os gládios são símbolos constantes. O segundo gesto postural, o regime noturno da imagem, está constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo, ligado à descida digestiva, e implica as matérias da profundidade, como a água, a terra cavernosa, as taças, os cofres. A convergência desses dois regimes forma a grande constelação simbólica.

Durand (apud Ormezzano 2005) comenta sobre esses gestos como sendo possível perceber neles as dimensões afetivas do espaço-tempo, que indicam na posição ascensional a elevação e a transcendência, onde pode haver a energia libidinal, sob o manto de uma divindade paternal, e, na dominante digestiva, a inversão, a profundidade íntima,

valorizando o aspecto feminino, afetivo e materno. Por certo, as pessoas alternam os regimes diurno e noturno, mas sempre predomina um deles na sua maneira de reagir diante de uma situação.

Durand criou dois regimes: o diurno (imagens da ascensão, da iluminação e da purificação) e o noturno (imagens da inversão, da intimidade, do misticismo). Posteriormente, afirmou que, no momento chamaria de “modalidades” o que antes chamara de “estruturas” e que não incluiria a modalidade sintética no regime noturno, pois ele participa, também, no regime diurno. (ORMEZZANO, 2005, p.90)

A escolha das imagens feita pelos adolescentes para significar a sua participação nas oficinas de orientação profissional oportunizou-lhes um momento de expressão simbólica que nos mostrou seus sentimentos, os quais se tentará entender pela leitura transtextual singular proposta por Ormezzano. “Ler a imagem provoca um desenvolvimento da pessoa, na qual os atos cognitivos são orientados pela imaginação e fantasia. Podem-se compreender determinados conteúdos pelas diversas formas de comunicação verbal ou não verbal” (2001,p.94).

Conforme Ormezzano (2001), as artes satisfazem aos desejos de criar e expressar, promovendo a liberdade, a autonomia, a criatividade, a criticidade, a solidariedade e o afeto entre as pessoas. Tanto no meu trabalho como orientadora profissional quanto no de pesquisadora, compartilho deste pensamento em relação ao espaço criativo, de construção e de autoria na expressão dos sujeitos com os quais dividimos nossas experiências de aprendizes e ensinantes durante o tempo todo. Isso justifica a modalidade de oficinas nas quais os participantes puderam se expressar de forma criativa e autônoma, assim como em sua conclusão foi dado espaço para escuta por meio das imagens escolhidas e também na leitura realizada pelo autor e pelos colegas que constituíram o grupo.

## 2 RECURSOS METODOLÓGICOS

Entender o significado para os adolescentes da participação em oficinas de orientação profissional foi o objetivo da presente uma pesquisa qualitativa, na qual foi utilizada como instrumento conclusivo a leitura transtextual singular de imagens (LTSI), sugerida por Ormezzano (2001). No último encontro foi solicitada aos participantes uma resposta icônica à pergunta da investigação “O que significou para você participar desta oficina de orientação profissional?”, cuja resposta deu-se pela escolha de imagens de revistas e a criação de colagens.

A leitura transtextual singular desta imagem escolhida oportunizou, num primeiro momento, que o jovem expressasse verbalmente o significado da imagem escolhida e, em seguida, que o grupo expusesse as idéias, os sentimentos, os pensamentos que esta imagem significara para eles. A interpretação dos textos iconográficos (figuras de revistas) escolhidos pelos alunos deu-se com base na fundamentação iconológica.

Os critérios utilizados para a compreensão com base no texto iconográfico escolhido foram os previstos na leitura transtextual singular de imagens (LTSI), pelos aspectos compositivos da linguagem visual, ponto, linha, plano, perspectiva, simetria proporção, relação figura-fundo, contraste, luz, cor, textura, pela simbologia espacial, de acordo com o esquema espacial interpretativo, pela simbologia das cores pelas referências do imaginário à luz da teoria de Durand (2002). Na leitura transtextual de imagens feita pelo grupo de alunos da oficina e pela síntese da pesquisadora, que estabeleceu a relação das imagens com outras fontes, tentou-se entender os símbolos e arquétipos de significação presentes nos textos iconográficos produzidos pelos participantes.



## 2.1 Campo de ação e participantes

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Ensino Médio Integrado UPF, na cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Os participantes das oficinas foram alunos concluintes (terceiro ano do ensino médio), pertencente à classe econômica média e média alta, que se dispuseram a participar da pesquisa, perante consentimento dos responsáveis (Apêndice A). Os grupos de oficina de orientação profissional sempre são compostos por, no máximo, dez alunos para que a realização das dinâmicas possa oportunizar debates e expressão a todos os participantes. No caso desta pesquisa, foram os dez primeiros a se inscreverem, com a desistência de um dos participantes, a composição final do grupo foi de seis meninas e três meninos. Com os demais interessados foi formado outro grupo, com o esclarecimento de que não fariam parte da pesquisa.

O trabalho desenvolvido pelo Serviço de Orientação Profissional da escola inicia no primeiro ano do ensino médio, com atividades de autoconhecimento (levantamento de interesses, habilidades, potencialidades...), prosseguindo nos anos seguintes. No segundo ano é realizado um projeto de aproximação dos alunos com o mundo do trabalho por meio de palestras, visitas, dinâmicas de grupo etc. Dessa forma, quando chegam ao terceiro ano, eles já têm construída parte de sua trajetória decisória, porém há ainda alguns que se interessam em participar das oficinas de orientação profissional. De um modo geral, das duas turmas do terceiro ano (em média, sessenta alunos) participam das oficinas de vinte a trinta alunos, sendo divididos em dois ou três grupos de, no máximo, dez alunos. Para esta pesquisa foi escolhido um dos grupos, por se tratar de um estudo de caso. A escolha dependeu do período em que foi realizado o trabalho e teve como critérios fundamentais a vontade e disponibilidade dos participantes.

As oficinas são oferecidas aos alunos todos os anos. O diferencial neste trabalho foi a forma de registro e compreensão dos dados, os quais se tornaram científicos em razão do referencial teórico estudado, do método aplicado e das reflexões realizadas. A proposta de entender o significado que tem para os jovens participar dessas oficinas prima por dar-lhes escuta em relação às atividades das quais participam, bem como, com base nas suas expressões, poder confirmar ou reconfigurar a prática das oficinas de orientação profissional, o que só trará benefícios a eles, ajudando-os na escolha profissional e aprimorando o serviço de orientação profissional que já vem sendo realizado.

## 2.2 A oficina e os instrumentos: descobrindo a saída do casulo

Foram realizados onze encontros em forma de oficinas, de uma hora e meia de duração cada um, na própria escola em que os alunos estudam, em turno inverso, com horário combinado com os participantes. Nas oficinas os alunos participaram de dinâmicas de sensibilização, exploração, autoconhecimento, jogos, produções textuais, produções plásticas, exercícios de escolha e, finalmente, expressaram o significado dos encontros por meio de material escolhido por eles (texto iconográfico). Durante o processo das oficinas, foram registradas as observações dos participantes por meio de anotações feitas pela própria pesquisadora.

## 2.3 Descrição das oficinas

### 2.3.1 Primeiro encontro: O que estou fazendo aqui?

**Objetivo:** Apresentar o projeto de orientação profissional e proporcionar espaço para o jovem expressar suas expectativas em relação ao trabalho.

**Procedimento:** Houve a apresentação do projeto de orientação profissional, explicando o que é uma oficina, a questão do sigilo, como iria funcionar, qual seria a duração e a importância da assiduidade para acompanhamento do processo. Ao final dos esclarecimentos, cada participante escreveu num papel suas expectativas em relação ao trabalho, lendo-as para o grupo.

### 2.3.2 Segundo encontro: Como estou me sentindo?

**Objetivo:** Propiciar momento de reflexão sobre seus sentimentos em relação ao momento de escolha e aproximar o jovem do mundo das profissões.

Procedimento: Cada participante elaborou um cartaz utilizando figuras de revistas (conforme a Figura A), para representar seus sentimentos em relação a este momento de escolha. Após, foi feita a leitura dos cartazes no grande grupo. Como tarefa de casa para o próximo encontro, eles deveriam pesquisar as profissões da família desde os avós até os primos.



Figura A – Exemplo de cartaz elaborado por um dos participantes da oficina

### 2.3.3 Terceiro encontro: Minha família

Objetivo: Favorecer o autoconhecimento a partir da identificação das figuras parentais e propiciar um resgate de vivências familiares.

Procedimento: Fizeram a apresentação no grande grupo das profissões da sua família, observando as profissões que mais se repetem, as mais conhecidas, as que não conhecem e demais curiosidades. Após, cada um elencou uma lista de todas as profissões que apareceram na sua pesquisa e classificou-as da seguinte forma: foram pintadas de vermelho aquelas com as quais o orientando não se identificava; de amarelo as que lhe eram indiferentes; e de verde as profissões com as quais mais sentia afinidade, conforme ilustra a Figura B.

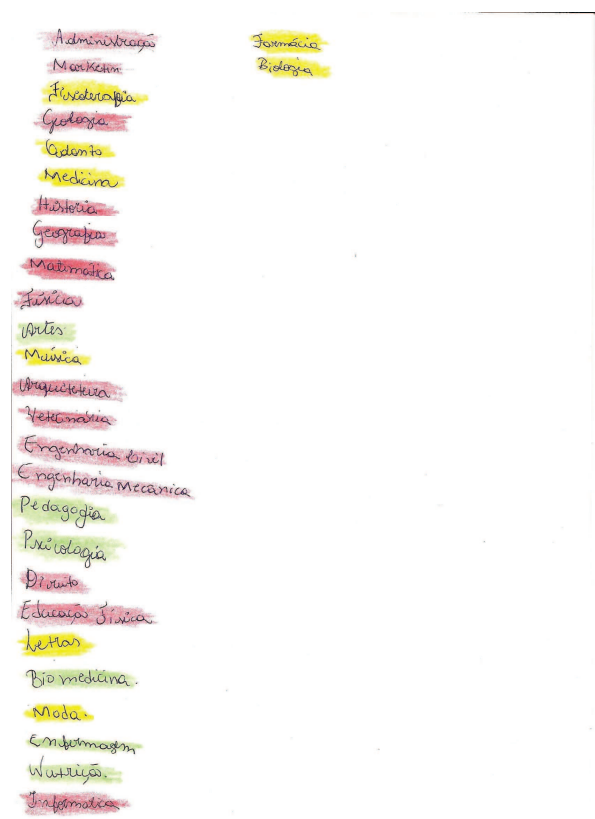


Figura B – Exemplo de identificação com as profissões

#### 2.3.4 Quarto encontro: Do que gosto?

Objetivo: Sensibilizar e auxiliar o sujeito a identificar seus interesses com base na sua vivência cotidiana.

Procedimento: Realizou-se, de início, o quebra-cabeça, com a montagem de uma dobradura, em folha tamanho ofício, em forma de “gaita”, a conforme a Figura C; cada

coluna da gaitinha correspondia a uma peça que serviria para construir seu quebra-cabeça. Na primeira coluna da gaita os jovens deveriam listar atividades que gostam de realizar, desde as mais cotidianas até as que pudessem se relacionar com atividades profissionais. Era o inventário de seus interesses.

A cada encontro seguinte era elaborada uma nova coluna, com, no mínimo, dez itens, e realizado um exercício de escolha no qual podiam escolher somente três.

The image shows handwritten notes on a grid paper, organized into four columns:

- Disciplina: Matemática:** A vertical list of subjects: Ciências, Inglês, Física, História, Matemática.
- Festa:** A list of interests: Ciências Biomédicas, Políticas Públicas, ~~Arquitetura~~, Odontologia, Fisioterapia, Música, Medicina, Dança, Marketing, Fotografia, Administração, Meteorologia, Public. Propaganda, Ciências Contábeis, Psicologia, Direito, Turismo, Eng. Civil, Med. Veter., Sist. Inform., Design Gráfico.
- Informações:** A list of items with symbols and numbers: 1. catálogos  $\Gamma=2$ , 2. revistas  $\square=4$ , 3. e-books  $\Gamma=3$ , 4. design  $\square \Gamma=7=2^{\circ}$ , 5. vídeos  $\square \Gamma=6=1^{\circ}$ , 6. pontos de vista  $\Gamma=2$ , 7. intuições = 0, 8. mapas projetados  $\square \Gamma=7=3^{\circ}$ , 9. reduções  $\square \square 1=9=1^{\circ}$ , 10. modelos  $\square 1=5$ .
- Veias:** A list of items with symbols and numbers: 1. papel  $\Gamma=3$ , 2. canetas  $\square \square = 8=2^{\circ}$ , 3. móveis  $\square \Gamma=6$ , 4. apartamentos  $\square \Gamma=7=3^{\circ}$ , 5. dinheiro  $\square=4$ , 6. computadores  $\square \square = 9=1^{\circ}$ , 7. fotocópiadoras = 0, 8. lâmpadas luminosas  $\Gamma=3$ , 9. telefones celulares  $\Gamma=2$ , 10. cadeira de rodas  $\Gamma=3$ .

Below the grid, there are sections for 'Recompensa' (1. Reconhecimento, 2. Fama, 3. Riqueza) and 'Problema' (\*Terminar as atividades mais bonitas e acatadas).

Figura C – Exemplo da gaita

### 2.3.5 Quinto encontro: O que eu sei fazer?

Objetivo: Criar espaços de descoberta em relação ao seu autoconceito.

Procedimento: Nome de Índio, conforme dinâmica presente no livro de Lucchiari (1993). Nesta atividade, cada participante inventava um nome de índio e explicava o significado; posteriormente, construía o seu totem em argila, apresentando-o para o grupo.

Em seguida, deveria ser montada a segunda peça do “quebra-cabeça” ou da “gaita”, com o título “Minhas habilidades”.

### 2.3.6 Sexto encontro: Preciso escolher

**Objetivo:** Oportunizar o exercício de escolha de acordo com a identificação com as profissões.

**Procedimento:** Festa: Foi proposta a dramatização de uma festa à qual cada um poderia levar trinta profissionais convidados, representados por cartelas com o nome da profissão e entregues a cada um com uma cartela em branco que os representa. A orientadora/pesquisadora representava a fotógrafa, que passava pelos participantes e solicitava que organizassem os convidados para tirar uma foto. A “fotógrafa”, dando-se conta de que não caberiam todos na foto, solicitava que fossem retirados os convidados de dez em dez, até que concluíssem que só poderiam aparecer na foto as cartelas que ficassem imediatamente encostadas naquela cartela que representava o sujeito, de forma que, provavelmente, restaram só quatro ou cinco, de acordo com Figura D. Os participantes deveriam pesquisar sobre as profissões que permaneceram até o final.

Após, fez-se a montagem da terceira peça da “gaita”, com o título “Dez tipos de coisas com as quais gostaria de trabalhar”.

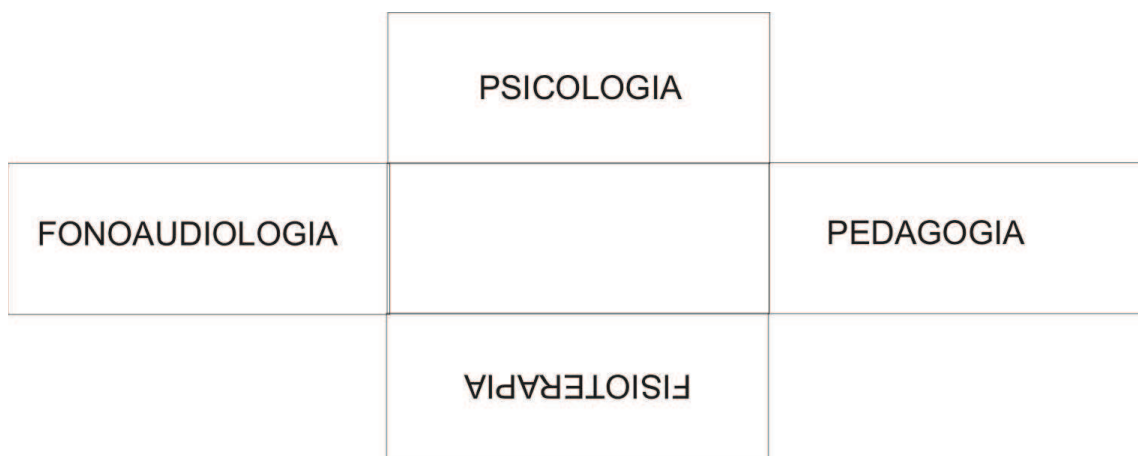


Figura D – Exemplo de montagem final da foto

### 2.3.7 Sétimo encontro: O que vou ser?

**Objetivo:** Visualizar seu futuro como profissional, projetando seu desejo em relação ao que sonha realizar.

**Procedimento:** Visualização dirigida: projeção de futuro. Dinâmica inspirada e adaptada de Soares (2002). Enquanto os participantes permaneciam de olhos fechados, a orientadora/pesquisadora conduzia-os à visualização de uma cena no futuro, na qual eles se projetariam, dez anos mais tarde, como profissionais. Quando a imagem já estava bem formada em suas mentes, deveriam abrir os olhos e representar corporalmente o profissional que tinham visualizado. Após, cada aluno fazia a montagem da quarta peça do “quebra-cabeça”, com o título “Com que tipo de informações me imagino trabalhando?”

Como tarefa para o encontro seguinte, os jovens deveriam entrevistar um profissional da área visualizada durante a atividade.

### 2.3.8 Oitavo encontro: Com a mão na massa

**Objetivo:** Favorecer a formação do autoconceito e a percepção das influências do outro nas suas escolhas.

**Procedimento:** Esculturas: em duplas, os sujeitos brincaram de “escultor-escultura” com o corpo dos colegas, com isso trabalhando-se a questão de moldar e ser moldado, escolher e ser escolhido, dinâmica inspirada e adaptada de Soares (1993). Ao final, comentou-se sobre o que tinham sentido durante a atividade. Em seguida, cada um fez a montagem da quinta peça, com o título “Que tipo de problema gostaria de resolver com minha profissão?”

### 2.3.9 Nono encontro: Juntando as peças

Objetivo: Visualizar a imagem de sua profissão a partir das peças construídas por eles.

Procedimento: Montagem da sexta peça, com o título “Que recompensas sonho ter com minha profissão”, e da sétima peça, com o título “Em que tipo de ambiente eu gostaria de trabalhar?”

Após, foi realizada a montagem do quebra-cabeça, conforme ilustração na Figura E. Os orientandos reuniram todas as peças numa única imagem, que era imagem da sua profissão; restando uma peça em branco, nela escreveram o nome da profissão no último encontro, após a exposição aos colegas do grupo que estava participando. A escolha do formato final desta figura ficou a critério de cada orientando.

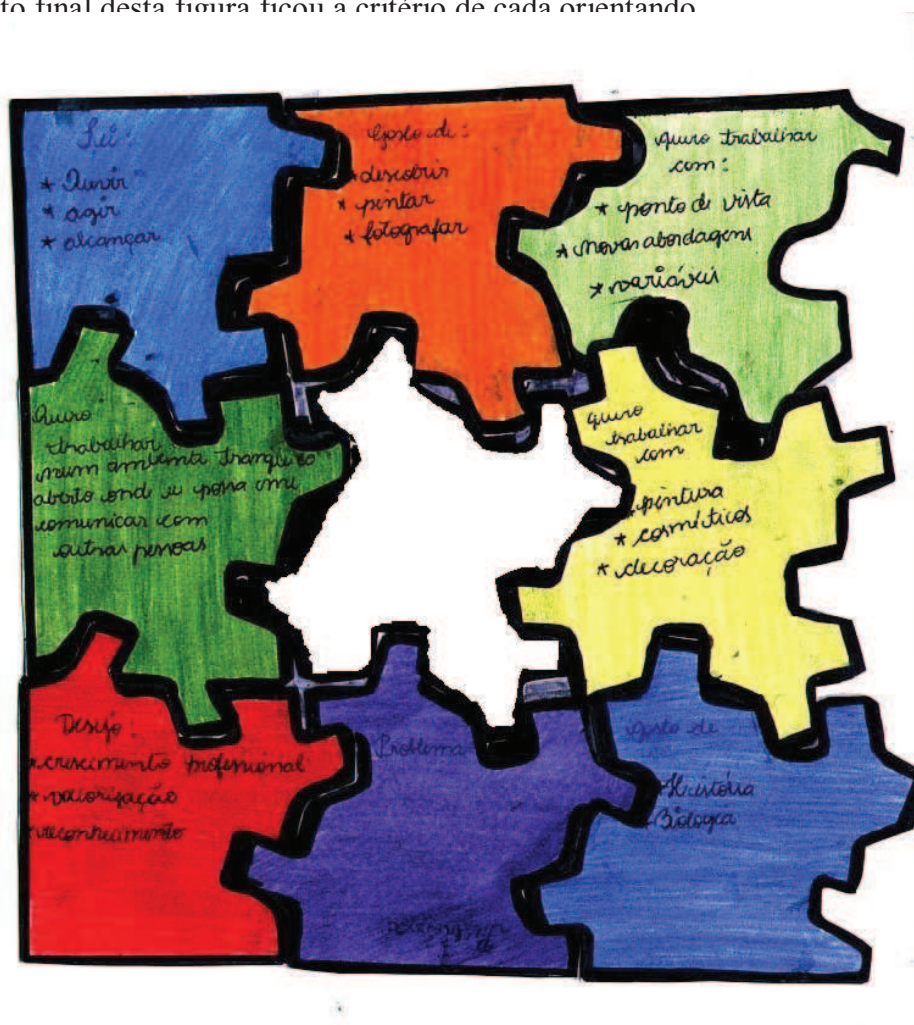


Figura E – Exemplo de quebra-cabeças com a peça vazia



### 2.3.10 Décimo encontro: A despedida

**Objetivo:** Exercitar a observação e a descoberta das profissões por meio das imagens formadas no quebra-cabeça construído pelos colegas; propiciar momento de autoria na escolha a partir do preenchimento da peça vazia do seu quebra-cabeça; favorecer a verbalização dos sentimentos em relação ao encontro de despedida.

**Procedimento:** Visita à exposição. Após a conclusão das peças da profissão, foi sugerido que organizassem a sala e expusessem seus quebra-cabeças montados. Enquanto observavam, os participantes tentavam descobrir a profissão com base na imagem formada. Depois de algum tempo, o autor da montagem ia até sua obra e escrevia na peça em branco o nome da profissão escolhida, conforme a Figura F.

**A despedida:** Como se estivessem saindo em viagem, cada um escolhia seu lugar preferido e escrevia uma mensagem que gostaria de receber para levar consigo. Os papéis, simbolizando aviões, eram jogados para o alto; o sujeito deveria recolher o papel que caísse mais perto, tornando esta a sua mensagem. No final, todos verbalizaram o que haviam sentido durante o encontro.

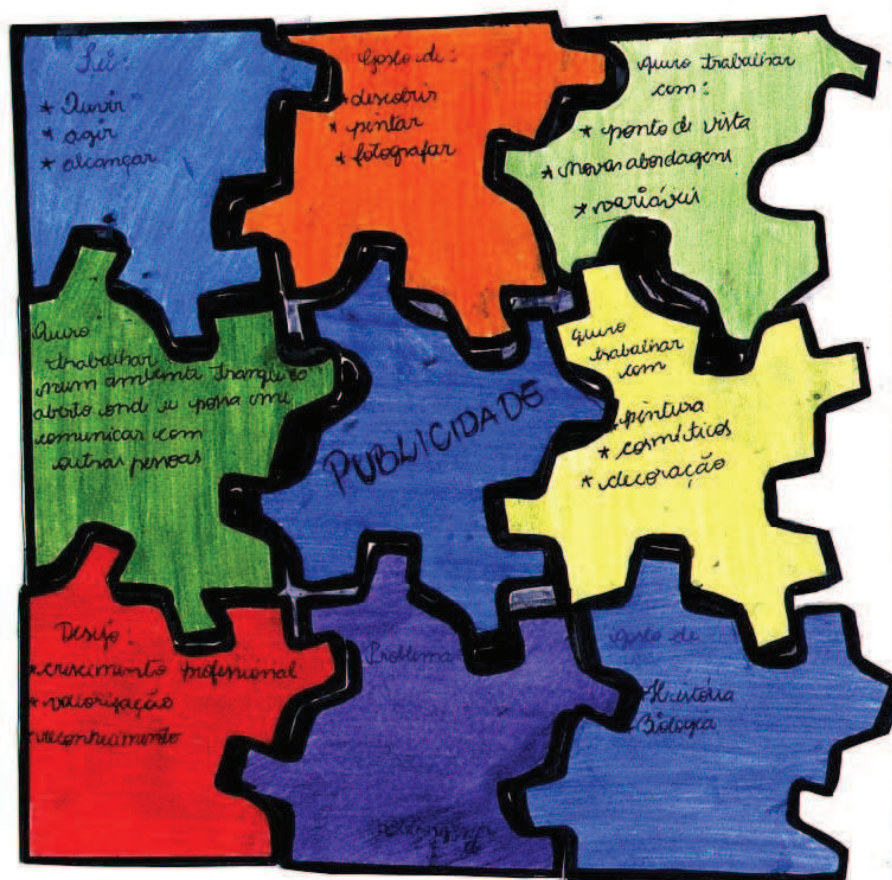


Figura F – Exemplo de quebra-cabeças completo

### 2.3.11 Encontro de avaliação

Objetivo: Avaliar o trabalho realizado nas oficinas; descobrir o significado do trabalho de orientação profissional para os adolescentes.

Procedimento: A orientadora realizou uma visualização dirigida e, após o relaxamento dos alunos, fez a entrevista iconográfica (ORMEZZANO, 2001) na qual solicitou uma resposta icônica à seguinte pergunta: “O que significou participar desta oficina de orientação profissional?” Os sujeitos expressaram-se por meio de figuras de revistas escolhidas por eles. As imagens da aplicação dessa atividade estão presentes no terceiro capítulo, juntamente com a compreensão das informações.

### 3 SURGE A BORBOLETA

No decorrer do trabalho para o objetivo final, utilizou-se toda uma alimentação especial do casulo buscando auxiliar na metamorfose, surgindo a borboleta. A leitura transtextual singular de imagens (LTSI), segundo Ormezzano (2001), propõe alguns critérios para a realização da leitura das imagens, os quais são: o suporte e o material, os aspectos compositivos da linguagem (ponto, linha, plano, perspectiva, relação figura-fundo, cor, luz, sombra, textura), a simbologia espacial conforme Zimmermann (apud Ormezzano, 2001), a simbologia das cores, as referências do imaginário e a síntese da pesquisadora. Na presente pesquisa não foram considerados o suporte e o material, pois não foram escolhidos pelos participantes e, sim, entregues pela pesquisadora. Os participantes puderam escolher entre várias revistas a imagem que responderia à pergunta sobre o que significara participar das oficinas de orientação profissional.

#### 3.1 Compreensão das informações

Antes da escolha da imagem foram realizados relaxamento e visualização. Após, foi solicitada aos participantes a produção da imagem visual respondendo à pergunta: “O que significou participar da oficina de orientação profissional?” O suporte e o material utilizados para a tarefa foram: folha reciclada (tamanho ofício), que não será objeto de estudo já que foi distribuída pela pesquisadora, e figuras de revista, escolhida pelos autores. Os alunos tiveram a liberdade de escolher entre utilizar uma tesoura para recortar as figuras, ou rasgá-las com as próprias mãos. Para manter em sigilo o nome dos alunos

que participaram da pesquisa utilizar-se-á como nome de referência um “Nome de índio” escolhido por eles em atividade descrita anteriormente no presente do trabalho.

A atividade de colagem iniciou-se de forma dramática, considerando-se que eles precisavam, em primeiro momento, rasgar ou cortar as folhas das revistas. Como dizem Païn e Jarreau (1996), a colagem tem uma característica de irreversibilidade, pois cola, fixa, sobre um lugar, uma superfície, existindo a significação de que pode existir algo de definitivo na escolha de um lugar. “A passagem da rasgadura à colagem determina um cenário significativo da vivência do sujeito, quando é preciso romper com o passado (por corte) e fixar-se em um futuro (colar-se alguma parte de maneira a dar-lhe um sentido).” (PAÏN; JARREAU, 1996, p.189),

O cenário composto pelo participante, ao mesmo tempo que lhe servia como resposta, também lhe mostrava algo, de modo que mais uma vez a imagem pode estar a serviço de seu autor, ajudando-o a ressignificar as perdas pelas quais estava passando nesse momento de escolha.

## 3.2 Figura 1: Elétrica Flor

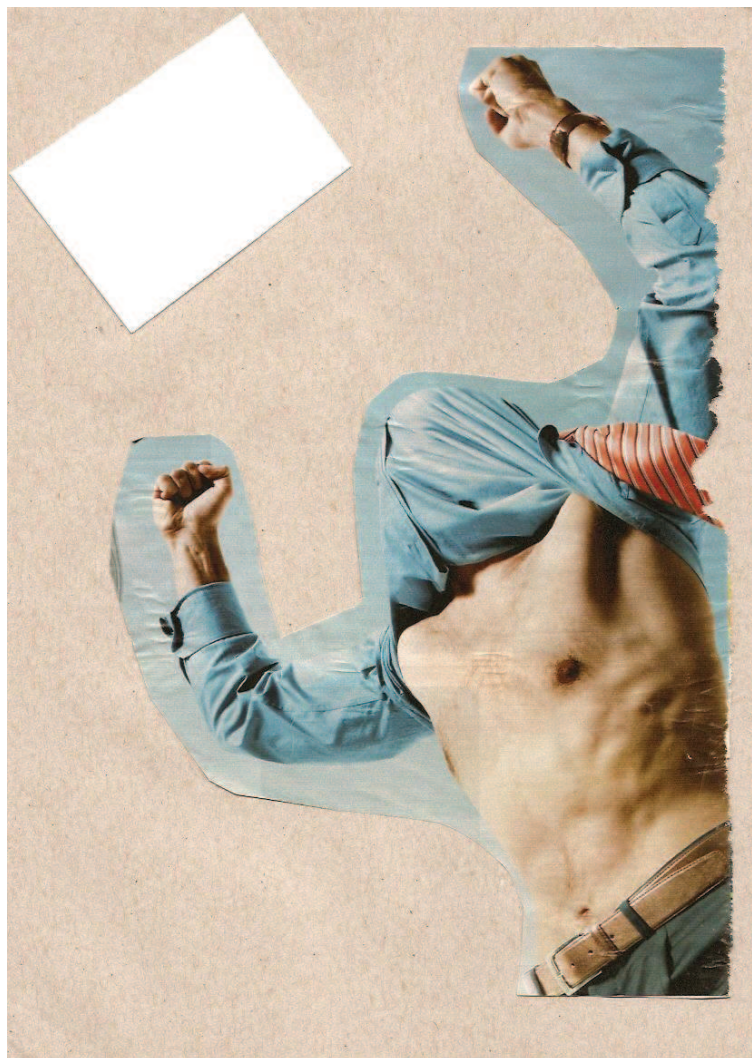


Figura 1 – Texto iconográfico da Elétrica Flor

A figura apresenta um homem de braços erguidos, com as mãos fechadas, vestindo camisa azul-celeste e calça azul-marinho, gravata listrada na cor laranja, cinta e relógio na cor marrom. O homem está com parte de seu corpo à mostra, pois a figura foi recortada de forma que só aparecesse da cintura para cima e sua camisa está erguida tapando todo o rosto. A imagem está disposta na parte inferior à direita da folha. Percebe-se textura nos detalhes da gravata, na cinta, no relógio, nas dobras da roupa que tapam o rosto, nos punhos, bem como no corpo exposto. O fundo da figura é azul e o recorte contorna o desenho do corpo parecendo aumentar sua dimensão.

No canto superior esquerdo foi colado um retângulo branco de papel. Como o suporte para o cartaz era de papel reciclado, dá a impressão de que a autora desejou marcar este espaço na folha. De acordo com a simbologia espacial, esse espaço pode estar indicando um vazio, um ar de saudade e, como fica à esquerda da folha, simboliza o passado.

A figura do retângulo, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2006), serve às evocações, simboliza a perfeição das relações entre o céu e a terra. Talvez Elétrica Flor esteja olhando para essa direção no desejo de se encontrar com seu passado, que agora lhe parece ter sido tão perfeito, pois era um tempo no qual não precisava tomar tantas decisões. A participante sente saudades do tempo em que era criança e sentia a perfeição do cuidado e da proteção de seus pais. Adolescência, como nos diz Pereira (2005), é o momento da descoberta de si mesmo, na qual se deve aprender a se conhecer melhor. Nesta etapa, os sujeitos despedem-se do corpo infantil, dos pais da infância, idealizados e perfeitos. Este período de adolescência para a Elétrica Flor pode estar significando saudades do tempo que se foi e, ao mesmo tempo, um vazio pelo tempo que ainda não chegou.

A organização da figura na parte inferior direita da folha pode estar significando seu pensamento no futuro profissional; ao mesmo tempo, localiza parte importante da figura no centro inferior, que simboliza seu presente, lugar onde tem de escolher. Ormezzano (2001), citando Zimmermann, ressalta que a organização da figura é importante, porque posiciona o orientando diante de sua realidade interior-exterior.

A criação de uma imagem é um desafio no qual o sujeito é autor e pode transformar a folha vazia, podendo criar um sentido para aquilo que antes não tinha nenhum. O toque deixa tomar forma aquilo que deseja expressar. É a linguagem dos símbolos, por meio da qual o próprio corpo do autor se entrega e se deixa levar pela imaginação. Ao tentar entender as imagens, há que se colocar também no lugar de quem a construiu, tendo como base significações da ordem do imaginário.

O homem com os braços abertos simboliza a cruz; apontando para os quatro pontos cardeais, como uma bússola, parece que encontrou seu norte. Esta figura pode estar significando o encontro do centro, podendo ser o centro o seu objetivo da escolha profissional. A posição indica vitória e conquista, o que pode significar que se encontrou. Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), a figura do homem com os braços abertos lembra uma cruz, que é o terceiro elemento dos quatro símbolos fundamentais, juntamente com o centro, o círculo e o quadrado; tem função de síntese, de medida, é o símbolo do intermediário, do mediador.

De acordo com Dahlke (2003), os símbolos podem nos guiar; por essa razão, ocupamo-nos deles e nosso intelecto pode acompanhar essa viagem e encontrar o seu prazer nisso. Nosso corpo é composto por inúmeras mandalas. Enquanto mandala, cada homem possui um centro, que todos estão constantemente a procurar dentro de si. A mandala é um símbolo que pode revelar através de uma imagem algo que não consegue se mostrar. No processo de escolha profissional, o jovem procura se encontrar e talvez queira mostrar com esse corpo meio escondido suas dificuldades em se mostrar por inteiro; ele faz uso da imagem como recurso simbólico, como refere Soares:

A mandala é um símbolo pessoal que revela quem somos num determinado momento de nossas vidas; pode revelar conflitos e servir como um espaço para a descarga das tensões à medida que projetamos esses para fora de nós mesmos. Acredita-se que as mandalas tenham, portanto, efeitos terapêuticos, de cura, autodescoberta e evolução pessoal... (SOARES et al., 2005, p.67)

De acordo com Durand (2002), a cruz é muitas vezes identificada a uma árvore, tanto pela iconografia como pela lenda, tornando-se, com isso, escada de ascensão, pois a árvore é contaminada pelos arquétipos ascensionais. A cruz é símbolo da totalização espacial.

A noção de verticalidade como eixo estável das coisas está em relação com a postura ereta do homem, sendo a simbolização verticalizante o desejo da realização e da elevação. O arquétipo profundo das fantasias do vôo não é o pássaro, mas o anjo, o qual estaria simbolizado pelo homem de braços abertos, como alguém que quisesse voar para atingir a elevação angelical. Ainda segundo Durand (2002), a fantasia da asa, de levantar vôo, é uma experiência imaginária aérea, do ar, substância celeste por natureza. O gesto de levantar os braços ao céu pode indicar gratidão por algo que recebeu. Conforme o autor, o ar resume as qualificações catárticas dos atributos elementares, como translucidez, luz, receptividade. O ar respirado é a parte privilegiada e purificada da pessoa, a alma. Erguer seus braços em direção ao ar pode, também, significar abertura em relação a novas descobertas, assim como leveza em relação às suas angústias.

Chevalier e Gheerbrant (2006) explicam que o braço é símbolo da força, do poder, do socorro concedido, da proteção. Os braços erguidos indicam a ação corporal que cede lugar à participação espiritual; na liturgia cristã, sugerem a imploração da graça ao alto e a

abertura da alma. Na significação coletiva, para os participantes, a figura transmite a idéia de força, de vitória, de gratidão pela superação dos obstáculos e pela escolha concretizada.

A cor azul toma conta de quase toda a imagem. Para Chevalier e Gheerbrant (2006), o azul é a mais profunda das cores, na qual os olhos mergulham sem encontrar qualquer obstáculo; é a mais imaterial das cores. A natureza apresenta essa cor, geralmente, feita apenas de transparência, vazia de acúmulo, de ar, de água, do cristal ou do diamante. O vazio é exato, puro e fino. Acaso não é azul a cor do pássaro da felicidade? O azul é o caminho da divagação e, quando se escurece, de acordo com a sua tendência natural, torna-se o caminho do sonho. Os egípcios consideram o azul como a cor da verdade. O azul celeste é o campo elízio, o útero por meio do qual abre seu caminho à luz.

A cor azul escolhida por Elétrica Flor pode estar significando, assim como o pássaro da felicidade, a alegria demonstrada durante o processo de orientação profissional e, ainda, pode indicar o caminho do sonho, o qual deseja percorrer para encontrar seu desejo em meio a tantas influências que se atravessaram no seu caminho real. O azul pode estar revelando transparência e profundidade em suas descobertas.

De acordo com Durand (2002), o azul age no sentido de um afastamento da excitação, reunindo, portanto, as condições próprias para o repouso e, sobretudo, o recolhimento. O brilho que matiza o azul da figura remete ao brilho do matiz dourado representativo da espiritualização e que tem um pronunciado caráter solar. O sol significa, antes de tudo, luz, e luz suprema, o que mais uma vez pode estar querendo simbolizar o encontro com a conquista da resposta desejada.

Para a autora do texto iconográfico, a figura representa um ganhador, mas que, ao mesmo tempo, passa uma certa insegurança; talvez as partes escondidas do corpo estejam falando sobre isso. A adolescência é busca de identidade; momento ambivalente no qual se passa de um estado de total segurança e euforia para o de angústia, dúvida, incerteza. Esses sentimentos se escondem e se mostram durante o tempo todo, mas às vezes, não são compreendidos pelos próprios jovens. A simbologia do ganhador traz alento, mas a resolução do conflito pode ainda não estar podendo aparecer completamente; por isso, a Elétrica Flor brinca de se esconder mais um pouco.

Conforme Durand (2002, p. 147): “A cabeça é ao mesmo tempo o signo, o resumo abstrato da pessoa, e o rebento pelo qual o indivíduo cresce em idade e em sabedoria”. A cabeça escondida pode significar algum receio de assumir por completo seu crescimento e sua maturidade em relação ao processo decisório. Em relação ao rosto, Chevalier e Gheerbrant (2006) afirmam que só é possível conhecê-lo através de um espelho; é a parte



mais viva, mais sensível, mais reveladora de todo o resto do corpo. O rosto não é para si, é para o outro.

Por sua vez, a roupa, conforme os autores, é o símbolo do próprio ser do homem, pois nenhum outro animal as usa; é um dos primeiros indícios de uma consciência de si mesmo, símbolo exterior da atividade espiritual, a forma visível do homem interior. Já a roupa tapando o rosto poderia ser vista como uma máscara e, nesse sentido, opera como uma catarse: não esconde, mas revela. A máscara teatral é uma modalidade do *self* universal, pois a personalidade do portador, em geral, não é modificada. Contudo, a roupa tapando o rosto também pode significar o véu, que, por sua vez, pode ser considerado mais um intérprete do que obstáculo; ocultando apenas a metade, convida ao conhecimento. O véu é uma cortina interposta entre aquele que procura e o seu objeto, aquilo que se revela velando-se, aquilo que se vela revelando-se.

Conforme Ormezzano e Torres (2003), a utilização de máscara possibilita o conhecimento e a autoconsciência das próprias máscaras, assim como dos efeitos seus desmascarantes, estimulando a visão interior. À medida que tomamos consciência de nós mesmos, sabemos melhor quem somos e qual é nosso lugar no mundo. Assim, a Elétrica Flor pode, quem sabe, ao utilizar a roupa escondendo o rosto da figura, estar fazendo uso deste efeito da máscara para proteger-se por um tempo do mundo externo para que possa se encontrar com seu interior com mais privacidade. A autora do texto iconográfico poderia estar abafando um pouco a “eletricidade” incandescente própria desta fase, que, por vezes, acaba cegando os olhos. Talvez a máscara esteja servindo para quebrar um pouco essa luz, proteger os olhos para que possa enxergar melhor e, ainda, com essa proteção, ouvir melhor seu coração.

O rosto tapado pode estar significando as dúvidas que persistem em todos os seres humanos em busca de si mesmos. Estamos sempre em busca da felicidade, que não poderá ser encontrada em sua plenitude somente no projeto profissional. A autora do texto iconográfico revela, explicitamente, que se sente vencedora, porém com algum traço de insegurança. A roupa, feita de tecido, para Durand (2002), é um ligador e também uma ligação tranqüilizante; é o símbolo de continuidade. Ainda, levando ao extremo, o significado de tecido liga-o profundamente ao simbolismo totalizante por excelência, ao simbolismo da cruz. Pode também expressar se atirar de cabeça, com os olhos fechados, de forma temerária, sem medir as conseqüências, expondo-se de peito aberto etc; pois durante o processo das oficinas Elétrica Flor verbalizou em vários momentos suas dúvidas em relação à escolha da profissão. Na verdade, seu conflito girava em torno de realizar o seu

desejo nesta decisão, que seria cursar pedagogia, ou atender à demanda da família, e também pensando no *status*, escolher o curso de odontologia.

Talvez essa figura esteja tapando seu rosto no sentido de não precisar ver a reação das pessoas diante da decisão na qual se expõe, de certa forma, de peito aberto, sem pensar nas conseqüências, atirando-se de cabeça, uma vez que em todas as atividades de escolha o curso desejado surgiu com destaque. No momento de representar a figura de sua profissão (juntando as peças de seu quebra-cabeças), ela escolheu a figura de um caderno, onde em cada página ia desenhando as peças como se estivesse ensinando a ela mesma, como se fosse a sua própria pedagoga.

## 3.3 Figura 2: Lagoa Azul



Figura 2 – Texto Iconográfico de Lagoa Azul

A figura foi recortada em forma de retângulo e colada no centro da folha, sendo composta por sete pessoas, três do sexo feminino e quatro do masculino. Os indivíduos estão vestidos de branco e parecem estar correndo ou saltando. Percebe-se a sensação de movimento nos cabelos, na posição dos braços e das pernas. Somente uma pessoa se encontra com os pés no gramado verde. O fundo da figura é o azul-celeste.

O movimento das pessoas na imagem pode estar indicando os próprios movimentos de Lagoa Azul durante os encontros, pois, segundo ela, “a cada encontro saímos diferentes, mudamos nossas perguntas, levamos algumas respostas.” Na figura as pessoas se

movimentam com leveza e com alegria, mansamente, como se estivessem em câmera lenta, assim como se observa a dança das águas de uma lagoa.

Adolescência é uma fase muito dinâmica, marcada por tumultos, conflitos, barulhos, não sendo fácil lidar com tudo isso ao mesmo tempo. Segundo Rappaport (2002), se fosse fácil não teria graça, pois o fascínio da adolescência está, justamente, em grande parte neste turbilhão de emoções, dúvidas, incertezas, sonhos e ilusões. O que não falta aos adolescentes é vida e, sobretudo, movimento. Talvez a figura esteja falando a todos desse movimento gostoso que se pode observar na imagem.

A figura ocupa a folha de lado a lado. À esquerda do observador, pode-se dizer da sua intenção de mostrar o passado, o que, de acordo com a simbologia espacial, estaria significando a sua interioridade, ao passo que o lado direito indica o futuro, o seu exterior. Esta localização da imagem pode estar dizendo da ambivalência existente diante da escolha, a qual posiciona o sujeito que escolhe diante dos dois aspectos relevantes e determinantes na sua decisão: as questões externas, como a família, a sociedade, a realidade econômica, e as questões internas, com as quais seus desejos almejam sobressair. De acordo com Soares (2002), o momento de escolha é um presente que irá definir um futuro baseado nas vivências passadas.

Conforme Soares (2002), as expectativas das pessoas em relação ao futuro estão carregadas dos seus medos e também dos seus familiares, pois existe de ambos os lados uma expectativa muito grande em relação à busca da felicidade na escolha acertada da profissão. Isso torna esse momento decisivo, muito pesado, pois carrega os afetos e desafetos que o compõem.

Segundo Dahlke (2003), o corpo, com os braços e as pernas esticadas, forma uma estrela de cinco pontas; cada homem está constantemente à procura de seu centro. A figura colocada na parte central da folha leva a pensar nessa busca da felicidade através do encontro que o centro pode significar. Para Chevalier e Gheerbrant (2006), o centro é a imagem dos opostos concebida com a mais intensa dinâmica, o lugar da mais concentrada energia; é o lugar de onde parte o movimento da unidade em direção à multiplicidade, o ponto onde se juntam desejo e poder.

Na profundidade da figura se vê o azul do céu que preenche a imagem lado a lado, parecendo que as pessoas estão quase voando no céu. Considerando a posição dos corpos, de pernas e braços abertos, esses parecem as próprias estrelas piscando no infinito azul celeste. São estrelas que brilham, felizes; seus corpos quase se tocam, parecendo desejar se entrelaçar para se unirem mais ainda. Neste pulo que lembra um salto sincronizado, Lagoa

Azul pode estar querendo simbolizar o grupo de orientação, que tinha esse espírito solidário e unido, como um dos colegas pôde confirmar com sua fala: “Nós percebemos nossas diferenças, que cada um pode ter desejos particulares, mas, ao mesmo tempo, despertamos o sentimento de união e desejamos que todos tenham um futuro muuuuito legal.”

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2006), conforme os iacutos, as estrelas são as janelas do mundo, são aberturas dispostas de modo a permitir receber a aeração das diferentes esferas do céu; elas costumam reter em sua simbologia, sobretudo, sua qualidade de *luminar*, de fonte de luz. A estrela de cinco pontas é um símbolo do microcosmo humano; representa o homem regenerado, radioso; ela é, assim, como o número cinco, o símbolo de perfeição. Considerando que a figura apresenta sete pessoas, o número sete, ainda de acordo com os autores, simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica. As sete cores do arco-íris e as sete notas da escala diatônica revelam o setenário como um regulador das vibrações. A semana tem seis dias ativos, mais um dia de descanso, representado pelo centro.

O azul toma conta de quase todo o fundo da figura, o que lembra os olhos de Lagoa Azul e também remete ao nome de índio que ela escolheu. O azul, conforme Chevalier e Gheerbrant (2006), é a mais profunda das cores, na qual o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, até o infinito; o azul resolve em si mesmo as contradições. Um ambiente azul acalma e tranqüiliza, mais uma identificação com a Lagoa Azul, que, com sua maneira de ser e de se relacionar com o grupo, inspirava tranqüilidade e serenidade aos colegas, pois sabia o que queria; com sua voz mansa e suave, ia conquistando todos no grupo.

As pessoas da figura estão vestidas de branco, cor que, de acordo com Portal (2000), simboliza a verdade absoluta. Só o branco reflete todos os raios luminosos, o que se observa na luz refletida nas roupas; o jogo produzido pela alternância dá o efeito do movimento, podendo representar os momentos vividos durante a oficina, na qual foram feitos movimentos diferentes, desde o mais obscuro, a penumbra, à perfeita claridade.

A expressão de alegria, satisfação, prazer, divertimento está estampada nos rostos das pessoas da figura, assim como em todo o corpo, que passa a sensação de leveza, brincadeira, diversão. Não serão os próprios adolescentes na sua maneira de viver a vida? O rosto não é para si mesmo, é para o outro, é a linguagem, a parte mais viva e mais sensível, como dizem Chevalier e Gheerbrant (2006). Das sete pessoas apenas uma está com os pés colados ao chão; as demais parecem voar com a leveza dos pássaros. Conforme

os autores, o pássaro significa a leveza, a liberação do peso terrestre, símbolo da alma, e tem um papel intermediário entre a terra e o céu. A base está marcada pelo gramado verde, cor de valor médio, mediador entre o calor e o frio, o alto e o baixo; é uma cor tranqüilizadora, refrescante; é o despertar das águas primordiais, o despertar da vida, uma cor feminina, reflexiva, tal como a Lagoa Azul, que inspira seu lado feminino e cuidador quando fala das suas preferências e refere que deseja trabalhar com pessoas, ajudando-as a resolverem seus problemas.

Pelo depoimento do grupo, eles percebem na imagem que cada um pode marcar o seu lugar, a sua diferença, e que na escolha da profissão também cada um deverá fazer valer a sua vontade, deverá fazer o que realmente gosta, não o que os outros pensam ou querem que faça.

A imagem das pessoas felizes, pulando, pode estar significando o que diz um dos participantes: “Essa figura me passa a idéia de que podemos agir com liberdade, que estamos felizes por ter decidido o que fazer, a escolha foi feita.” A sensação de alegria da figura transbordou aos olhos de quem a contemplava na dinâmica da exposição; os “visitantes” passavam por ela e faziam comentários semelhantes ao descrito, reforçando a idéia da importância da singularidade, de fazer valer a sua vontade e do quanto isso deixava felizes.

## 3.4 Figura 3: O Grande Viajante

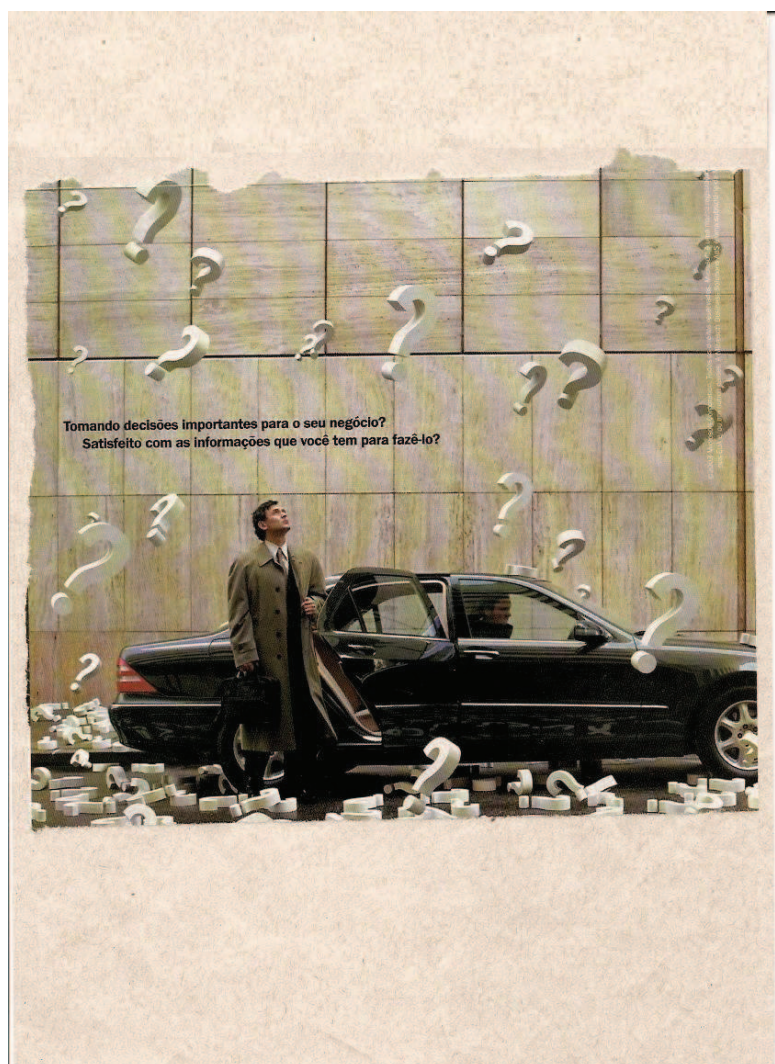


Figura 3 – Texto Iconográfico de O Grande Viajante

A figura apresenta-se centralizada na folha, tendo como fundo uma parede em forma de painéis, parecendo ser de madeira. Do alto da imagem caem inúmeros pontos de interrogação de cor branca, muitos já se encontram caídos. Entre a parede e as interrogações aparece a figura de um homem bem vestido, com terno, gravata, pasta de executivo, saindo de um carro preto e com o olhar direcionado para o canto superior direito da folha. Conforme a simbologia espacial, este quadrante pode estar significando o final configurado, objetivo, projeções, como se o homem estivesse olhando para seu futuro, ou,

talvez, para o futuro desejado. Dentro do carro aparece o motorista olhando para a frente; como a visão se dá através do vidro, a imagem fica um pouco embaçada.

A imagem passa a sensação de frio pela maneira como o homem está vestido e também pelos blocos do painel que faz o fundo da figura, que parecem blocos de gelo. As interrogações que caem como chuva poderiam ser granizos enormes, o que estaria causando muito frio. Segundo Chevalier e Greerbrant (2006), a chuva é o símbolo das influências celestes, é o agente fecundador do solo, aquilo que desce do céu para a terra; é também a fertilidade do espírito. Talvez essa “chuva” de interrogações esteja querendo fecundar o pensamento de O Grande Viajante na busca de germinar a semente da resposta que tanto espera. O frio pode estar representando o inverno e, como uma das quatro estações, pode estar simbolizando um ciclo pelo qual todos precisam passar para amadurecer.

A adolescência é uma fase evolutiva do ciclo do desenvolvimento humano, na qual podem surgir muitas dúvidas em relação ao que desejam realizar em suas vidas; às vezes, os jovens precisam “congelar” imagens vividas para serem resgatadas mais tarde. Talvez a imagem de frio sirva momentaneamente a esse jovem para “dar um tempo”, como eles costumam dizer, para que possam pensar. De acordo com Calligaris (2000), pode ser que esse tempo seja a moratória solicitada ao mundo adulto, seja o pedido de um prazo maior para poder crescer e decidir. Os adultos concedem essa moratória pensando que talvez esse tempo os prepare melhor para enfrentar o mundo que os espera, cheio de responsabilidades e decisões.

Soares, ao abordar a dimensão temporal da escolha, refere:

Escolher o que quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas. (SOARES, 2002, p.24)

Enquanto pensa sobre tudo isso, talvez O Grande Viajante deseje mesmo deixar umas imagens vividas por mais um tempo em seu pensamento, curtindo mais um pouco o grupo da escola, os momentos mais descontraídos e, após mais esse pequeno intervalo, possa então voltar a pensar nas expectativas, nos sonhos, no tipo de vida que quer levar. No decorrer da oficina, O Grande Viajante escreveu um pouco sobre isso quando



descreveu seu ambiente ideal para trabalhar, gerando o seguinte comentário de um dos colegas do grupo: “Que viagem! Ele quer trabalhar ao mesmo tempo num lugar aberto, com uma bela vista, que tenha, de um lado, grandes montanhas com neve e do outro, uma praia paradisíaca; no outro, um campo aberto e, por último, uma paisagem com montanhas rochosas”.

O ambiente idealizado por O Grande Viajante é um tanto fantasioso, mas, ao mesmo tempo, parece uma descrição que não compromete do ponto de vista da escolha, pois elenca várias e não se coloca em nenhuma por inteiro. Parece que está precisando dar-se um tempo nos seus pensamentos, embora reaja com propriedade à fala do colega dizendo que, se não fosse possível desfrutar de todos aqueles lugares ao mesmo tempo, utilizaria um meio de transporte para se deslocar pelas paisagens. Não é por acaso que alguns encontros mais tarde o autor do texto iconográfico tenha escolheria essa imagem para transportá-lo, desviando e derrubando as perguntas aos poucos, chegando ao lugar de seu desejo.

Durante sua participação na oficina, O Grande Viajante oscilava entre várias profissões de áreas bem diferentes e ponderava sobre todos os aspectos; realizava um exercício de exploração bem importante para o processo de escolha, demonstrando, por vezes, a vontade de continuar no terceiro ano; falava muito do grupo do futebol e do quanto o próximo ano seria diferente para todos. Esses depoimentos remetem à idéia de que talvez deseje “ficar frio”, dar um tempo, pedir uma moratória nesse processo decisivo de sua vida. A imagem pode estar simbolizando esse pedido. Como dizem Païn e Jarreu (1996), a imagem serve como meio de significar conflitos subjetivos, criando cenários fantásticos com os quais o sujeito coloca o objeto a seu serviço para poder falar de suas angústias de forma representativa.

O homem da figura olha bem para o alto da folha. Será que essa postura corporal não estaria simbolizando o seu olhar ao céu, derrubando as interrogações? Não poderia ser a demarcação de sua autoria enquanto sujeito que vai derrubando, aos poucos, as pincas de obstáculos que o estão impedindo de prosseguir?

O autor do texto iconográfico declarou que, após o início da orientação profissional, muitas dúvidas suas tinham sido respondidas. No decorrer da oficina, sempre esteve presente em seu relato o desejo de desempenhar uma atividade que lhe oportunizasse muitas viagens. O automóvel, como meio de transporte, pode estar traduzindo o desejo de viajar. Para Chevalier e Greerbrant (2006), viagem significa a busca da verdade; exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de

experiências novas; indica uma insatisfação que leva à descoberta de novos horizontes. Ainda, a única viagem válida é aquela que o ser humano faz ao seu interior em busca de si mesmo. Talvez “O Grande Viajante” esteja falando dessa viagem.

De acordo com Durand (2002), o automóvel é um apego do homem ao auto-refúgio; é o microcosmo tal como a morada; anima-se, animaliza-se, antropoforniza-se, feminiza-se, tanto que os veículos mais pesados, os caminhões, os barcos, têm nome de mulheres. O “santo patrono” dos motoristas, São Cristóvão, é o homem-nave que garante a segurança do fardo que transporta. Isso pode traduzir, quem sabe, o desejo de proteção e segurança simbolizado pelo carro e pelo motorista, que sabe aonde quer chegar, mas ainda precisa de alguém que o guie.

Chevalier e Gheerbrant (2006) dizem que o carro é a sétima carta do tarô, que está ligada ao homem, dominou as oposições e unificou as tendências contrárias pelo efeito de sua vontade; a fatalidade foi ultrapassada; o homem fez a sua escolha. A carta sugere avanço e promete vitória a quem souber equilibrar com habilidade tendências opostas. No trajeto do viajante interior, é chegado o momento de aprender a conduzir o próprio destino de maneira firme e conscienciosa.

O homem, na figura, parece estar só mesmo com a presença do motorista, pois não estão interagindo; falta calor, falta relação. Talvez seja um momento solitário quando olha para cima vislumbrando um futuro e, ao mesmo tempo, olha para si mesmo e, por isso, encontra-se só. A parede que separa o homem com suas interrogações ainda sustenta a frase: “Tomando decisões importantes para o seu negócio? Satisfeito com as informações que você tem para fazê-lo?” Não teriam sido essas perguntas que fizeram o homem olhar para cima? Ou serão essas suas próprias perguntas?

Podem-se destacar as cores branco, das interrogações, e preto, do carro; as outras sugerem a mistura das duas. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2006), o branco significa ora a ausência, ora a soma das cores; é uma cor de passagem, usada nos ritos por meio dos quais se operam as mutações do ser. O branco produz em nossa alma o mesmo efeito do silêncio absoluto, é um nada pleno de alegria juvenil. Entre os sufistas, o branco é a cor essencial da sabedoria, vinda das origens e da vocação do devir do homem. Talvez O Grande Viajante esteja precisando ficar com o branco das interrogações mais um pouco, ou, talvez, pela forma como estão caindo pelo chão, ele já esteja fazendo seu rito de passagem em direção as suas respostas.

O preto, cor oposta ao branco, é seu igual em valor absoluto, podendo situar-se no limite tanto das cores quentes quanto das cores frias; é ausência ou a soma das cores, sua

negação ou sua síntese. Por mais que sua impressão de opacidade, de espessura, de peso denote um aspecto negativo e sombrio, também o preto adquire aspecto positivo quando ligado à promessa de uma vida renovada, assim como a noite contém a promessa da aurora e o inverno, a da primavera. O casamento do preto e do branco engendra o cinza intermediário, que na esfera cromática é o valor do centro, isto é, do homem.

O jogo de cores opostas e intermediárias pode estar representando o sentimento em relação à situação de escolha pela qual O Grande Viajante está passando. Em alguns momentos, suas inquietações aparecem obscuras e as interrogações surgem brancas, talvez para, em contraste com o preto, descobrir o centro intermediário do cinza, que sugere o equilíbrio e o encontro consigo mesmo.

Na significação coletiva, o grupo sugere a interpretação da figura como sendo a existência de muitas dúvidas, o fato de que muitos procuram solução para os problemas na profissão. Este é um momento de indecisão no qual se tem de fazer uma grande escolha, o que traz angústia, preocupação e muitas interrogações. “Nossos encontros nos ajudaram a encontrar os caminhos e parar de olhar para o futuro e ver somente incógnitas, pois a figura passa a idéia de dúvidas esclarecidas.”

## 3.5 Figura 4: Brisa Branca



Figura 4 - Texto iconográfico de Brisa Branca

A imagem está disposta na posição horizontal da folha, ocupando quase todo o espaço; é composta por um relógio, na base, e por uma mão que segura um cronômetro, no canto superior direito. As cores predominantes são amarelo, marrom, preto e branco. A posição dos dedos indica que o cronômetro está acionado. Observa-se textura na pele da mão, no relevo e na costura da pulseira do relógio, o qual não apresenta proporção de tamanho em relação ao cronômetro, e a mão que o segura parece ser bem maior o relógio do que a própria mão.

Tanto o relógio como o cronômetro passam a idéia de movimento, de ritmo, compasso, como se Brisa Branca estivesse querendo descobrir o seu ritmo durante o processo. Dá a impressão de que quer mostrar o quanto sente pulsar seu coração enquanto alguém marca seu tempo de decisão. Pode estar se sentindo pressionada tal qual o botão do cronômetro, pois sente a proximidade do momento decisivo.

O tamanho do relógio pode estar representando a importância de seguir a hora marcada; ao mesmo tempo, o grande relógio sugere querer ser notado. Talvez Brisa Branca

também deseje ser olhada, entendida em sua angústia, na vontade de fazer a escolha certa, ou esteja pedindo um tempo maior para escolher, pois refere na sua fala o quanto sente o compromisso em relação tanto à decisão quanto à aprovação.

Brisa Branca também fala que o momento da orientação assemelha-se a um cronômetro, é a hora certa para decidir; não se pode voltar no tempo, por isso deve-se concretizar sua escolha. Segundo Soares (2002), o jovem busca orientação carregando consigo muita ansiedade pelo conflito inerente à decisão; a liberdade de escolha está diretamente ligada ao nível de resolução deste conflito. “Auxiliar a pessoa a ter clareza dos caminhos possíveis em determinado momento da vida é a função do orientador profissional de jovens e adultos.” (SOARES, 2002, p. 42). Talvez essa orientanda esteja vendo nos encontros de orientação um espaço para poder marcar para si o seu tempo interior e, por isso, faz a comparação com o cronômetro. Quem sabe Brisa Branca precise, neste momento, de alguém que segure o seu relógio, já que não pode voltar no tempo para encontrar o seu caminho.

Para Chevalier e Gheerbrant (2006), a mão exprime as idéias de atividade, de poder, de dominação; a mão direita é a mão que abençoa; a mão fechada é o símbolo da dissimulação, do segredo. Conforme a simbologia espacial, a mão está indicando o futuro e, localizando-se no canto superior direito da folha, estaria simbolizando a consciência, a clareza. Ao escolher essa disposição para a figura, a autora do texto iconográfico pode querer mostrar o quanto já consegue enxergar seu futuro e, quem sabe, já consiga ver nele o que deseja encontrar.

A mão direita, fechada, marcando o tempo, pode estar significando o domínio de Brisa Branca em relação ao tempo de que dispõe, como também tanto o tempo controlado pela mão quanto o dia marcado no calendário do relógio estariam vislumbrando o segredo com seu tempo contado.

De acordo com Durand (2002), a autoria própria do humano motiva nossas representações e aproveita as férias da temporalidade para fazer aparecer as imagens com o dom de falar por nós. Este grande relógio, além de marcar o tempo real, cronológico, pode expressar a vocação do espírito, querendo se insubordinar aos prazos externos. Longe de estar ao lado do tempo, a memória, como o imaginário, ergue-se contra as faces do tempo e assegura ao ser, contra a dissolução do devir, a consciência e a possibilidade de regressar, de regredir, para além das necessidades do destino.

O círculo aparece insistentemente na figura. Para Chevalier e Gheerbrant (2006), o circular é perfeito, imutável, sem começo, sem fim, sem variações. Isso o habilita a

simbolizar o tempo. A roda gira desde a Antiguidade; o círculo serve para indicar a totalidade, a perfeição, englobando o tempo para melhor poder medi-lo. Conforme Ormezzano (2001, p.167): “O círculo será sempre símbolo de totalidade temporal, do recomeço. É um signo universal, diversificando-se, segundo as civilizações em rodas de carro ou de fiar, esferas, discos, permite o domínio do tempo e a predição do futuro.”

Chevalier e Ghreerbrant (2006) referem que o tempo é, freqüentemente, simbolizado pela roda, que participa da perfeição sugerida pelo círculo, no entanto possui uma certa imperfeição, pois se refere ao mundo do vir-a-ser, da criação contínua. Assim, a roda é o círculo com a possibilidade infinita de trocar de lugar. Brisa Branca precisa dessa roda para poder se movimentar em direção aos seus desejos e para se desviar dos obstáculos durante esta procura. Como referem os autores, a roda é o símbolo do deslocamento, da libertação. O tempo representado na figura está descansando, “dando um tempo”, numa paisagem amarela que faz tanto o repouso dos objetos como alguns detalhes importantes. Conforme Chevalier e Ghreerbrant (2006), o amarelo é a mais quente, mais expansiva, mais ardente das cores; é a cor da terra fértil; os raios do sol que atravessam o azul celeste manifestam o poder das divindades. É a cor da eternidade; como o ouro é o metal da eternidade, a luz do ouro, às vezes, é uma forma de comunicação, de mediação entre os homens e os deuses.

Talvez Brisa Branca esteja precisando dessa luz, desse calor, desse brilho solar do amarelo para iluminar seu olhar e aquecer seu coração adolescente, que, tal como a brisa, às vezes se mostra frágil, inseguro e com medo diante do que o espera no futuro a partir da sua escolha. A imagem serve para simbolizar seus sentimentos, mas, como diz Durand (2002), é o vínculo com o imaginário que liga o mundo e as coisas ao coração da consciência. Longe de ser paixão vã, é ação eufêmica e transforma o mundo segundo o Homem de Desejo. As imagens emprestam seu significado para ser ressignificado a partir dos desejos que antes ainda não podiam aparecer.

O relógio, na figura, está marcando em seu calendário o dia 11, número que, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2006), de um modo geral, é o da iniciativa individual que anuncia um conflito e simboliza a luta interior. Ao calcular o total dos dois algarismos que o compõem, obtém-se o número 2, que significa luta e oposição. O número 11 pode estar significando a luta ambivalente pela qual passa Brisa Branca, que busca em seu interior algo para obter respostas, sem se deixar pressionar pelo relógio-calendário, insistente em mostrar que o dia está chegando. Ou, talvez, a própria Brisa Branca esteja

nos mostrando que seu dia chegou, e, ainda, pode estar significando os onze encontros da oficina de orientação profissional.

Brisa Branca descreve este momento de orientação como o tempo da decisão definitiva. Este período se assemelha ao cronômetro, o qual tem hora marcada, compromisso, limite. Para os colegas, mostra a hora de escolher que todos estão vivendo, quando devem escolher a melhor direção para ir para o melhor lugar. Já é tempo de fazer as escolhas para o futuro; tudo tem seu tempo e as decisões surgem quando menos se espera. Existe um tempo para tudo, o qual vai passando; todas as necessidades foram resolvidas a tempo. Está chegando o momento da decisão, tempo cronometrado, é hora de fazer escolhas. A pressa é inimiga da perfeição; dê tempo ao tempo, pois tudo, aos poucos, encaixa-se.

## 3.6 Figura 5 - Pescador de Ilusões



Figura 5 – Texto iconográfico de Pescador de Ilusões

A figura mostra uma imagem em preto-e-branco recortada em forma retangular, na qual há um pássaro com a cabeça dentro de um orifício quadrado, como se estivesse espiando. Esse lugar poderia ser uma caixa. Acima da cabeça do pássaro há um painel retangular com quatro retângulos, nos quais estão escritas as palavras: *yellow*, *blue*, *red*, e *green*. Traduzindo para o português, as escritas correspondem, respectivamente, a amarelo, azul, vermelho e verde. Abaixo das patas do pássaro há a seguinte frase: “Pombo tem seu comportamento condicionado em laboratórios: controle e planejamento”.

A imagem está centralizada na parte superior da folha. Conforme Durand (2002), o espaço é a forma *a priori* de onde se desenham todos os trajetos imaginários. De uma forma ou de outra, o jogo espacial se traduz de maneira simbólica. Assim, a figura, desde o



modo de ver dos pontos cardeais, mostra-se ao norte, o que pode estar significando a morte com a qual se harmoniza o ritual de ressurreição. Localizar-se ao norte pode constituir as faces do tempo, e a polêmica com o leste, lugar do sol triunfante. Como a figura está bem centralizada, pode-se pensar sobre o que poderia simbolizar esse centro. De acordo com Durand (2002), o centro é o lugar dos cruzamentos, das sínteses, podendo ser assimilado ao simbolismo do Denário e do Pau.

Conforme Ormezzano (2001), o Denário e o Pau estão localizados no regime crepuscular, sendo o primeiro atribuído ao passado e o segundo, ao futuro. Este regime tem imagens do ciclo, do ritmo e da progressão sintetizadora. O autor do texto iconográfico pode estar querendo mostrar que tem seu próprio ritmo, o qual deve ser respeitado neste momento em que precisa escolher.

O nosso Pescador de Ilusões pode querer mostrar o momento pelo qual está passando, por vezes olhando para o que já passou; em outras, pensando no que virá. É o seu presente composto por esses dois tempos. A mesma ambivalência, talvez, aparece também neste norte mostrando a morte e vislumbrando a possibilidade do renascimento, o que pode estar simbolizando suas dúvidas, seus medos em relação ao futuro com a perspectiva de resolução. O norte talvez também signifique que encontrou seu caminho, pois, localizando-se corretamente num dos pontos cardeais, fica mais fácil olhar, caminhar em todas as direções e retornar ao ponto de partida sempre que for preciso.

Como diz Alves (1987), o humano pode sobreviver por um processo literal de morte e ressurreição. É isso que significa ser criativo, ser livre. Novas experiências são possíveis; a vida pode sempre recomeçar na dissolução do velho, emaranhado em suas contradições internas; só assim, uma nova síntese poderá ser criada. Este ciclo ilustra muito bem a fase da adolescência, na qual se precisa constantemente renovar as crenças, para sentir-se livre, criativo e com espaço de autoria diante das decisões tomadas para o decorrer de sua vida.

O pássaro, segundo Chevalier e Greerbrant (2006), é o símbolo da alma e tem um papel intermediário entre a terra e o céu; na arte africana, é força e vida, símbolo da fecundidade. A pomba é símbolo de pureza e de simplicidade; representa aquilo que o homem tem em si mesmo de imorredouro: a sua alma. Toda a simbologia positiva, tanto do pássaro quanto do pombo, pode ser emprestada ao Pescador de Ilusões e tem muito a ver com a maneira de ser deste participante. Dentro do grupo ele era o mais calado e pensativo, no entanto mostrava sua pureza, simplicidade e, sobretudo, sua determinação em todas as atividades realizadas. Este pássaro pode significar o quão fecundo são seus pensamentos,

enquanto na sua introspecção observa atentamente tudo a sua volta. Talvez se sinta um pouco como esse pombo que espia com cuidado para o outro lado da caixa, analisando, avaliando, escolhendo, sem se expor totalmente, como diz um colega do grupo: “Parece que está procurando algo, a observar com calma”.

De acordo com Pereira (2005), durante a adolescência é importante ser capaz de partilhar com os demais emoções fortes, dúvidas e sonhos. Este costuma ser um período de intensa sociabilidade, mas, também, de intensa solidão, o que propicia a reflexão em busca da sua singularidade.

A caixa pode ser uma representação do inconsciente, como dizem Chevalier e Greerbrant (2006), pois sempre contém um segredo, encerra e separa do mundo aquilo que é mais precioso, frágil ou temível; embora proteja, pode sufocar. Talvez o Pescador de Ilusões esteja fazendo dos encontros de orientação profissional a sua caixa segura, de onde pode espiar sem se comprometer num primeiro momento. Protegendo-se do que teme, do desconhecido, ele olha em seu entorno e encontra seus pares, em situação semelhante, sem muitas certezas, cheios de perguntas. Seu olhar direciona-se, na folha, para o quadrante, que, segundo a simbologia espacial, significa o mundo do espírito, do intelecto, da razão. Talvez esteja procurando encontrar, por meio desta abertura, a tranquilidade para seu espírito, com nuances de racionalidade para fazer a mediação entre os dois aspectos e buscar os seus sonhos reais, pois seu olhar para dentro da caixa pode estar simbolizando a busca de sua interiorização.

Um dos colegas do grupo falou: “Foi um momento em que muitos estavam com seus sonhos obscuros, em preto-e-branco. Faltava o colorido, o qual pode se dar com a decisão.” Talvez a escolha da figura em preto-e-branco signifique essa obscuridade, ou, talvez, essas cores queiram dizer mais algumas coisas. Conforme Ormezzano (2001), preto e branco são consideradas cores neutras e acentuam o dramatismo dos contornos, quando a racionalidade se sobressai às emoções.

Para Portal (2000), o branco é o símbolo da verdade absoluta; só ele reflete todos os raios luminosos; é a unidade de que emanam todas as cores e os mil tons que colorem a natureza. O branco foi o primeiro símbolo da unidade divina que designou o princípio da luta do bem contra o mal, oposto ao preto, que é símbolo da escuridão, da dor e da angústia. Na figura, essas duas cores podem estar significando a luta interna na descoberta de seus desejos contra a realidade, que, por vezes, faz-se adversária, colocando alguns impedimentos na hora de fazer suas escolhas.

Fazendo companhia ao preto-e-branco, acima da cabeça do pássaro, aparecem escritas as cores amarelo, azul, vermelho e verde, como se fosse uma cartela disponível de um catálogo de cores, no qual se pode buscar aquela se que deseja, dependendo da resposta que se precisa. Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), o amarelo é a cor da eternidade, da terra fértil, e anuncia a cor do outono, quando a terra se desnuda e perde seu manto de verdura. Nosso Pescador de Ilusões pode querer dizer com esta cor a mudança de estação pela qual está passando, ou o desejo de todo jovem de em buscar a felicidade eterna nas suas escolhas. O autor do texto iconográfico pode, ainda, querer falar da sua imaginação fértil na construção de seus sonhos.

Segundo os autores, o azul é a mais profunda das cores, na qual o olhar mergulha sem encontrar obstáculos; é o caminho da divagação, no qual o pensamento consciente vai aos poucos cedendo lugar ao inconsciente; o azul resolve em si mesmo as contradições.

O vermelho é universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio da vida; possui força e poder, no entanto possui ambivalência: quando claro incita à ação, lançando como o sol o seu brilho sobre todas as coisas com uma força imensa e irreduzível; se escuro, é secreto, representa o mistério da vida. O claro encoraja, seduz, provoca, ao passo que escuro alerta, detém, inquieta, incita à vigilância.

O Pescador de Ilusões escolhe mostrar em seu painel de cores na sua paisagem em preto e branco a cor verde, para, quem sabe, completar seu simbolismo, de acordo com Chevalier e Greerbrant (2006, p. 938), “situado entre o azul e o amarelo, o verde é o resultado de suas interferências cromáticas. Mas entra, com o vermelho, num jogo simbólico de alternâncias. A rosa desabrocha entre folhas verdes.” A vida vegetal normalmente inicia no verde e vai amadurecendo até chegar ao vermelho, o que pode significar a fase pela qual passa esse jovem que precisa crescer, escolher, amadurecer, decidir.

Essas cores podem estar sugerindo que o amarelo lhe mostrou o outono, a troca das folhas, o que estaria significando o momento de exploração, tempo de observar tal como o pássaro da figura, mas, também, tempo em que pode trocar de lugar, renovar idéias, mudar sua maneira de pensar. Passa pela profundidade que a cor azul possui para hibernar mais um pouco, divagando, refletindo, aquietando-se no aconchego de seus sentimentos, para o encontro consigo mesmo. Toma emprestada a força e poder do vermelho com todo seu mistério para, na contradição própria dessa cor, poder significar as suas, quando se sente por vezes o dono do mundo e, por outras, sente seus medos diante desse mundo recheado de conteúdos que desconhece. Para completar sua cartela, a cor verde surge como

mediadora, sendo a soma de duas (azul e amarelo) e alternância com o vermelho no processo de amadurecimento.

Depois do outono e do inverno surge a primavera, tingindo o cenário de forma mais colorida, quando se podem contemplar todas as cores que desenham a paisagem da natureza, combinando nuances, alternando-se e, principalmente, harmonizando-se. Desse modo, possibilitando-se a esse adolescente desabrochar em suas descobertas no grande jardim que é a vida. Esse ciclo, essas mudanças de estação, sugere maturidade.

Para Giacágli (2003), seria mais fácil se todos pudessem escolher racionalmente, mas sabe-se que escolher a profissão não é tão simples assim, pois requer amadurecimento, informações sobre si mesmo, o mundo dos cursos e o mundo do trabalho, o que demanda tempo, desenvolvimento e educação. O Pescador de Ilusões passa por esse processo de construção dessa maturidade enquanto participa da oficina de orientação profissional. Nas palavras dele: “Participar destes encontros foi legal, como se estivesse olhando uma situação ou algo de fora a observar com calma na busca do novo, do desconhecido.” É seu tempo de maturação. Como diz a música: “Valeu a pena! Valeu a pena! Sou pescador de ilusões.”

## 3.7 Figura 6 – Arco-íris

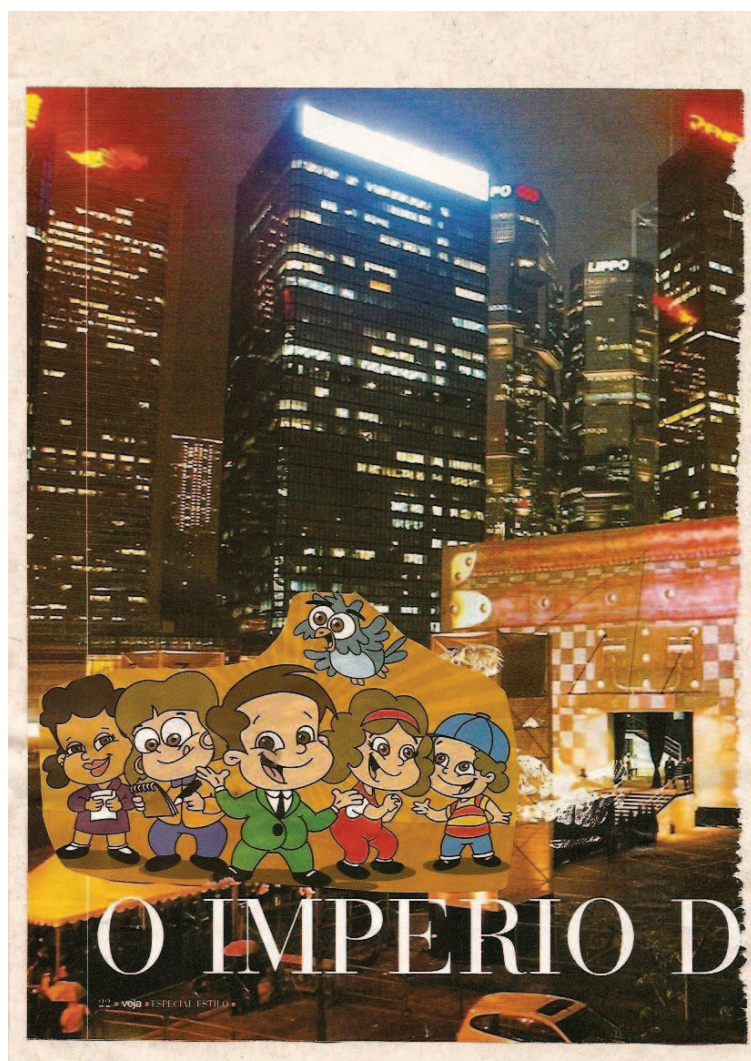


Figura 6 – Texto iconográfico de Arco-íris

A imagem cobre quase toda a folha e mostra como fundo uma cidade; na parte superior estão os grandes prédios tapando a paisagem; é noite e as luzes estão acesas. O prédio, figura ao centro, tem uma luz branca que ao redor dele transforma-se em azul. Os dois prédios da esquerda superior da folha têm, bem no alto, um luminoso em tons vermelho e amarelo, passando a sensação de uma labareda de fogo. O prédio localizado na parte superior à direita da folha tem um letreiro com as mesmas cores dos luminosos dos da esquerda, bem em seu topo. Na metade inferior da folha a autora do texto iconográfico sobrepôs uma figura que tapa parte da cidade, na qual estão cinco crianças e um pássaro sobrevoando.

Para Chevalier e Greerbrant (2006), tanto o pássaro quanto a borboleta podem significar a liberação da alma das crianças; o pássaro azul significa as aspirações amorosas, e o vôo deste pássaro sobre as cabeças das crianças pode querer exprimir o desejo de sublimação, de busca da harmonia interior, de uma ultrapassagem dos conflitos, pois o vôo significa se elevar ao céu, sair de si mesmo para poder encontrar a si mesmo. Seria a jornada da adolescente rumo aos seus desejos.

Encontramos na figura, ao lado da colagem onde há crianças, uma caixa, cofre, que, segundo Chevallier Greerbrant (2006), simboliza o inconsciente, porque sempre contém um segredo que encerra e separa do mundo tudo aquilo que é precioso. O cofre pode significar o depósito de um tesouro, material ou espiritual e a sua abertura equivale a uma revelação. De acordo com a simbologia espacial, essa caixa está localizada no ponto que indica a realidade exterior, o futuro, o que sugere que Arco-íris esteja vislumbrando a possibilidade de abrir essa caixa futuramente, desvendando seus próprios segredos. Ainda conforme Bachelard (1978), no cofre estão coisas inesquecíveis, nossos tesouros; o passado, o presente e o futuro estão aí condensados. Quem sabe este cofre esteja significando o desejo que essa jovem tem de não se desfazer de seu passado, lembranças e sentimentos íntimos que formaram essa pessoa que vive no presente. Nas próprias palavras de Arco-íris, “somos jovens entrando para o mundo adulto em busca de um futuro, de um império que cada um de nós vai comandar. Por isso, devemos nos focalizar na escolha da profissão, mas sem deixar de lado o nosso lado de ser criança”.

Ao fundo desta figura sobreposta, de cor amarela, surgem raios do centro para fora. Na base está escrito em letras de forma: “o império d”. Essa imagem passa a idéia de que podem ser duas cidades, a de baixo e a de cima, ou que a figura colada por cima faz parte da mesma cidade. Conforme a obra de Chevalier Greerbrant (2006), império pode estar se referindo à carta do tarô chamada “imperatriz”, que significa inteligência soberana e que confere o poder e o desvendar dos segredos.

Na imagem há a predominância das linhas retas, sendo o retângulo a que mais aparece (nas formas dos edifícios, nas janelas, na própria disposição da figura na folha). Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), o retângulo pode estar simbolizando a perfeição das relações entre a terra, o céu e o desejo da participação nessa perfeição. Talvez esteja sonhando com essa perfeição quando pensa no seu futuro, pois, como Arco-íris mesma falou, “o ideal seria que nós pudéssemos escolher com a certeza de que seremos felizes em nossa decisão.”

Trata-se de uma imagem contemporânea, extremamente urbana, que mostra um grande centro; pode estar significando um lugar para morar, para trabalhar. Conforme Duarte Jr. (2001), um racionalismo funcionalista fez de nossas casas e locais de trabalho um espaço com pouca expressão e acolhimento; a arquitetura moderna criou prédios fundamentados para satisfazer às necessidades de acordo com a função sendo a praticidade mais importante do que, muitas vezes, a estética, o conforto ou o sentir-se bem de seu habitante. Pode ser que Arco-íris esteja nos falando um pouco sobre isso quando mostra essa grande cidade de cima e sobrepõe a ela figuras de crianças brincando. Parece querer resgatar o sentimento lúdico e inocente nos personagens que escolhe, como ela mesmo fala: “Somos jovens entrando para o mundo adulto em busca de um futuro, devemos escolher a profissão mas não podemos esquecer o nosso lado criança. Podemos construir o nosso império, vamos comandar, mas não podemos esquecer do quanto é gostoso brincar”. Talvez tenha dividido essa figura em duas partes para mostrar sua maneira de sentir-se, também dividida entre o mundo adulto que a espera e o desejo de levar consigo esse aspecto do sensível, do ser criança.

Como referem Chevalier e Greerbrant:

Segundo o pensamento medieval, o homem é um peregrino entre duas cidades: a vida é uma passagem da cidade de baixo à de cima. A cidade de cima é a dos santos; aqui embaixo, os homens, peregrinos por graça,, cidadãos da cidade de cima( por eleição) peregrinam em direção ao reino.” (CHEVALIER; GREERBRANT, 2006, p. 239)

A adolescência estaria significada na simbologia da peregrinação entre as cidades, devendo tomar seu caminho em direção à cidade que está acima, mais perto do céu, do qual pode estar esperando proteção, resposta a seu conforto; contudo, ao mesmo tempo, quer levar junto um pouco desta cidade que já conhece e que a faz sentir-se bem. Ainda de acordo com Chevalier e Greerbrant (2006), para a psicanálise contemporânea a cidade é um dos símbolos da mãe e traz consigo os aspectos de proteção e limite. Quem sabe essa cidade esteja trazendo para essa adolescente o aconchego e o conforto do colo materno.

As questões inconscientes utilizam-se desta imagem para falar deste anoitecer adolescente. Conforme Durand (2002), para os mais modernos psicanalistas a noite é o símbolo do inconsciente e permite que as recordações perdidas subam ao coração. Para o autor, a noite é o lugar onde constelam o sono, o retorno ao lar materno; é o espaço do

sonho que quebra nossas amarras. Lembra-se que só se pode enxergar o arco-íris durante o dia, talvez a nossa autora Arco-íris se esconda um pouco nesta noite para poder sonhar com seu futuro a partir dos desejos de seu coração. À noite normalmente o que antecede os sonhos é a presença da mãe, cuja mão, ao deslizar em carinho, autoriza o sonho. Quem sabe Arco-íris esteja lembrando esses momentos quando escolhe esses símbolos maternos para significar sua participação na oficina?

Como referem Chevalier e Greerbrant (2006), a noite simboliza o tempo das gestações que desabrocham no dia como manifestação de vida; a noite é rica em existência, é a imagem do inconsciente e onde ele se libera; purifica dos desejos e afetos mais sensíveis até as aspirações mais elevadas. Simbolizada pelo sono e pelo sonho, a noite é um triunfo sobre o tempo. Este espaço, intervalo entre os dias, pode estar significando o espaço adolescente entre a infância e a vida adulta, lugar onde ainda lhe é permitido sonhar. Talvez coloque as crianças em sua figura para poder sonhar um pouco mais, pois elas sonham mesmo durante o dia em suas brincadeiras de faz-de-conta. Segundo Rodolfo (1990), uma das tarefas mais decisivas da adolescência é a transformação do que é o brincar como prática significativa do que mais tarde conhecerá como ocupação. Quando esta prática não é realizada durante a infância, pode haver o comprometimento da construção da imagem de trabalho como algo antes experimentado de forma prazerosa.

Soares (2002) reforça a idéia da importância de se considerar o cotidiano infantil, resgatando suas lembranças para fazer ganchos com seus pensamentos na adolescência. Sua experiência passada, seu tempo de criança, suas brincadeiras preferidas, suas travessuras podem e devem ser trazidas em sua memória durante a orientação profissional, para que possa, nessas lembranças, ir construindo a imagem de si mesmo, levando-o ao autoconhecimento. Mais uma razão para que Arco-íris tenha convidado essas crianças para brincar com ela na imagem.

De acordo com a simbologia espacial, as crianças estão localizadas na folha, podendo significar tanto o inconsciente como marca dos conflitos quanto a superação dos mesmos pela criatividade. Essa figura sobreposta ocupa o espaço do passado e, ao mesmo tempo, coloca-se em parte no presente, o que pode simbolizar o quanto está dividida nesses dois tempos, querendo viver este presente, mas com saudades dos momentos vividos, talvez buscando neste tempo resgatar suas vivências na construção de sua auto-imagem.

Sobrevoando as cabeças das crianças aparece um pássaro. Dizem Chevalier e Greerbrant (2006) que o vôo dos pássaros os predispõe a servir de símbolo às relações entre o céu e a terra e, com sua leveza, liberam do peso terrestre, como a representação da



alma que se liberta do corpo. Essa ave que brinca junto com as crianças pode estar significando o desejo de sentir-se mais livre para viver esse processo e poder se conhecer melhor; poder revoar nesse espaço desconhecido e ir descobrindo seu próprio espaço, o que também é expresso por um colega do grupo quando diz: “Essa figura fala de nós, pessoas felizes, perdidas em um mundo onde quase não temos espaços”. Talvez esses jovens estejam, na verdade, querendo desvendar os lugares para encontrar seus espaços de autoria na escolha de sua profissão.

A imagem, assim como o arco-íris, emite muitas cores; as luzes que brilham remetem ao efeito que o sol faz com a chuva para formá-lo. De acordo com Chevalier e Greerbrant (2006), a luz divina, que é associada por Jacob Boehme a vênus, significaria o despertar do desejo e o amor realizado. Quem sabe essa luz possa estar iluminando o caminho na procura de seus desejos, na busca da felicidade que pensa encontrar na profissão escolhida?

Para tentar entender aquela luz branca que sai do prédio e se transforma em azul, recorremos a Portal (2000), o qual afirma que o branco é o símbolo da divindade, da sabedoria divina, da pureza. Só o branco reflete todos os raios luminosos; dele emanam todas as cores e os mil tons que colore a natureza. Assim como um arco-íris irradia diversas cores, colorindo tudo a seu redor, esta adolescente utiliza essa luz no alto da cidade, quem sabe, para iluminar melhor seu caminho, clareando sua procura, e transforma-a em azul porque, ainda segundo Portal, o azul simboliza a verdade divina, que ilumina os homens. Esse tom azulado surge do branco para embelezar mais ainda o seu percurso.

Como sugere Bachelard (1978), poderíamos significar os prédios no conjunto como simbolização de refúgio, proteção, sensação de estar acolhida, em casa, pois a casa protege o sonhador e permite sonhar em paz. Casas tão altas, prédios, podem estar representando a subida. Atualmente não somos mais homens de um andar só. Como detalhe de muita importância, as lâmpadas das janelas evidenciam o sentimento de que tudo que brilha vê; é o olhar do prédio, a casa alta, voltando seus olhos para fora.

Os prédios dos dois extremos da folha emanam luzes nas cores vermelho e amarelo, que parecem chamas aquecendo a cidade. Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), o vermelho é considerado como o símbolo do princípio da vida, que possui força, poder e brilho. Como esse vermelho aparece à noite, juntando os dois elementos, poder-se-ia pensar um pouco sobre o que significaria. O vermelho noturno é a cor do fogo, onde se operam o amadurecimento, a geração ou regeneração do homem ou da obra. Talvez Arco-

íris precise deste calor para aquecer seu coração e amadurecer suas idéias. O amarelo, a mais quente e mais expansiva das cores, pode estar fazendo par com o vermelho nessa função calorosa num momento de escolha no qual entre os colegas do grupo também pode encontrar esse conforto, como fala um deles “É um momento bom para estar com os amigos, discutindo e trocando idéias.”

### 3.8 Figura 7 – Borboleta

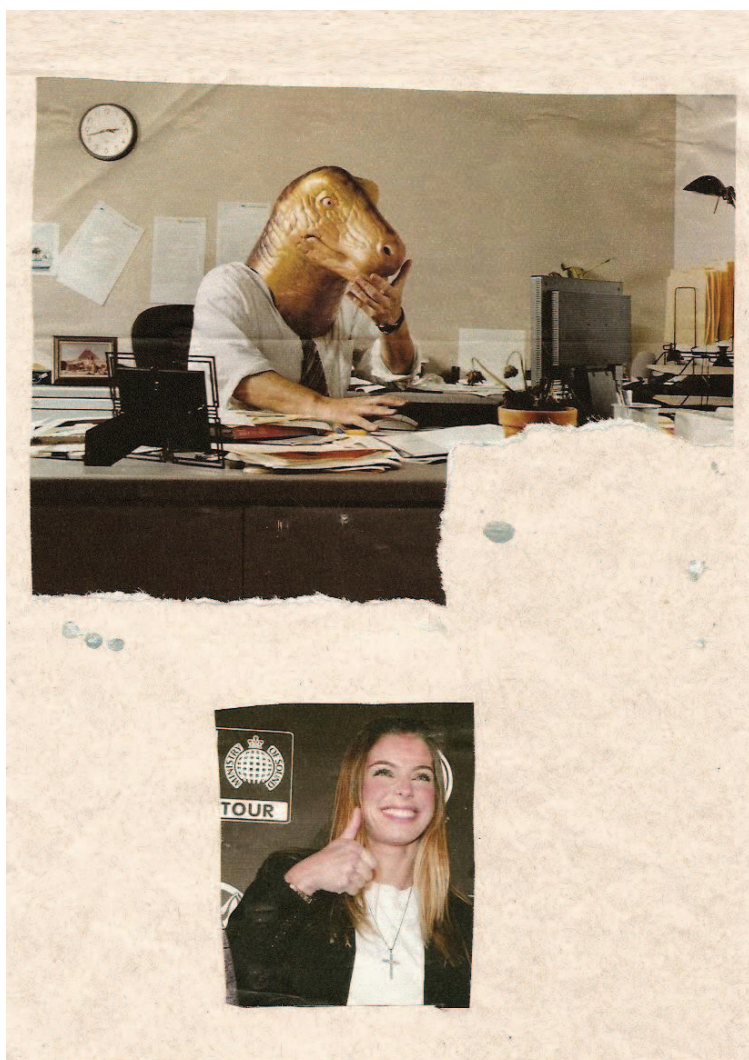


Figura 7 – Texto iconográfico de Borboleta

Na metade superior da folha foi colada uma figura de um ambiente que parece um escritório ou um local de estudos. Sentado em frente a uma escrivaninha, encontra-se uma

figura com cabeça de dragão e corpo de homem, com a mão direita em cima do *mouse* e a mão esquerda segurando o queixo como se estivesse pensando, enquanto seu olhar está fixo no computador, colocado em cima da escrivaninha juntamente com vários materiais espalhados pela mesa, como livros, folas soltas, um porta-retratos e, bem ao lado do computador, um vaso que parece ser de cerâmica, dentro do vaso há uma planta murcha. Na parede que faz o fundo, há algumas folhas de ofício; percebem-se textos escritos, mas não se pode ler o conteúdo pelo tamanho das letras. Vê-se no canto superior esquerdo um relógio, que, de acordo com a simbologia espacial, caracteriza sentimento de saudade e imaginação. De acordo com Durand (2002), o relógio é algo que sugere a projeção espacial do tempo, podendo significar para Borboleta tanto necessidade de tempo para analisar tudo que aconteceu até o momento, quanto o desejo de mais tempo para suas escolhas atuais. As cores neutras predominam nessa parte superior da folha (preto, branco, cinza e alguns tons terra).

Na parte inferior da folha foi colada a figura de uma mulher com cabelo em tons claros, vestindo roupa nas cores branco e preto, usando como adereço no pescoço uma corrente com um crucifixo; ela está sorrindo e acenando com a mão direita fechada e o dedo polegar erguido.

Pela simbologia espacial, a cabeça do dragão está posicionada na área que indica o desenvolvimento espiritual, a razão, o intelecto, o pode estar significando que Borboleta escolheu esta imagem meio-dragão, meio-homem e a colocou neste espaço para que ele a ajudasse a refletir do ponto de vista da razão sobre todos os aspectos referentes ao seu processo decisório. Esta mesma figura assemelha-se a um monstro. Chevalier e Greerbrant (2006) indicam que o monstro simboliza o guardião de um tesouro da imortalidade, o conjunto das dificuldades a serem vencidas, obstáculos a serem superados. Esse símbolo está sempre presente para provocar o esforço. Analisar possibilidades na hora de escolher o futuro requer deste adolescente um grande esforço.

Em contrapartida ao peso que indica a leitura do significado simbólico do Dragão, Borboleta utiliza-se da imagem da mulher sorrindo, localizando-a no ponto inferior central que indica o mundo das sensações. Isso pode simbolizar tanto a forma como se sentiu no decorrer da oficina como também na sua conclusão, quando finalmente se decidiu. No eixo temporal a mulher está no ponto que indica o presente. O dragão pode significar os momentos de transformação vividos durante os encontros nos quais precisou pensar muito, e a mulher pode estar significando que descobriu o que desejava, pois está sorridente e fazendo o aceno convencional de positivo, de que está tudo bem.

Durante a sua participação na oficina, Borboleta mostrou-se sempre envolvida e pensativa, mesmo já tendo em mente a profissão a qual pretendia seguir, segundo sua fala: “Com a orientação eu pude ter certeza e decidir o que fazer. Agora, estou tranqüila e certa da minha escolha”. Por esse depoimento pode-se entender a expressão sorridente da personagem que ela escolhe para traduzir seus sentimentos na composição dessa imagem.

De acordo com Durand (2002) o dragão Yin reúne as águas, dirige as chuvas, é o princípio da umidade fecunda, é distribuidor temporal da fertilidade. Talvez Borboleta tenha se utilizado desse elemento fecundador para poder tornar mais férteis seus pensamentos enquanto escolhia. Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), o dragão é o guardião dos tesouros ocultos, podendo guardar por um tempo o tesouro da decisão enquanto a borboleta sai completamente de seu casulo.

Segundo Ormezzano (2001), as cores neutras acentuam o dramatismo dos contornos; é a racionalidade formal concentrando-se no essencial para a pessoa, momentaneamente evitando o envolvimento com as emoções. Isso pode indicar mais uma vez que Borboleta precisa racionalizar suas escolhas afastando-se um pouco dos aspectos afetivos que fazem parte desse processo, deixando de lado, pelo menos por um tempo, as inúmeras questões intervenientes que insistem em aparecer em seu entorno. Para poder fazer uso de sua razão, escolhe essa paisagem mais neutra com a finalidade de simbolizar a dificuldade de tentar transgredir uma vontade explícita dos adultos, procurando encontrar a sua. No dizer de Calligaris (2000), a adolescência é, muitas vezes, uma interpretação dos sonhos adultos produzida por uma moratória que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele.

A simbologia das cores poderia estar servindo a Borboleta para significar sua necessidade de ficar um pouco mais a sós com seus desejos. Lembre-se Durand(2002) quando retrata que o símbolo não tem por missão impedir uma idéia de entrar na consciência clara, mas exprimir a parte da felicidade ou da angústia que a consciência total sente diante da realidade.

O dragão pensativo que aparece na metade superior da folha está rodeado de informações e, talvez por isso, aparenta reflexão. Essa imagem sugere o encontro de Borboleta diante de tantas influências, aproveitando essa reflexão para ir acolhendo umas, descartando outras tantas e descobrindo nessa investigação aquelas que, de fato, possam fazer parte dos seus interesses. O dragão ainda dá a impressão, enquanto pensa, de estar olhando ao mesmo tempo para o monitor do computador e para o vaso que tenta manter a planta, ainda que esteja murcha.

Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), a planta simboliza a energia solar condensada e manifesta; as plantas captam as forças da terra, acumulam e transformam-na, daí surgem suas propriedades curativas. Na tradição védica, se as plantas têm virtudes medicinais é porque são dádivas do céu e as raízes da vida. A planta murcha pode significar a exaustão pela qual Borboleta possa ter passado na busca incessante que realizou durante os encontros, nos quais todos pensavam juntos, dividiam suas angústias, mas, também, em determinadas circunstâncias, multiplicavam-se; talvez ela esteja falando dessa força às vezes exaurida diante de tantos desafios. Um dos colegas, com sua fala, ilustra essa demanda de energia que ocorre entre eles durante a oficina “O futuro incerto parece um monstro. Após momentos exaustivos de estudos e indagações, o grupo ajuda a tranquilizar, juntos pensamos, refletimos e acreditamos na nossa decisão.”

Voltando à percepção da parte inferior da folha, surge a mulher sorrindo, o que pode indicar que a Borboleta menina transforma-se durante os encontros e transforma-se crescida, numa mulher linda, sorrindo. Sua expressão não sugere outra interpretação, senão a de felicidade repleta na boca que sorri e na mão que acena. Segundo Chevalier e Greerbrant (2006), a boca é a abertura por onde passam o sopro, a palavra e o alimento; é o símbolo da força criadora e também de um grau elevado de consciência e uma capacidade organizadora através da razão; pode estar simbolizando o quanto agora se vê mais forte e segura, conseguindo falar ao mundo sobre suas escolhas. Para os autores, a mão exprime as idéias de atividade, poder e dominação, o que tem a ver com Borboleta crescida, em pleno domínio da situação, acenando para todos.

A cruz, utilizada como adereço no pescoço da mulher, pode querer falar do quanto Borboleta sente-se protegida por esse símbolo, que, no dizer de Chevalier e Greerbrant (2006), nas lendas orientais é a ponte ou a escada de mão pela qual os homens chegam a Deus. Na adolescência a resolução dos conflitos causa medos e angústias; conseguir superar essa fase de incerteza é, sem dúvida, uma vitória na qual os jovens devem contar muito com os recursos de que dispõem; eles pedem socorro aos adultos, aos deuses, aos amuletos. Enfim, talvez esse crucifixo esteja falando de tudo isso e, sobretudo, esteja simbolizando a fé de Borboleta, pois ela demonstrou, sempre, em sua fala o quanto dá valor às suas crenças e o quanto se sente agradecida quando confortada por elas.

## 3.9 Figura Número 8 – Cachorro Justo

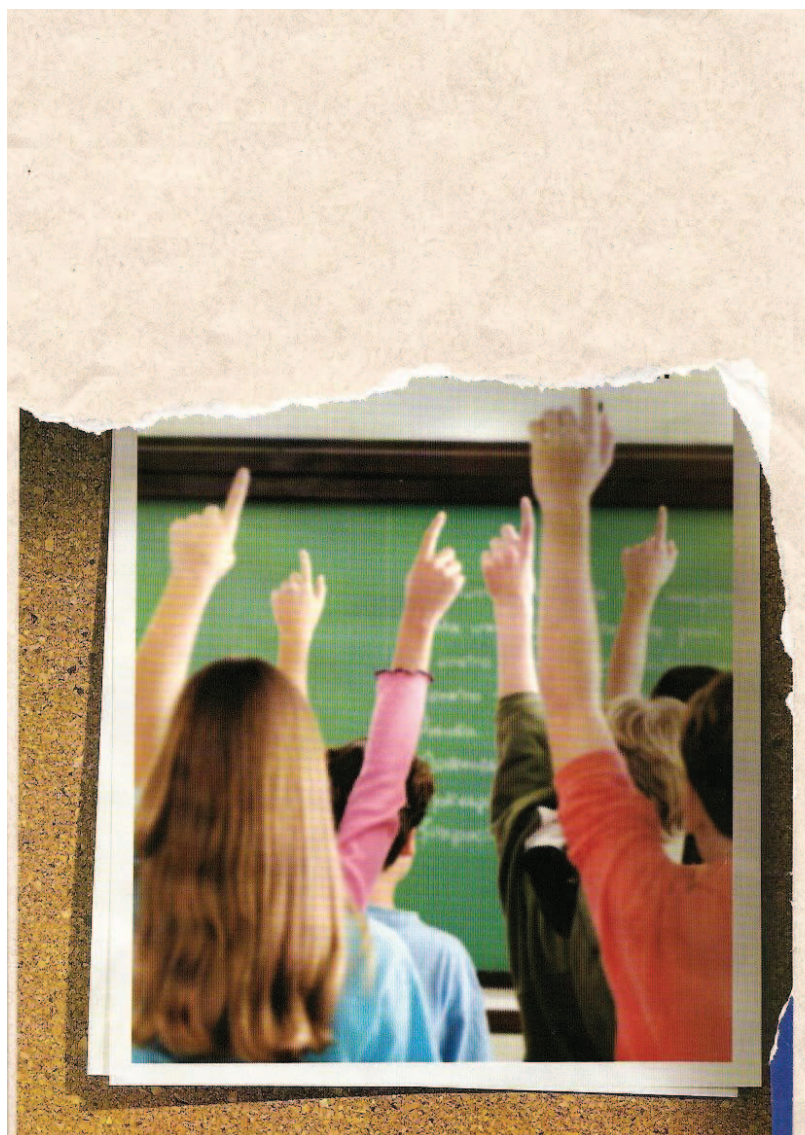


Figura 8 – Texto iconográfico de Cachorro Justo

A imagem apresenta a figura de seis crianças de costas para o observador, olhando para um quadro-verde com escritas em giz branco; todas estão com os braços levantados e os dedos polegares e indicadores erguidos, como se estivessem querendo perguntar; o fundo parece ser uma parede de cortiça. As crianças estão vestidas com as cores azul-celeste, rosa, vermelho e verde, com um pequeno detalhe em branco; de uma delas não se pode ver a cor da roupa. Exprimindo Chevalier e Greerbrant (2006), o significado da policromia presente na figura pode ser símbolo da forma primitiva da beleza da natureza, evocando a riqueza infinita da vida e a prosperidade. Estaria Cachorro Justo buscando, com essas cores, demonstrar a multiplicidade, a riqueza de percepções, de possibilidades

de escolha que vê como formas de realização pessoal, um futuro que gostaria de projetar para si.

Pela simbologia espacial, a figura está localizada nos pontos que indicam o lugar do inconsciente, dos conflitos, do mundo das sensações, da vida instintiva, o que pode estar significando para Cachorro Justo o quanto os momentos na oficina permitiram que ocupasse esse espaço do sensível, recolhendo-se para seu mundo interior, com tempo para pensar e sentir os conflitos vividos nesse processo decisivo.

As seis crianças que direcionam seu olhar para o quadro-verde, com postura de quem deseja perguntar, podem estar simbolizando as perguntas que esse adolescente deseja fazer, num primeiro momento, a si mesmo. Parece que todos estão querendo perguntar ao mesmo tempo, tal qual os adolescentes, que, sedentos de respostas, não conseguem, às vezes, esperar a sua vez. Todas as mãos direcionadas para cima acabam também indicando vontade de se fazer presente, o que sugere este momento de escolha como um momento bom, prazeroso, para este adolescente, que pode estar sentindo o futuro com ares de expectativa.

Ainda, essa imagem pode querer mostrar o seu grupo nas oficinas, todos com suas perguntas, o que os torna semelhantes e os acalma, pois percebem que não estão sós nas suas dúvidas. Segundo Melman (2000), o grupo fortalece o adolescente para enfrentar os dilemas que precisa resolver nessa etapa de sua vida; por isso procuram se agrupar a fim de se sentirem fortes e destemidos, como ilustra a fala de um dos colegas do grupo: “Participar desses encontros foi uma oportunidade de se expressar e dividir as nossas idéias com os colegas.”

O número seis, segundo Chevalier e Greerbrant (2006), é o número da criação, o número mediador entre o princípio e a manifestação; na China, é antes de tudo o número do céu. Tomando emprestada toda essa simbologia positiva do número seis, podemos perceber a harmonia do conjunto, buscando, talvez, as seis crianças que aparecem na figura simbolizar a mediação. A interação entre o número seis e a cor verde pode significar uma harmonia, serenidade para agir diante de um momento decisivo da vida.

Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), o verde é uma cor tranqüilizadora, refrescante, humana; talvez esse quadro verde esteja transmitindo estes significados e possibilitando que Cachorro Justo, possa dirigir-se ao mesmo com tantas perguntas. A cor azul pode ser vista na roupa de duas crianças. Segundo os autores, o azul é a mais profunda das cores, na qual o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo. Os egípcios consideravam o azul como a cor da verdade. Cachorro Justo pode estar utilizando esta

simbologia para vencer os seus entraves e poder mergulhar profundamente em busca da sua verdade vocacional.

Para os autores o vermelho é universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio da vida; possui força, poder e brilho; o vermelho vivo incita à ação, é a imagem de força impulsiva e generosa de juventude e saúde. Esse vermelho pode estar trazendo em seu significado a força de que esse jovem necessita para deixar sobressair os seus desejos diante das escolhas, pois durante sua participação na oficina foi amadurecendo seus pensamentos nas trocas e nas aprendizagens que ia construindo enquanto realizava as atividades.

Pereira (2005) refere que adolescência é uma fase constituída por um intervalo entre a infância e a vida adulta, na qual ocorrem processos de crescimento e amadurecimento e de aprendizagens. O desenvolvimento é essencialmente um processo descontínuo, que segue uma direção orientada para a maturidade, e também um processo de transição, de interação entre o organismo e o ambiente; portanto, modificável pela experiência. Cachorro Justo fala desse movimento em direção à maturidade quando diz: “Escolhi esta figura, pois nos primeiros encontros tínhamos muitas dúvidas, mas as nossas idéias foram se esclarecendo; despertamos nossas habilidades, conhecemos nossos interesses, associamos a rotina que queremos seguir, e isto tudo nos ajudou a fazer a tão esperada escolha.” Este depoimento expressa a pluralidade dos sentimentos deste participante, que faz questão de colocar o que conseguiram juntos no grupo e o quanto foi significativo o olhar do outro nessa construção. Continua dizendo: “Conhecemos nossos colegas de tal maneira que ajudamos eles a decidirem, talvez, a vida.”

Soares (2002) ilustra a importância dessas descobertas, como também da participação dos colegas nesse processo:

É necessário dar oportunidades ao jovem *para pensar em si mesmo*, levá-lo a refletir sobre o seu dia-a-dia, a tomar consciência de si mesmo, das coisas que ele gosta mais de fazer, de suas habilidades, bem como do que ele precisa desenvolver mais, de quais são suas capacidades reconhecidas pelos colegas e amigos. Inúmeras vezes assistimos a jovens surpreenderem-se com revelações de companheiros quanto à percepção de suas habilidades pessoais (SOARES, 2002, p.88)

As crianças, com os braços erguidos, podem ser observadas, segundo a ótica dos autores Chevalier e Greerbrant (2006), para os quais o braço é o símbolo da força, do



poder, do socorro concedido, da proteção. A mão exprime a idéia de atividade, poder e dominação. Na China, a mão direita corresponde à ação e a esquerda, ao não agir, à sabedoria. Os braços erguidos significam, na liturgia cristã, a imploração da graça ao alto e a abertura da alma às bênçãos divinas. Mesmo com a expectativa positiva demonstrada por este adolescente, toda proteção sempre é bem-vinda. Ele quer agir, está com iniciativa, entretanto prende-se a alguns valores como forma de segurança; o próprio professor, que sugere o ambiente de uma sala onde alunos levantam a mão, caracteriza uma segurança, um porto seguro, a imagem de quem pergunta com confiança na resposta, fundindo-se com o símbolo do sagrado, da ajuda maior, inclusive, como pedido de bênção talvez.

Cachorro Justo, ao realizar a leitura da imagem que escolheu, diz que, ao iniciar sua participação na oficina, tinha muitas dúvidas, muitas perguntas, mas, aos poucos, a cada encontro, foram sendo respondidas. Talvez esse gesto das mãos signifique o espaço de escuta das suas questões sendo respeitado; ainda, os braços erguidos podem simbolizar o quanto se via protegido e seguro dentro do grupo para fazer as suas perguntas. O gesto dos braços em direção ao alto pode estar dizendo da sua gratidão por ter encontrado o que estava procurando. Segundo ele, durante o decorrer da oficina, puderam crescer no que se refere ao processo decisório; enquanto se ajudavam mutuamente, iam decidindo, talvez a própria vida.

A escolha da profissão não implica somente escolher no que vão trabalhar; no pacote está incluído muito mais: precisam decidir quem querem ser, o estilo de vida, o tempo de estudo que isso vai lhes exigir, a rotina que vão seguir etc. Enfim, significa decidir, a vida. Dessa forma, Cachorro justo decidiu-se enquanto perguntava e perguntava-se, e foi descobrindo, muitas vezes nas dúvidas dos colegas, as respostas procuradas. A leitura da imagem realizada por um dos colegas do grupo elucida o quanto é importante o espaço de escuta que se proporciona com essas perguntas: “Perguntar é aprender, descobrir e crescer.”

## 3. 10 Figura 9 – Coruja



Figura 9 – Texto iconográfico de Coruja

No canto superior direito da folha está colada uma figura de uma paisagem que mostra seis pessoas com os braços erguidos segurando em suas mãos um diploma; ao fundo, a natureza aparece trazendo mais um grupo de pessoas que se encaminham em direção ao grupo dos seis, estas vestindo roupas nas cores preto e branco e cinza. De acordo com a simbologia espacial, essa figura está localizada no ponto que indica a consciência, os objetivos e as projeções. Na parte central da folha encontra-se a figura de uma mulher, que está disposta na folha no ponto que indica o presente, vestindo blusa vermelha, que combina com a cor das suas unhas, com seu olhar na direção do passado e no ponto que sugere a realidade interior; sua mão indica para o canto inferior direito da

folha, ponto que indica o futuro e no qual Coruja colou uma grega, parecendo um arremate da imagem, da mesma cor da blusa e do esmalte da sua unha.

Ao olhar do observador, os olhos iniciam a leitura pelo canto superior direito, descendo até o centro da folha e seguindo em direção ao canto inferior direito, o que passa uma sensação de conjunto e de harmonia no todo da folha. Isso pode estar significando uma proporção áurea ou o número de ouro, que, para Chevalier e Greerbrant (2006), simboliza o dinamismo e o equilíbrio tanto dos seres naturais como das obras de arte. Nesta imagem, a proporção trouxe a beleza do equilíbrio e conduziu o olhar do observador com leveza e movimento, como se pudesse dançar com os próprios olhos enquanto contemplava o texto iconográfico.

Tanto a figura de cima quanto a central, dentro da disposição das três figuras na folha, lembram a forma de um triângulo. Conforme Chevalier e Greerbrant (2006), para os antigos maias, o triângulo é o glifo do raio do sol e do broto do milho que surge da terra; assim, é duas vezes o símbolo da fecundidade. Os triângulos estão ligados às fases do tempo e da vida: presente, passado e futuro, nascimento, maturidade e morte. Esta simbologia do triângulo sugere que Coruja tenha escolhido essa disposição na folha para colocar suas questões adolescentes e poder se olhar desde o ponto de vista de quem lê.

De acordo com Pereira (2005), a adolescência é uma fase conturbada, na qual os jovens têm de dar conta de muitas demandas internas em busca de sua identidade; nesse momento o indivíduo passa por uma crise, explora várias possibilidades ocupacionais, ideológicas, sexuais, precisa lutar para resolver essa crise e, ainda, atender aos desejos parentais, às exigências sociais e às capacidades pessoais. É travada essa luta interna, e que, às vezes, precisa colocar para fora de maneira simbólica para poder entender o que está se passando.

Talvez Coruja esteja pensando, junto com essa forma triangular, nesses três tempos importantes da sua vida. Ao resgatar do passado suas lembranças boas, Coruja quer curtir seu presente, mas, ao mesmo tempo, precisa pensar em seu futuro, no qual já consegue até enxergar o diploma de conclusão sendo entregue às pessoas, que comemoram erguendo seus braços, talvez simbolizando os colegas do grupo.

A figura da mulher que olha sorridente para seu passado e que tem acima de sua cabeça, como se fosse um balão de pensamento usado nas histórias em quadrinho, a imagem de pessoas comemorando o recebimento de um diploma, pode estar significando o seu pensamento no futuro desejado. A leitura feita por um dos colegas diz que a imagem

representa a felicidade por ter resolvido o curso que vai fazer e a visão de num futuro estar conseguindo o diploma universitário.

Conforme Soares:

O conhecimento de si mesmo leva o jovem a perceber-se vivendo um período de crise - está deixando de ser criança para ser um adulto – e a escolha da profissão aparece como a porta de entrada para esse novo mundo. Por ser um período de transição, o jovem sente-se confuso sem saber bem quem é, e quem deseja ser (2002, p. 89).

A crise da adolescência gira em torno desse dilema identificatório no qual precisa descobrir quem realmente é diante das experiências vividas até o momento para poder construir seus sonhos para o futuro. Coruja, ao ler a imagem escolhida, expressa: “Com esses encontros me senti mais segura, descobri como sou realmente, do que gosto, me tranquilizei, antes eu estava em desespero, não tinha idéia do que iria fazer e a cada semana mudava de idéia. Enfim, me descobri”. Pereira (2005) reforça essa idéia de retrospectiva com mescla de introspecção explicando que, para o adolescente, é importante avaliar aquilo em que ele se tornou e pensar sobre o que gostaria de se tornar, para saber aonde deseja ir a fim de atingir seus objetivos. “A conciliação do passado de criança com o futuro de adulto está relacionada a um sentido de tempo e a *perspectiva temporal* é um elemento importante na construção de um sentido de identidade” (PEREIRA, 2005, p.83).

Durante a realização da oficina de Orientação Profissional, Coruja foi uma das participantes que se mostrou bem indecisa e insegura, expressando, com freqüência, o quanto essa indecisão a incomodava. Num de seus desabaços ela fala: “Decisão é uma palavra muito forte. Ter que olhar para frente e se imaginar em alguma profissão, parece fácil; o problema é quando você não sabe a profissão que deseja. Isso representa se tornar gente, mas sem saber ao certo que tipo de gente.” Talvez Coruja tenha escolhido essa ave noturna para significar as suas dúvidas, pois, como a ave, também se sente escondida. Para Durand (2002), a função da imaginação é motivada não pelas coisas, mas pela maneira de carregar universalmente as coisas como um sentido segundo.

O nome coruja remete, acima de tudo, ao símbolo noturno que traz em si a capacidade de eufimizar as situações de conflito; essa ave de hábitos noturnos escolhe símbolos noturnos, a coruja, a lua, o centro. O animal lembra também a Lua, que com suas fases pode estar simbolizando essa mulher de fases, referendada talvez pela imagem da

mulher localizada ao centro da folha e que olha para as três fases do tempo-passado, presente e futuro. Segundo Chevalier e Greerbrant (2006), a coruja é, tradicionalmente, atributo dos adivinhos, simboliza seu dom de clarividência, o que pode significar que essa adolescente esteja utilizando esse dom da ave para ajudá-la a entender seus próprios segredos.

O pensamento da Coruja no futuro aparece enfeitado com o verde da natureza. Conforme Durand (2002), a mãe natureza é um símbolo eterno do feminino, e a escolha dessa figura pode ter muito a ver com o estilo maternal da adolescente. Quanto ao nome de índio, apoiando-se nos populares ditos sobre o animal escolhido, lembra-se que coruja tem a fama de ser uma supermãe. Coruja, a orientanda também manifesta sua “corujisse” com os colegas do grupo quando expressa o carinho e a preocupação que tem por todos. Quando fala da saudades que vai sentir, lembra uma mãezona que se despede dos filhotes dizendo: “Vai ser muito difícil nossa despedida, pois convivemos por tanto tempo, durante todo o ensino médio, e agora nos encontros de orientação profissional, ficamos mais próximos ainda. Ter que interromper esse convívio vai ser bem doloroso, espero que todos sejam muito felizes.”

Esse sentimento de Coruja em relação ao grupo pode ser elucidado por Pereira (2005) quando refere que o papel do grupo de companheiros é muito importante para auxiliar o indivíduo a definir a própria identidade. Na adolescência, essa identificação traz segurança e sentimento de pertença. Talvez para Coruja a separação marque o final de uma etapa prazerosa, na qual se sente mais protegida, e, ao mesmo tempo, convoca-a a tomar o seu caminho. O tempo foi passando e, na expressão de Coruja, podia-se perceber que os medos e as angústias iam se amenizando; assim, e no momento em que coloca a última peça de seu quebra-cabeças, ela fala entre risos e choro: “Me descobri.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento em que ousei me autorizar a ser pesquisadora ouvi dizer que, ao final, poderia me sentir muito solitária. De fato, por alguns instantes me enclausurei para poder me conectar com meus pensamentos, olhares e sentimentos. No entanto, a maior parte do tempo estive acompanhada dos meus alunos/orientandos, sujeitos da minha pesquisa.

No presente trabalho pude aprender a pensar e compreender o ser sensível do adolescente. Pude olhar com eles, para além do que era, simplesmente, explicável; para perceber que são sujeitos em busca de significados. Afinal esse é o sentido da existência humana, como seres de significações subjetivas que se formam e conformam nas relações afetivas que constroem ao longo da sua história de vida.

Poder deixar de lado as verdades e deixar em suspenso as certezas em busca do lugar de autoria de cada indivíduo em seu momento de escolha, foi, sem dúvida, o grande desafio desta pesquisa, na qual o controle absoluto e a previsão dos resultados era impossível.

Os jovens, enquanto construíam seu processo de escolha na oficina, trocavam aprendizagens entre os colegas. Num espaço propício para suas perguntas, foram trazendo com elas angústias que se diluíam junto com as dos colegas. A riqueza das perguntas relacionava-se com a capacidade de permitir perguntar-se.

As atividades realizadas oportunizaram que os participantes pudessem conhecer a si mesmos e, por meio de dinâmicas, configurassem de forma lúdica os conflitos inerentes ao processo decisório. Para poder escolher uma profissão, antes é necessário descobrir o que se é e o que se gosta. Isso só pode ser feito em um espaço de escuta e troca.

O grupo chegou no primeiro encontro com medos e interrogações em relação aos seus desejos, às profissões, ao mercado de trabalho e com uma demanda de respostas prontas que pudessem amenizar suas dores nesse momento. Era o instante de romperem entre o que iriam ser e o que deixariam para trás.

A partir da primeira atividade, já foi dado aos participantes o espaço para deixarem suas marcas na escrita de suas expectativas. Os encontros foram se encaminhando de forma que os adolescentes pudessem ir conhecendo a si mesmos, muitas vezes, por meio do que os próprios colegas mostravam. O grupo foi amadurecendo, os vínculos foram crescendo e foi criado o espaço necessário para a exposição de seus sentimentos desnudados de desconfiança. Brincar de índio autorizou-os a pensarem sobre sua auto-imagem. Com codinomes, puderam olhar para dentro de si e enxergarem-se, sem as amarras externas, que às vezes, podiam impedir que se expressassem espontaneamente.

Escolher implica deixar de lado algumas coisas e optar por outras. Os adolescentes que estão nessa fase, entre uma idade e outra, sentem na pele, a dor da perda nas suas escolhas. Fazer pensável as situações de conflito foi fundamental, sendo que o pensamento não é somente uma produção cognitiva, mas uma rede que se cria com fios da inteligência e do desejo. As vontades foram mostradas por meio de um corpo que se expressou e nesse corpo/olho que tudo vê, desde o seu imaginário.

A escola, muitas vezes, não dá espaço suficiente para esses corpos se esticarem para ocupar o espaço da expressão. Esta proposta de orientação profissional primou pela criação desse espaço, permitindo que os adolescentes espalhassem seus pensamentos e sentimentos de forma destemida. Sentindo-se autorizados por esse espaço criado numa proposta metodológica que olhou com eles, puderam pensar com mais tranquilidade e segurança acerca das perguntas que os rodeavam.

O espaço da sensibilidade criou lugar para que pudessem descobrir o que pensavam. Foi o lugar para aprender a olhar para si e poder projetar um futuro desejado, que fosse além dos mandatos que influenciam sua escolha; deixando de funcionarem como meros aspiradores, escondidos como sujeitos de significado, que pegam tudo o que passa a sua volta para criar as suas significações.

No modo de ver dos adolescentes, a participação na oficina de orientação profissional foi um momento para conhecer, tirar dúvidas, perguntar, aprender, descobrir e crescer. Nesse espaço descontraído e lúdico esses jovens estabeleceram vínculos afetivos que, aos poucos, traduziam-se em expressão de alegria e felicidade, pois, à medida que o tempo passava aprendiam, a seu modo, a escolher.

No início, olhavam para seus sonhos um tanto quanto misturados com os sonhos dos outros. Mas, no decorrer da oficina, foram percebendo suas diferenças, seus desejos, descobrindo-se e conseguindo encontrar o caminho para chegar aos seus sonhos. Nesse momento sentiram-se atores e autores, puderam perguntar, perguntar-se, escolher. Isso trouxe aos adolescentes a sensação de leveza, alegria e felicidade. Como um dos jovens mesmo falou faltava-lhes colorir os desejos que, no início de sua participação nas atividades, pareciam obscuros.

Eu, como pesquisadora, orientadora e dinamizadora das oficinas também fiz escolhas. Os desafios e os desejos também estiveram presentes em mim, durante todo esse processo. Passar por teorias até então um tanto obscuras me fez, muitas vezes, sentir-me adolescente, cheia de dúvidas, medos, inseguranças, tantas foram às vezes em que precisei de uma orientação. Falar do imaginário foi também poder encontrar dentro de mim imagens que mostravam o meu modo de ver.

Eu aprendi que tenho muito a aprender. Aprendi que a imagem diz mais do que simplesmente podemos ver e que nosso imaginário pode nos pregar peças. Aprendi que não existe família ideal, mas idealizamos a nossa. Aprendi que temos que fazer escolhas, que escolher é difícil, mas todos podem escolher, de uma forma ou de outra. Aprendi que a imagem faz parte da nossa vida, contorna nossos desejos e desenha nossos caminhos. Aprendi que nadar só faz sentido quando a recompensa da praia nos aguarda com seu sabor de sal, sol e sonhos.

Se escolhemos os sonhos certos não se sabe, mas que pudemos pensar diferente sobre os sonhos é fato. Todos os participantes da oficina prestaram vestibular para os cursos escolhidos durante o trabalho, oito foram aprovados. Nas suas falas gestos, imagens, pôde-se perceber muitas dúvidas, porém, ao final de tudo, alguma segurança e certeza em como começar a resolvê-las.

O futuro desses jovens sonhadores/questionadores e sua realização na profissão é algo que a orientação profissional não pode garantir, mas nesse trabalho pôde fornecer ferramentas para que os adolescentes pudessem construir as estradas desse destino com mais segurança e menos sofrimento. O olhar dessas crianças crescidas, o sorriso expressado, as lágrimas caídas, as mensagens escritas, os sentimentos vividos ficarão para sempre gravados em minha retina e em meu coração.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra F. C. de. O adolescente e a educação: a função (im) possível dos ideais educativos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. *Anais...* p. 55-68.

ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1987.

ASSIS BRASIL, Maria C. L. P. Um silêncio por dizer. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. *Anais...*p.101-108.

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; o novo espírito científico; a poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa: 70, 1996.

BOCK, Sílvio Duarte. *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2002.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BRASIL. *Código Comercial, Código Tributário e Constituição Federal*. Anne Joyce Angher, coordenação. São Paulo: Rideel, 2003.

BRASIL. Lei nº5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>> Acesso em: 04 mar. 2007.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 1996.

BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: EDUC, 2002.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAPRI, Júlia Ivana; SARTORI, Jerónimo. Arte e arteterapia: uma relação com o desenvolvimento da criatividade .In: ORMEZZANO, Graciela. *Questões de Arteterapia*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 153-173.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CORSO, Mário. Admirável mundo teen. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. *Anais...*p. 119-125.

DAHLKE, Rüdiger. *Mandalas: formas que representam a harmonia do somos e a energia divina*. São Paulo: Editora Pensamento, 2003.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ERIKSON, Erik. *O ciclo da vida completo*. Trad . Maria Adriana Veríssimo Veronese.- Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

FERNANDÉZ, Alicia. *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FREIRE, Marcelo M. O desencadeamento da psicose na adolescência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. *Anais...*p.159-164.

FRISCHENBRUDER, Sandra L. Sobre o final da adolescência: o lugar da profissão na passagem à vida adulta. In: LASSANCE, M. C. P. et al. *Intervenção e compromisso social: orientação profissional: teoria e técnica*. São Paulo: Vetor, 2005. v. 2.p. 107-120.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini. *Orientação vocacional por atividades: uma nova teoria e uma nova prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. *Adolescência, psicanálise e educação: o mestre "possível" de adolescentes*. São Paulo: Avercamp, 2003.

HOYER, Cristina. Uma estranheza inquietante. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. *Anais...*p.165-170.

LISBOA, Marilu Diez. A formação de orientadores profissionais: um compromisso social multiplicador. In: LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). *Orientação profissional em ação – formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus, 2000. p. 11-23.

\_\_\_\_\_. Orientação profissional e mundo do trabalho: reflexões sobre uma nova proposta frente a um novo cenário. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Orgs.). *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 33-50.

LOPES, André L. O. O corpo do adolescer do corpo do outro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. *Anais...*p.171-176.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo: Summus, 1993.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. *Conheça bem, eduque melhor: crianças e jovens*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MELLO, Fernando Achilles F. *O desafio da escolha profissional*. Campinas: Papirus, 2002.

MELMAN, Charles. O que é um adolescente? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. *Anais...*p.21-36.

ORMEZZANO, Graciela Rene. *Imaginário e educação: entre o homo symbolicum e o homo estheticus*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

ORMEZZANO, Graciela; TORRES, Maria Cecília A. *Máscaras e melodias: duas visões entre arte e educação*. São Miguel do Oeste: Ed. Arco Íris, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre a imagem visual e o imaginário. In: ORMEZZANO, Graciela René (Org.). *Questões de arteterapia*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 86-94.

OSÓRIO, Luiz Carlos. *Adolescente hoje*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OUTEIRAL, José. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, C. (Org.). *Geração Delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001. p.13-28.

PAÏN, Sara; JARREU, Gladys. *Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996.

PAROLIN, Isabel C. H. Adolescência nossa de cada dia. In: WEINBERG, C. (Org.). *Geração delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001. p.115-126.

PELLETIER, Denis; BUJOLD, Charles; NOISEUX, Gilles. *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal: enfoque operatório*. Petrópolis: Vozes, 1977.

PERDOMO, Maria Cristina. Lágrimas e rock'n roll. In: WEINBERG, C. (Org.). *Geração delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001. p.137-148.

PEREIRA, Antonio Carlos Amador. *O adolescente em desenvolvimento*. São Paulo: HARBRA, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido et al. *Uma orientação educacional para uma nova escola*. São Paulo: Loyola, 1990.

PORTAL, Frédéric. *El simbolismo de los colores: en la antigüedad, la edad media y los tiempos modernos*. Barcelona: Sophia Perennis, 2000.

RAPPAPORT, Clara Regina. *Escolhendo a profissão*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

ROBLES, Teresa. *Concerto para quatro cérebros: em psicoterapia*. Belo Horizonte: Diamante, 2001.

RODULFO, Ricardo. *O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a contituição precoce*. Ricardo Rodulfo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SOARES, Dulce Helena Penna. *O jovem e a escolha profissional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002.

SOARES, Dulce H. P. et al. O uso de madalas na orientação profissional. In: ORMEZZANO, Graciela. *Questões de Arteterapia*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 60-75.

SPARTA, Mônica. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 4, n.1/2, p.1-12, jan/jul. 2003.

SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrew. *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

WEINBERG, Cybelle (Org.). *Geração Delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 2002

# APÊNDICE

## APÊNDICE A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Solicito a participação de seu filho (a) em um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido pela professora Marlei Teresinha Santos de Moraes, orientadora do Centro de Ensino Médio Integrado UPF, coordenadora do serviço de Orientação Educacional do Centro de Ensino Médio Integrado UPF, psicopedagoga e aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. A professora realizará uma pesquisa com adolescentes, alunos do terceiro ano do Ensino Médio da escola, que participarão de oficinas de orientação profissional. Os objetivos do estudo são: Buscar entender o significado das expressões adolescentes durante sua participação nas oficinas de orientação profissional e sistematizar uma proposta metodológica em orientação profissional que possa dar conta da construção da identidade vocacional de alunos do terceiro ano do ensino médio. As oficinas serão desenvolvidas na escola, em onze encontros, no turno inverso da aula, com horário a combinar com os participantes e terão, no máximo, dez alunos em cada grupo, para que a realização das dinâmicas possa oportunizar debates e expressão de todos os participantes. A escolha dos participantes se dará de forma voluntária, a partir dos interesses dos alunos. A proposta das oficinas de orientação profissional não possui riscos e terá benefícios aos alunos, uma vez que, estará auxiliando-os a resolverem a conflitiva da escolha profissional. Este trabalho já vem sendo desenvolvido na escola como parte do projeto de orientação profissional, sendo que, nesta pesquisa, se fará uma fundamentação teórica que poderá comprovar as possibilidades e limites desta metodologia com jovens em situação de escolha profissional. A cada encontro, seu filho (a) realizará atividades de dinâmicas de grupo, sensibilização, autoconhecimento, produções textuais, jogos e atividades de artes plásticas.

Gostaríamos de deixar claro que seu filho (a) está livre para participar ou não da pesquisa e que seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura. O material produzido pelos participantes será utilizado somente para fins de investigação e destruído após a conclusão da pesquisa. Se tiver alguma pergunta a fazer, sinta-se à vontade para fazê-la, antes, durante, ou depois da realização do trabalho.

### CONSENTIMENTO

Eu concordo que meu filho (a) participe do projeto de pesquisa mencionado e autorizo que sejam utilizadas as imagens por ele (a) criadas e dados fornecidos. A pesquisadora informou-me sobre o caráter voluntário da participação nas oficinas, o direito de negar o meu consentimento a qualquer momento e o direito ao tratamento confidencial das informações fornecidas. Minhas dúvidas foram

esclarecidas. Eu compreendi que me será dada uma cópia assinada deste consentimento. Eu li, compreendi este documento e concordo que meu filho (a) participe deste estudo.

Data: .....

Nome do filho (a) : .....

Assinatura do responsável: .....

Nome da pesquisadora: .....

Assinatura da pesquisadora: .....

Telefone para contato: (54) 9964-3532.

Telefone de contato do Comitê de Ética em Pesquisa para esclarecimento de dúvidas e o outras informações é (54) 3316-8370.